


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PATRICIA BOMTORIN

AS CONSTRUÇÕES VERBAIS PARATÁTICAS:
Gramaticalização em Italiano



ARARAQUARA – S.P.
2015

PATRICIA BOMTORIN

AS CONSTRUÇÕES VERBAIS PARATÁTICAS: Gramaticalização em Italiano

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientador: Angelica Terezinha Carmo Rodrigues

Bolsa: FAPESP

ARARAQUARA – S.P.
2015

PATRICIA BOMTORIN

AS CONSTRUÇÕES VERBAIS PARATÁTICAS:

Gramaticalização em Italiano

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática
Orientador: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
Bolsa: FAPESP

Data da defesa: 14/05/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof^a. Dr^a. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara – SP.

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Cristina Martins Fargetti

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara – SP.

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Cristina dos Santos Carvalho

Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que foram meus exemplos de vida, que me apoiaram em todos os momentos, que sempre acreditaram que eu seria capaz de atingir mais esse objetivo, apesar das dificuldades.
Aos meus pais Cleide Aparecida O. Bomtorin e Antonio Carlos Bomtorin.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Cleide e Antonio, que sempre me apoiaram e me ajudaram a atingir mais esse objetivo – sem eles, nada teria sido possível;

Aos meus irmãos Francisco e Fernando por todo apoio prestado sempre;

À minha orientadora Angélica Rodrigues, afinal, sem ela, eu não teria chegado até aqui, já que deu todo o suporte necessário para a finalização de mais um estudo científico;

Às amigas queridas que ficaram ao meu lado, dando apoio em todas as horas – Andressa Somensi, Gisane Gasparotto, Heloísa Bacchi Zancheta, Natália A. Canteiro Bisio, Marina Almeida Dantas e Ana Luisa Brocco Ferrari;

Aos amigos de infância que, mesmo não estando presentes fisicamente, sempre estiveram aqui em coração, me apoiando sempre que precisei – Aline Ingridy Costa, Erica Casarini Silva e Luiz Felipe Blander;

Aos colegas da área e amigos Patrícia Oréffice, Felipe Aleixo e Flávia Berto, que sempre me ajudaram quando precisei, sempre me fizeram companhia na faculdade, nos eventos da área e em várias outras situações;

Às agências financiadoras CAPES e FAPESP, que forneceram todos os recursos necessários para a realização deste trabalho.

Tutto cambia. [...] Non dare mai niente per certo. Finché vivi niente resta immutato. Ciò che non cambia muore. (FALWORTH, 2011, p. 98)

RESUMO

Esta pesquisa visa a estudar, na língua italiana, a ocorrência de um tipo particular de construção, a saber, as construções verbais paratáticas (CVPs, daqui em diante). As construções focalizadas nesta pesquisa formam-se a partir de dois ou mais verbos flexionados, conectados ou não pela conjunção *e*, como por exemplo: *se ne va e piange* (“vai-se chora”), *prendo e me ne vado* (“pego e vou-me embora”). Nossa investigação inicial consistiu na documentação destas construções a partir de *corpora* do italiano. Todavia, considerando que o estudo das CVPs é incipiente no italiano, sua descrição e análise ainda carecem de um estudo exaustivo, que vise à análise de sua estrutura e função. Desse modo, nosso objetivo é aprofundar o trabalho iniciado em nível de iniciação científica, com foco nas seguintes questões: estatuto categorial das CVPs como um tipo de predicação complexa não previsível no âmbito da gramática do italiano contemporâneo (a saber, serialização verbal); e gramaticalização, tendo em vista os processos de mudança envolvidos na emergência dessa construção. Nossa hipótese é a de que as CVPs sejam consideradas como construções de foco. Adotamos os pressupostos teóricos da gramática funcional, visto que esta pesquisa tem por objetivo estudar a língua em uso. Dentro do funcionalismo, cabe estudar outros pontos caros a este trabalho, como: a estrutura informacional, a categorização, a gradiência da predicação complexa, a auxiliaridade e a serialização verbal. A metodologia empregada aqui consta da análise dos dados coletados a partir dos *corpora* CORIS e LABLITA (do projeto C-ORAL-ROM), além de buscas na *web* a partir do site *google*, sendo que foi efetuada uma pesquisa quantitativa sobre estes dados com uso do programa GOLDVARB. A análise efetuada a partir destes *corpora* focou na estrutura das CVPs; na sua função, haja vista que propomos sua interpretação como construções de foco; em sua categorização, visto que as CVPs compartilham algumas propriedades com a auxiliaridade e a serialização verbal – sendo que os dados mostram uma aproximação maior das CVPs com estas construções com verbos seriais.

Palavras – chave: Construções. Gramaticalização. Italiano. Auxiliaridade. Serialização.

ABSTRACT

This work aims to study, in Italian, the occurrence of a particular type of construction, which are the paratactic verbal constructions (PVCs, henceforth). The constructions focused in this research are formed by two or more verbs inflected, connected or not by the conjunction *and*, as in: *se ne va e piange* (“go and cry”), *prendo e me ne vado* (“I take and go away”). Our initial investigation consisted in the documentation of these constructions through corpora from Italian. However, considering that the study of the PVCs are incipient in Italian, its description and analysis still need an exhaustive study, which aims the analysis of its structure and function. Therefore, our objective is to deepen the work begun in scientific initiation level, focusing in the following questions: categorial status of the PVCs as a type of complex predicate not predictable in the ambit of the contemporary Italian grammar (as verbal serialization); and grammaticalization, due to the processes of change involved in the emergence of this construction. Our hypothesis is that the PVCs are considered as focus constructions. We adopt the theoretical presuppositions of the functional grammar, since this research has as an objective to study the language in use. In the functionalism, there are some other issues relevant to this work, as: the informational structure, the categorization, the gradience of the complex predicates, the auxiliary constructions, and the verbal serialization. The methodology employed here is constituted by the analysis of the collected data through the corpora CORIS and LABLITA (from the C-ORAL-ROM project), besides a search on the web through *Google*, and a quantitative research was carried out about these data using the GOLDVARB programme. The analysis made through these corpora focalized in the structure of PVCs; in their function, since we propose their interpretation as focus constructions; in their categorization, due to the fact that the PVCs share some properties with auxiliary constructions and verbal serialization – and the data show a wider approximation of the PVCs with these constructions with serial verbs.

Keywords: Constructions. Grammaticalization. Italian. Auxiliary. Serialization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: nível sintático.....	20
Figura 2: paralelismo dos <i>continua</i> de ligação de cláusulas	21
Figura 3: o <i>continuum</i> dos tipos de sentenças complexas	22
Figura 4: esquema do desenvolvimento do auxiliar <i>be going to</i>	35
Figura 5: esquema revisado do desenvolvimento do auxiliar <i>be going to</i>	37
Figura 6: CVP no nome de uma agência de viagens.....	66
Figura 7: Ferramenta de busca do CORIS	67
Figura 8: Ferramenta de busca do C-ORAL-ROM.....	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tempos verbais.....	77
Tabela 2: Pessoas do discurso	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	Pronome acusativo
AUX	Verbo auxiliar
CFF	Construção do tipo <i>foi fez</i>
CVP	Construção Verbal Paratática
CVS	Construção Verbal Serial
Fut.	Futuro
GC	Gramática de Construções
Ger.	Gerúndio
Ind.	Modo indicativo
Inf.	Infinitivo
Imp.	Imperativo
Imperf.	Pretérito imperfeito
Part.	Particípio
part.	Partícula
PB	Português do Brasil
Perf.	Pretérito perfeito
pl.	Plural
Prep.	Preposição
Pres.	Presente
PROG	Progressivo
PVC	Paratactic Verbal Constructions
Refl.	Pronome reflexivo
sg.	Singular
SN	Sintagma nominal
SPrep.	Sintagma preposicional
SV	Sintagma verbal
SVC	Serial Verb Construction
Subj.	Modo subjuntivo
V	Verbo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Gramática funcional	15
2.1.1 Categorização	17
2.1.2 Gradiência da predicação complexa	20
2.1.3 Estrutura Informacional	26
2.1.4 Gramaticalização	29
2.1.5 A gramaticalização dos verbos auxiliares	40
2.1.6 Gramaticalização, Gramática de Construções e construcionalização	43
2.1.7 Serialização verbal.....	47
2.1.8 Estudos prévios sobre as CVPs	62
3. METODOLOGIA.....	64
4. ANÁLISE	72
4.1 <i>Andare e prendere</i> : sentidos	72
4.2 Perífrases verbais e o verbo <i>andare</i>	74
4.3 Propriedades estruturais e funcionais das CVPs no italiano	76
4.3.1 Propriedades estruturais.....	76
4.3.2 Propriedades funcionais.....	88
4.4 A reanálise das CVPs	90
4.5 Verbos em posição de V1 nas CVPs <i>versus</i> verbos auxiliares.....	92
4.6 Estatuto categorial das CVPs na gramática do italiano	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	106

1. INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é analisar quantitativamente e qualitativamente as propriedades estruturais e funcionais de um grupo de construções identificadas por Rodrigues (2011), a saber, as Construções Verbais Paratáticas (CVPs, daqui em diante), na língua italiana. As CVPs são construções esquemáticas¹, em que os verbos em posição de V1 analisados foram *prendere* e *andare*, sendo que a classe de V2 é relativamente aberta. Estes verbos podem ser ligados pela conjunção *e*. A ocorrência (1) é representativa destas construções italianas:

1) Si continui su questa linea di risposta
Se continuar-Pres.Subj.2sg. em essa linha de resposta

prendo e me ne vado.
pegar-Pres.1sg. e refl. part. ir-Pres.1sg.
Se você continuar nessa linha de resposta, eu pego e vou-me embora.
(SubCorpus:MON2008_10/ Section: MON2008_10)

Os objetivos específicos desta pesquisa são: (1) advogar a favor do estatuto categorial das CVPs como um tipo de predicação complexa não previsível no âmbito da gramática tradicional do italiano contemporâneo²; e (2) mostrar o estágio de gramaticalização das CVPs. Em relação ao objetivo (1), a hipótese é a de que as CVPs apresentam propriedades compatíveis com os processos de serialização verbal. Já em relação ao objetivo (2), serão mostrados os processos de mudança envolvidos na emergência dessas construções.

A sintaxe italiana conta com numerosas perífrases verbais de tipo modal e temporal. Os verbos *essere* (ser, estar) e *avere* (ter), por exemplo, atuam como auxiliares na formação de tempos verbais compostos. Entretanto, os verbos presentes nas CVPs diferem muito dos verbos auxiliares que formam tempos compostos. Verbos como *andare* (ir) e *prendere* (pegar), constituintes das CVPs na posição de V1, não apresentam as mesmas propriedades que os auxiliares de tempos verbais compostos e não são incluídos nas descrições da gramática tradicional do italiano. Portanto, são construções que apresentam um estatuto independente na gramática do italiano.

¹ Segundo Croft (2001, p. 15), construções esquemáticas (ou substantivas) não são completamente determinadas lexicalmente, apresentando, ao contrário, posições sintáticas que podem ser preenchidas por um grupo (restrito) de determinados itens lexicais.

² Apesar de haver muitos dialetos italianos, este projeto visa a estudar as CVPs apenas no italiano padrão, que derivou do dialeto toscano florentino.

Neste trabalho, será mostrado que as CVPs podem ser comparáveis a construções com verbos seriais, sendo que com estas construções as CVPs possuem mais propriedades em comum que com auxiliaridade. Tanto a serialização verbal quanto a auxiliaridade, de acordo com Lehmann (1988) e Croft (2001), encontram-se num *continuum* de predicação complexa entre construções coordenadas e subordinadas. Portanto, defende-se que as CVPs também se posicionam no intermédio do *continuum* da predicação complexa.

A presente pesquisa integra um projeto maior, a saber, “Gramaticalização de construções em línguas românicas”, coordenado pela Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues e desenvolvido na UNESP/Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (2011). Além de vincular-se a um projeto maior de estudo comparativo das línguas românicas, o objetivo de analisar as CVPs em italiano se justifica pela escassez de trabalhos relativos a esse tipo de construção na língua italiana. O único estudo de que temos notícia a esse respeito é o de Eugenio Coseriu (1977). Porém, como será visto na seção 2, o autor apenas apresenta uma ilustração do uso dessas construções em italiano, uma vez que não oferece nenhuma proposta de sistematização. Dessa maneira, essas construções residem como um aspecto da gramática italiana pouco estudado.

Portanto, o estudo das CVPs na língua italiana foi aprofundado, levando em conta o levantamento e a descrição dessas construções a partir dos *corpora* que serão explicitados na seção 3 e de uma abordagem teórica funcional, que será delineada na seção 2 deste trabalho. Desta forma, esta pesquisa justifica-se uma vez que seu objeto de estudo representa um tipo de construção pouco estudado e sem muita referência na literatura.

A análise das CVPs na língua italiana efetuada aqui considerará tanto aspectos sintáticos quanto semântico-pragmáticos e morfossintáticos, seguindo uma perspectiva teórico-metodológica da Linguística Funcional (vertente americana), cujo conceito de gradiência é fundamental para nossa análise. Os estudos em gramaticalização e em gramática de construções também constituem base teórica essencial para o entendimento das CVPs, visto que são construções diferenciadas no italiano, que se formaram a partir de gramaticalização e, sendo assim, os verbos não podem ser estudados independentemente; as construções são o nível sintático mínimo de análise.

Este estudo organiza-se da seguinte maneira. Na seção 2, será apresentada a fundamentação teórica, fazendo uma breve revisão a respeito da literatura sobre a gramática funcional, a categorização, a gradiência da predicação complexa, a estrutura informacional, a gramaticalização e a gramática de construções, a auxiliaridade, a serialização verbal e, por fim, os estudos anteriores sobre as CVPs.

Na seção 3, serão explicitados os procedimentos metodológicos escolhidos para orientar nossa análise e discussão dos dados. Nesta seção, serão descritos os *corpora* envolvidos na realização das buscas dos dados e os grupos de fatores definidos para a pesquisa quantitativa dos dados.

A seção 4 reserva-se à análise e discussão dos dados da pesquisa. Primeiramente, serão delineados os sentidos dos verbos *andare* e *prendere*, justificando seu uso. Em seguida, serão mostradas perífrases verbais com o verbo *andare*. Logo após, serão apresentadas as propriedades estruturais e funcionais das CVPs no italiano e a reanálise a que este tipo de construção se sujeita. Em seguida, serão comparadas as CVPs e as construções com verbos auxiliares. Por fim, o estatuto categorial das CVPs será discutido, comparando-as com serialização verbal.

A seguir, parte-se para as considerações finais, contemplando os objetivos e construindo significados para encaminhamentos futuros. Por fim, encontram-se as referências bibliográficas consultadas para o desenvolvimento do trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O embasamento teórico deste trabalho fundamenta-se numa abordagem funcional da gramática, que pressupõe, entre outros aspectos, a gradiência das categorias linguísticas, incluindo os estudos em gramaticalização. Com vistas a apresentar uma análise mais bem fundamentada possível, serão feitas algumas reflexões inspiradas na gramática de construções. Serão explicitados também nesta seção os conceitos de estrutura informacional e de categorização e as construções verbais pertencentes ao *continuum* de predicação complexa, a saber, a auxiliabilidade e a serialização verbal, além de estudos prévios sobre as CVPs.

2.1 Gramática funcional

A gramática funcional é entendida como uma “teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social [...], e que entende a gramática como acessível às pressões do uso” (NEVES, 2004, p. 15).

Assim, consoante Neves (2004, p. 15) , é muito importante para a teoria funcional o conceito de competência comunicativa, que remete a Dell Hymes, e caracteriza-se por “a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória”.

Dessa maneira, Neves (2007, p. 17) propõe como temas centrais numa gramática funcionalista: o uso (em relação ao sistema); o significado (em relação à forma); e o social (em relação ao individual). Assim, no funcionalismo,

estruturas linguísticas são [...] configurações de funções, e as diferentes funções são os diferentes modos de significação no enunciado, que conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua. Nessa concepção, funcional é a comunicação, e funcional é a própria organização interna da linguagem (NEVES, 2007, p. 18).

Além disso, Neves (2007), apoiada em Gebruers (1987), postula que a linguagem pode ser considerada como dinâmica. Assim, as relações entre estrutura e função são tidas como instáveis, visto que a força dinâmica subjaz ao constante desenvolvimento da linguagem. “Dinamismo, afinal, é componente necessário de qualquer consideração dos componentes linguísticos (sintático-semânticos) vistos no uso real, ou seja, na interação verbal (componente pragmático)” (NEVES, 2007, p. 18).

Dessa maneira, as propriedades sintáticas baseiam-se nas propriedades do discurso; e “admitir determinações discursivas na sintaxe equivale a incorporar a pragmática na gramática” (NEVES, 2004, p. 28).

Assim, a gramática funcional, de acordo com Nichols (1984, p. 97), além de estudar a estrutura gramatical, também leva em conta a análise da situação comunicativa: a finalidade do evento de fala, seus participantes, seu contexto discursivo.

O funcionalismo, segundo Nichols (1984, p. 97), defende que a situação comunicativa estimula, delimita, ou até mesmo determina a estrutura gramatical e, portanto, forma e função linguísticas se interdependem.

O termo *função*, ainda nos termos de Nichols (1984, p. 98), é polissêmico. Todos os seus sentidos significam a dependência de algum elemento estrutural dado em relação a outros elementos linguísticos de outra ordem ou domínio; e todos têm a ver com o papel representado por um elemento estrutural dado no todo da linguagem e da comunicação. Entretanto, a maioria dos trabalhos funcionalistas usam *função* no sentido de finalidade e contexto (pragmática). Teleologicamente³, este termo tem uma leitura instrumental: a função é vista como tendo relação com o uso volicional da linguagem para atingir algum objetivo (NICHOLS, 1984, p. 101).

Portanto, a essência do funcionalismo é que as expressões linguísticas são o resultado de uma intenção comunicativa, uma vez que o que é “comunicado” não é somente o conteúdo, a denotação, a referência-e-predicação, ou o lado cognitivo e intelectual da língua, mas também a natureza do evento de fala como um fenômeno cultural e cognitivo e a intenção dos participantes (NICHOLS, 1984, p. 101-102).

Tendo em vista este panorama da gramática funcional, nas próximas subseções, serão explicitados alguns conceitos caros ao funcionalismo, como a categorização, que é relevante nesse trabalho, uma vez que as CVPs não podem ser facilmente incluídas nas categorias verbais mais prototípicas, já que as construções estudadas aqui se aproximam de outras construções no *continuum* da predicação complexa, como a auxiliaridade e a serialização verbal. Assim, ambos os conceitos (categorização e predicação complexa) serão explicitados a seguir.

³ Segundo Neves (2004, p. 8), a asserção básica da teleologia é: “Um fenômeno *x* é um meio para a realização de um fim *F*” ou então “Um fenômeno *x* tem uma função *f*”.

2.1.1 Categorização

Consoante Lakoff (1987, p. 6), desde Aristóteles até estudos anteriores a Wittgenstein (1953), as categorias eram tidas como bem entendidas e não-problemáticas: *containers* abstratos, com coisas ou dentro ou fora da categoria; coisas eram supostas a estar na mesma categoria, se, e somente se, elas tivessem certas propriedades em comum e tais propriedades eram tidas como definidoras da categoria. Porém, estes estudos não tinham dados empíricos, eram pensados filosoficamente.

A primeira grande quebra na teoria clássica, embora ainda sem dados empíricos, foi empreendida por Wittgenstein (1953). A categoria clássica tem limites claros, que são definidos por propriedades em comum. Porém, Wittgenstein notou que uma categoria como ‘jogo’ não encaixa no molde clássico, visto que não há propriedades compartilhadas por todos os jogos. Alguns envolvem mera diversão, outros envolvem sorte, outros envolvem habilidade. Apesar de não haver uma coleção de propriedades que todos os jogos compartilham, esta categoria é unida por o que Wittgenstein chama de ‘semelhanças de família’. Membros de uma família parecem um ao outro de várias formas: eles podem compartilhar o mesmo tronco ou as mesmas características faciais, a mesma cor de cabelo ou temperamento, entre outros. Mas não precisa haver uma única coleção de propriedades compartilhadas por todos em uma família. Desta forma, jogos são como famílias: os membros são similares uns aos outros em variados modos. Isto, e não uma única, bem-definida coleção de propriedades em comum, é o que faz do jogo uma categoria (LAKOFF, 1987, p. 16).

Wittgenstein, ainda de acordo com Lakoff (1987, p. 16), também observou que não havia limite fixo para a categoria jogo, que pode ser estendida e novos tipos de jogos introduzidos, desde que eles se assemelhem a jogos prévios de maneira apropriada. Um exemplo de extensão da categoria jogo é a introdução dos video-games nos anos 1970.

Berlin e Kay, por seu turno, segundo Lakoff (1987, p. 24), encontraram a primeira regularidade no que eles chamaram de termos de cores básicos. Para um termo de cor ser básico, ele deve consistir de apenas um morfema, como verde (e não verde escuro, por exemplo); a cor referida pelo termo não pode estar contida em outra cor (escarlate, por exemplo, está contida no vermelho); ele não pode ser restrito a um pequeno número de objetos (loiro, por exemplo, está restrito a cabelo, madeira e talvez alguns outros objetos); ele deve ser comum e geralmente conhecido (como amarelo em oposição a açafrão).

Os termos de cores básicos nomeiam categorias de cores básicas, cujos membros centrais são os mesmos universalmente – sempre há uma categoria psicologicamente real

VERMELHO, com vermelho focal como o melhor exemplo, ou o mais puro. As categorias de cor que os termos de cores básicas podem ser adicionados são os equivalentes a: preto, branco, vermelho, amarelo, verde, azul, marrom, roxo, rosa, laranja e cinza. Porém, nem todas as línguas diferenciam conceptualmente todas estas categorias de cores. Muitas línguas têm menos categorias básicas (BERLIN; KAY, 1969 *apud* LAKOFF, 1987, p. 24-25).

A seguir, trataremos do primeiro estudo empírico sobre categorização, o qual foi empreendido por Eleanor Rosch (1978), dentro da psicologia cognitiva. De acordo com Lakoff (1987, p. 7), Rosch observou que as categorias em geral têm melhores exemplos (chamados “protótipos”) e que todas as capacidades especificamente humanas possuem um papel na categorização.

Ao contrário do que defendia a teoria clássica, Rosch mostrou assimetrias entre membros de uma categoria e estruturas assimétricas nas categorias. A pesquisadora começou estudando as cores na língua Dani, por influência de Berlin e Kay (LAKOFF, 1987, p. 40).

As cores focais correspondem ao que Rosch chamou de pontos de referência cognitiva e subcategorias de protótipos ou membros de uma categoria que têm um *status* cognitivo especial – aquele de ser um “melhor exemplo”. Os membros mais representativos de uma categoria são chamados de membros “prototípicos”. Por exemplo, pintarroxos são julgados a ser mais representativos da categoria PÁSSARO do que galinhas e pinguins (LAKOFF, 1987, p. 41).

Ainda segundo Lakoff (1987, p. 58), as categorias linguísticas devem ser do mesmo tipo que outras categorias no nosso sistema conceptual. Particularmente, elas devem mostrar efeitos de protótipo e de nível básico.

O estudo de efeitos de protótipo tem uma longa tradição em Linguística, consoante Lakoff (1987, p. 59). A maioria dos tipos de efeitos que têm sido estudados são assimetrias em categorias e gradações longe de um melhor exemplo. O estudo de certos tipos de assimetrias nas categorias é conhecido na Linguística como o estudo da marcação. O termo ‘marcação’ surge de um fato de que algumas categorias morfológicas possuem uma “marca” e outras são “não-marcadas”, como por exemplo a oposição entre singular (não-marcada) e plural (marcada com *s*).

Taylor (1995), por seu turno, propõe uma discussão acerca dos efeitos de prototipia nas categorias linguísticas. Para discutir o conceito de prototipia, o autor retoma os trabalhos anteriores sobre a categorização das cores. Taylor justifica o uso da terminologia das cores devido ao fato de que ela fornece um fundo de teste ideal para as teorias de categorização. “As categorias não têm uma base no ‘mundo real’ nem perceptual, a realidade é um

continuum e a categorização dela é questão de convenção” (TAYLOR, 1995, p. 2). Por causa do *continuum*, não há uma demarcação exata das categorias das cores, ainda que as pessoas reconheçam categorias discretas, que são um produto da experiência aprendida da língua, visto que as línguas diferem consideravelmente, tanto em relação ao número de cor que elas possuem quanto à denotação desses termos (TAYLOR, 1995, p. 3).

Após retomar a visão clássica da categorização, nos termos de Aristóteles, Taylor (1995, p. 38-40) também trata da visão de Wittgenstein, sobre semelhanças de família. Porém, tal visão não é a mais indicada por não relatar sobre a escolha de exemplares e, assim, o autor conclui que a teoria dos protótipos parece ser mais indicada para a análise das categorias linguísticas.

Taylor (1995, p. 59-60) define um protótipo em duas maneiras: o termo pode ser aplicado a um membro central, ou ao grupo de membros centrais, de uma categoria; alternativamente, protótipo pode ser entendido como uma representação esquemática do núcleo conceptual de uma categoria. Nesta abordagem, o protótipo não é uma entidade particular, mas esta instancia o protótipo. O autor prefere adotar a abordagem mais abstrata, visto que até na visão de protótipo como um exemplar, precisa-se ainda postular uma representação mental do protótipo, para que o falante consiga identificá-lo em diferentes ocasiões. Entidades são designadas membros de uma categoria em virtude da sua similaridade ao protótipo; quanto mais próxima uma entidade for do protótipo, mais central é seu *status* na categoria.

Ao citar a teoria dos protótipos, Ferrari (2011, p. 38-39), por sua vez, tira algumas conclusões a respeito dos trabalhos de Rosh: a) “as categorias não representam divisões arbitrárias de entidades do mundo, mas surgem baseadas em capacidades cognitivas da mente humana”; b) as “categorias [...] são ancoradas em protótipos conceptualmente salientes, que desempenham papel crucial na formação dessas categorias”; e c) “as fronteiras das categorias cognitivas são imprecisas, de modo que categorias vizinhas não são separadas por limites rígidos, mas há uma zona de intersecção”.

De acordo com Ferrari (2011, p. 41), existem membros intermediários entre os protótipos e as fronteiras categoriais, que se organizam seguindo uma escala de prototipicidade. Assim, numa categoria, há “desde representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial”.

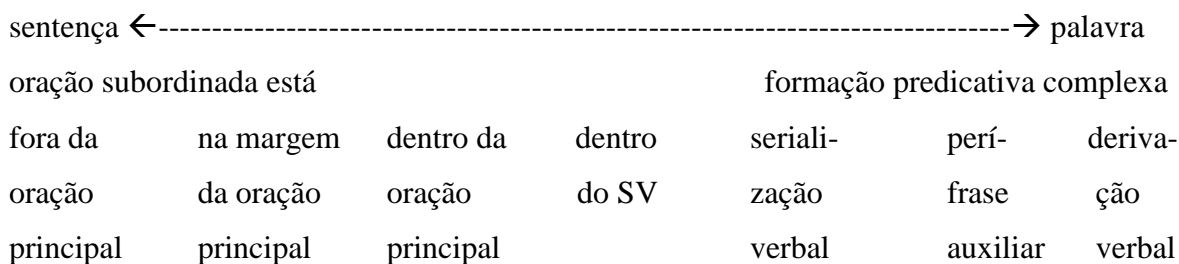
Na seção 4, será defendido que as CVPs, apesar de sua dificuldade de categorização, se assemelham a construções com verbos seriais, após uma comparação também com verbos

auxiliares. Estas comparações são possíveis, tendo em vista que existe uma gradiência na predicação complexa, em que auxiliaridade e serialização verbal se interrelacionam.

2.1.2 Gradiência da predicação complexa

Por prever que as CVPs estariam no intermédio de um *continuum* de predicação complexa, seguem-se postulações a esse respeito. No bojo das bases teóricas dos estudos sobre gramaticalização que serão explicitados na seção 2.1.4, Lehmann (1988) propõe a existência de um *continuum* de predicação complexa que envolve, em última análise, a gramaticalização de perífrases verbais. O linguista define o termo ligação de cláusulas como: a relação de dependência ou associação obtida entre as orações na sentença. Assim, o autor ilustra o *continuum* existente no nível sintático:

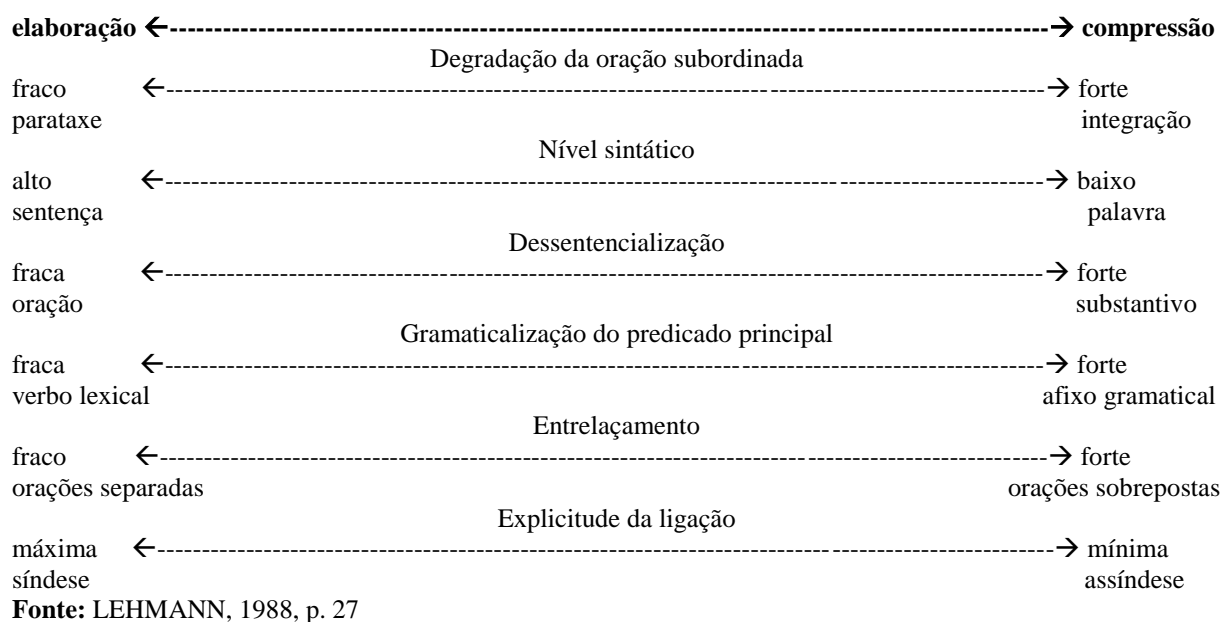
Figura 1: nível sintático



Fonte: LEHMANN, 1988, p. 10

De acordo com Lehmann (1988, p. 4), considerando seis *continua* (figura 2) que partem de um polo de máxima elaboração a outro de máxima compressão, pode-se observar, entre outras coisas, a degradação hierárquica da sentença subordinada em relação à matriz. No polo esquerdo (máxima elaboração), não há uma relação hierárquica entre as duas orações que formam uma sentença complexa (parataxe). Já no polo direito, há uma clara relação hierárquica entre a oração matriz e a subordinada, que se dessentencializa. Entre os dois polos, entretanto, há várias construções em que as orações subordinadas são degradadas em variados níveis, incluindo a serialização e as perífrases auxiliares, o que envolve o processo de gramaticalização. A partir da análise efetuada neste trabalho, propomos que as CVPs aproximam-se da serialização e da auxiliaridade, sendo resultado, assim como estas, do processo de gramaticalização.

Figura 2: paralelismo dos *continua* de ligação de cláusulas

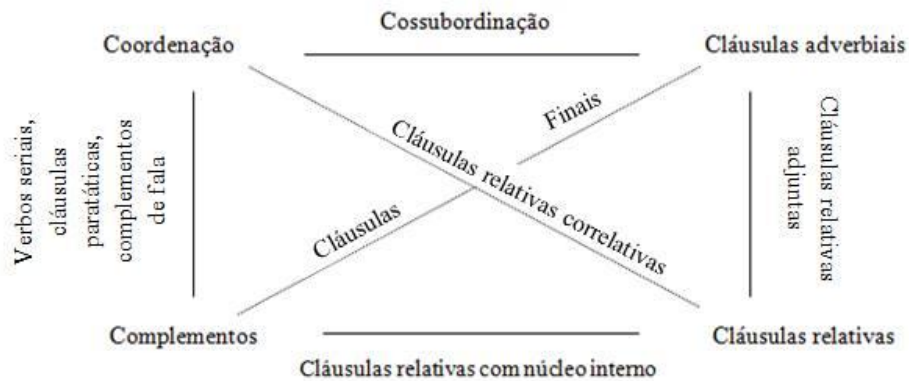


Esta figura nos mostra um denominador funcional comum em todos os *continua*: todos se estendem de um polo de máxima elaboração para um polo de máxima compressão de informação lexical e gramatical. As forças opostas sendo complementares podem-se combinar os dois pontos de vista metodológicos. Em um quadro funcionalista, a ligação de cláusulas pode ser vista como representando dois estados de coisas tão fortemente interconectados que formam um estado de coisas complexo (compressão), ou, pelo contrário, analisando um estado de coisas como composto de dois (elaboração). Em ambos os casos, o parentesco cognitivo dos dois estados de coisas é espelhado no modo em que eles são ligados na linguagem.

Croft (2001), por seu turno, também propõe a reinterpretação dos processos de combinação de cláusulas com base num *continuum* de tipos de sentenças complexas, considerando que predicados complexos podem representar processos de integração à margem da coordenação e da subordinação.

De acordo com Croft (2001, p. 320-321), o problema das sentenças complexas é a sua classificação tradicional, em que há uma distinção primária entre coordenação e subordinação. Porém, o autor propõe quatro tipos tradicionais de sentenças complexas: coordenadas, subordinadas adverbiais, subordinadas completivas e subordinadas relativas. Entre esse *continuum* de tipos de sentenças complexas há construções intermediárias, que se situam entre os quatro tipos tradicionais de orações, como pode ser observado na figura (3):

Figura 3: o *continuum* dos tipos de sentenças complexas



Fonte: CROFT, 2001, p. 322

Segundo Croft (2001, p. 322), em cossubordinação, estrutura intermediária entre a coordenação e as orações adverbiais, uma das orações é dessentencializada. Já uma construção com verbos seriais é caracterizada pelo autor como uma construção com dois ou mais verbos que parecem estar integrados em uma única oração em algum grau. Tal tipo de construção pode ser traduzida tanto como coordenada quanto como completiva, dependendo do contexto, como nos exemplos de Barai (FOLEY; OLSON, 1985 *apud* CROFT, 2001, p. 323):

2) a na ine tua kore -j -ie
 you I stick break.off throw -TR -2SG
 ‘You broke off and threw a stick at me.’ (‘Você quebrou e jogou um palito em mim.’)

3) fu na ire ifej -ie i
 be I food help 1SG eat
 ‘He helped me eat food.’ (‘Ele me ajudou a comer comida.’)

Note-se que, analisando os exemplos de Barai, as CVPs possuem propriedades em comum com o primeiro exemplo: uma construção semelhante a uma coordenada, em que ambos os verbos possuem a mesma flexão verbal.

Outro tipo de estrutura intermediária citada por Croft (2001) é a construção paratática do Lango, que tem dois verbos, ambos flexionados como em orações principais. No exemplo (4), há duas possibilidades de interpretação: a oração pode ser considerada tanto como coordenada quanto como completiva, implicando que a porta realmente foi fechada (NOONAN, 1985 *apud* CROFT, 2001, p. 324):

4) [án àpóyò] [àcégò dcdòlá]
 I remembered.1SG closed.1SG door

- a. 'I remembered to close the door.' ('Eu lembrei de fechar a porta.')
- b. 'I remembered; I closed the door.' ('Eu lembrei; eu fechei a porta.')

Note-se que a interpretação (b), à primeira vista, assemelha-se à das CVPs, em que o primeiro verbo não possui complemento e ambos os verbos compartilham todas as flexões verbais. Por isso, pretende-se comprovar aqui se as CVPs italianas seriam um tipo de serialização verbal, a partir dos dados coletados. Porém, há outra interpretação possível para o caso (b): a de que são orações encaixadas que apenas aparentam estar justapostas. Assim, pode-se pensar que o significado aqui seria 'eu lembrei que eu fechei a porta'.

Ao retomar o tema das construções com verbos seriais, Croft (2001, p. 353) defende que esse tipo de construção contém um número de restrições que requerem certos traços semânticos para serem compartilhadas entre os dois eventos verbais. Schiller (1990 *apud* CROFT, 2001, p. 353) demonstrou que o critério de sujeito compartilhado não é uma condição necessária de construções com verbos seriais, enquanto o compartilhamento de tempo e aspecto verbais é uma restrição. Assim, a existência de argumentos compartilhados parece ser uma necessária, embora não suficiente, condição para construções seriais. Concluindo, as construções com verbos seriais retêm alguns traços da estrutura de construções coordenadas, apesar do seu alto grau de integração sintática (CROFT, 2001, p. 354).

Cristofaro (2003, p. 15) também discorda da abordagem tradicional em que as estratégias de ligação de cláusulas são tradicionalmente divididas em dois tipos básicos: subordinação e coordenação; tal divisão não se aplica nem translinguisticamente nem em línguas individuais. Assim, a autora também propõe a questão do *continuum*, em que as línguas do mundo exibem um número de construções em que as cláusulas ligadas não são independentes umas das outras e possivelmente não equivalentes em estrutura (CRISTOFARO, 2003, p. 18-19). Tais construções não podem ser classificadas em termos estruturais como coordenadas. Além disso, elas não envolvem encaixamento, e assim também não podem ser classificadas como subordinadas. Na verdade, elas seriam um caso de *clause-chaining* (cláusulas em cadeia), um tipo de ligação de cláusulas bem conhecido em que um número possivelmente grande de verbos justapostos são ligados em sequência. Assim, *clause-chaining* é um tipo de ligação de cláusulas diferente, que diz respeito tanto a coordenação quanto a subordinação.

Um caso similar, para Cristofaro (2003, p. 19), é fornecido pela serialização verbal, que também envolve um arranjo sequencial de verbos, mas cada verbo é totalmente flexionado e independente. Não há encaixamento, o que exclui subordinação. No entanto, tempo, aspecto, modo, pessoa e força ilocucionária geralmente devem ser os mesmos para

todos os verbos, o que mostra que este não é o mesmo tipo de ligação de cláusulas da coordenação. Dessa forma, não há uma distinção discreta entre subordinação e não-subordinação (como se vê pela oposição entre subordinação e coordenação), mas sim um *continuum* sintático, que envolve diferentes parâmetros livremente combináveis.

Assim, Cristofaro (2003, p. 22) afirma que várias propostas de subordinação tem sugerido que os tipos de ligação de cláusulas não devem ser descritos em termos de oposição binária entre coordenação e subordinação, mas sim em termos de um conjunto de características mutuamente independentes e livremente combináveis, que formam um *continuum* mais ou menos articulado. Cada tipo de ligação de cláusulas pode ser mais ou menos como a coordenação ou mais ou menos como a subordinação, dependendo do parâmetro levado em consideração.

Para Cristofaro (2003, p. 23), a melhor aplicação dessa abordagem é provavelmente a de Foley e Van Valin (1984), que estabelece uma distinção em três partes entre coordenação, subordinação e cossubordinação, que foi retomada por Van Valin e LaPolla (1997). Esta distinção, segundo a autora, é baseada em dependência e encaixamento, em que a coordenação seria a ausência de ambos os fatores, enquanto a subordinação envolve ambos, e o terceiro tipo de tipo de ligação de cláusulas, a cossubordinação, possui propriedades em comum com ambos os tipos: como a coordenação, não envolve encaixamento; como a subordinação, envolve dependência. Portanto, esse tipo pode ser visto como ocupando uma posição intermediária em um *continuum* tendo coordenação e subordinação como seus extremos.

A noção de cossubordinação, ainda de acordo com Cristofaro (2003, p. 24), é especialmente designada a dar conta de estratégias de ligação de cláusulas como *clause-chaining* ou serialização verbal. Esta é a abordagem do *continuum*, que é capaz de dar conta de uma ampla variedade de tipos de ligação de cláusulas encontrada translinguisticamente.

Em se tratando de cossubordinação, é importante citar Foley e Van Valin (1984), que trazem o conceito de nexos cossubordinativos. O termo é caracterizado por dois itens em relação de dependência, mas nenhum deles está encaixado no outro, resultando em uma unidade composta. Em um nível periférico, o nexo cossubordinativo é melhor ilustrado pelos fenômenos de *clause-chaining* e *switch reference*. A relação de dependência existe na medida em que os itens devem ter a mesma força ilocucionária e compartilhar o mesmo tempo verbal absoluto (FOLEY; VAN VALIN, 1984, p. 257). O exemplo (5) mostra um nexo cossubordinativo:

5) Nipú táá-ma pámu-a-la
3sg hit-SAME.SmP walk-3sgPRES
'He is hitting it while walking.' (Ele está batendo nisso enquanto está andando)

O primeiro item não tem força ilocucionária própria, o que mostra que não pode ser um enunciado independente. Já o segundo verbo pode, visto que carrega as características sentenciais de toda a unidade (FOLEY; VAN VALIN, 1984, p. 259). Os autores afirmam que o inglês tem uma variedade de cossubordinação que é análoga a casos de serialização verbal (FOLEY; VAN VALIN, 1984, p. 261-262).

Alsina *et al.* (1997), por seu turno, tratam de predicados complexos, citando vários trabalhos sobre o assunto. Os autores definem o termo como “predicados que são *multi-headed*; [...] compostos de mais de um elemento gramatical (tanto morfemas, quanto palavras), cada um contribuindo com parte da informação ordinariamente associada com um núcleo” (ALSINA *et al.*, 1997, p. 1) ⁴.

Os linguistas assumem a existência de algum processo de composição de predicados ou compartilhamento de argumentos que permite o surgimento de predicados complexos. Tipicamente, tais predicados envolvem mecanismos para estrutura de compartilhamento de argumentos ou estrutura semântica.

Segundo os autores, Adele Goldberg, seguindo o padrão da Gramática de Construções, argumenta que os predicados complexos devem herdar propriedades de outras construções na gramática e que suas propriedades não podem ser localizadas individualmente em propriedades de itens lexicais (ALSINA *et al.*, 1997, p. 2). Assim, a semântica da construção não pode ser atribuída exclusivamente a nenhum dos itens lexicais envolvidos na construção e não pode ser derivada composicionalmente. Por isso, a linguista propõe uma análise construcional, que dá conta dessa associação idiossincrática entre significado e forma (ALSINA *et al.*, 1997, p. 6). Estas postulações da Gramática de Construções serão apresentadas na seção 2.1.6.

Estes predicados complexos ou construções podem ser analisados com base em sua Estrutura Informacional, conceito que deriva também do funcionalismo, já que se baseia no uso da língua por falantes e ouvintes. E, portanto, é relevante nesse trabalho, uma vez que as CVPs são analisadas tendo em vista seu estatuto informacional.

⁴*predicates which are multi-headed; [...] composed of more than one grammatical element (either morphemes or words), each of which contributes part of the information ordinarily associated with a head.*

2.1.3 Estrutura Informacional

Chafe (1976), com sua abordagem cognitiva da Estrutura Informacional, usa a noção de *consciência*, a fim de se compreender a distinção entre informação dada e informação nova: a informação dada (ou velha) é o conhecimento que o falante assume estar na consciência do ouvinte no momento da enunciação; a informação nova é aquela que o falante assume estar introduzindo na consciência do ouvinte por meio do que ele fala. Para o autor, a informação dada é transmitida de uma maneira mais fraca e mais atenuada que a informação nova.

Outra importante questão discutida por Chafe (1976), assim como Halliday (1968), é a de que a informação pode ser foco de contraste. Note-se que o foco contrastivo não necessariamente fornece uma informação nova.

De acordo com Halliday (1968), a informação nova pode ser cumulativa ou contrastiva com as demais informações que a precederam. A informação dada, por sua vez, é a que o falante escolhe oferecer como recuperável, anafórica ou situacionalmente.

É importante mostrar aqui também a gramática funcional de Halliday (1985), que está interessada na estrutura informacional do texto. Neste nível, a unidade de informação é uma estrutura feita de duas funções: a dada (recuperável no texto ou na situação) e a nova (não recuperável). Cada unidade de informação idealmente consiste de um elemento dado acompanhado de um elemento novo. No entanto, estruturalmente, a unidade da informação consiste de um novo elemento obrigatório e de um dado opcional. (HALLIDAY, 1985, p. 114).

No nível da sentença, Halliday (1985) postulou que cada oração divide-se em duas partes: o Tema e o Rema. A articulação da oração em Tema e Rema normalmente acontece do seguinte modo: a parte que corresponde ao Tema possui informações cuja função é fazer a ligação entre a oração que está sendo criada e as orações que vieram antes dela no texto; ou ainda, estabelecer um contexto para a compreensão do que vem a seguir, ou seja, do Rema. Na parte que corresponde ao Rema, ficam as ideias que estão sendo veiculadas pelo Tema. (HALLIDAY, 1985, p. 89). Assim, na grande maioria das vezes, o Tema expressa a informação dada, a qual já é conhecida pelo ouvinte ou que é recuperável no contexto. O Rema, por sua vez, expressaria a informação nova: aquela que o ouvinte desconhece, e que corresponde, efetivamente, ao conteúdo que se quer que ele conheça. No entanto, note-se que Tema–Rema e Dado–Novo são duas estruturas diferentes – ou correspondem a dois níveis de análise diferentes – que coincidem em muitos casos (HALLIDAY, 1985, p. 119-120).

Partindo para uma perspectiva textual da Estrutura Informacional, Prince (1981) adiciona o conceito de entidade: objeto do modelo de discurso, que pode representar um indivíduo, uma classe de indivíduos, um exemplar, uma substância, um conceito, etc. As entidades podem ser evocadas, novas e inferíveis.

As entidades novas são as que estão mencionadas pela primeira vez em um discurso particular e podem ser completamente novas, como em: “A *rich guy I know* bought a Cadillac”; ou podem já existir no arquivo do ouvinte, cabendo a ele apenas ativá-las, atualizá-las, como por exemplo: “*Noam Chomsky* went to Penn”.

As entidades evocadas são aquelas atualizadas via discurso, como em: “Susie went to visit her grandmother and *the sweet lady* was baking cookies”; ou via situação, como no exemplo: “Lucky *you*, just won the lottery!”.

As entidades inferíveis são aquelas que são deduzidas através de um raciocínio lógico ou plausível de outras entidades já mencionadas, não importando o *status* da menção inicial, como em: “I went to the post office and *the stupid clerk* couldn’t find a stamp”.

As funções pragmáticas de Tópico e Foco de Dik (1989) também são importantes neste trabalho. Neves (2004, p. 95) afirma que tais funções “especificam o estatuto informacional dos constituintes em relação à situação comunicativa em que eles são usados”. A primeira caracteriza-se pelas “coisas de que falamos”; e o elemento focal são as “partes mais importantes ou salientes daquilo que dizemos sobre as coisas”.

As dimensões de topicidade e de focalidade são parcialmente correspondentes à distinção ‘dado’/ ‘novo’: a topicidade caracteriza as entidades ‘acerca’ das quais a informação é oferecida ou é requerida no discurso, e a focalidade se prende àquelas partes da informação que são as mais importantes ou salientes para as modificações que o falante deseja obter na informação pragmática do destinatário, e para o desenvolvimento subsequente do discurso (NEVES, 2004, p. 97).

Lambrecht (1996), por seu turno, traz, antes de mais nada, o conceito de Estrutura Informacional em seus termos. Consoante o autor, existe muita confusão quanto à teoria linguística sobre a natureza desse componente da linguagem. O que une todos os estudiosos do tema é a ideia de que certas propriedades formais da frase não podem ser completamente entendidas sem se levar em consideração os contextos linguísticos e extralinguísticos, nos quais há propriedades fundamentais que estruturam as frases. Uma vez que o discurso envolve o uso das frases em parâmetros comunicativos, essa pesquisa deve estar claramente associada à área da pragmática (LAMBRECHT, 1996, p. 1-2).

No contexto de produção de enunciados, a Estrutura Informacional está interessada na forma das enunciações em relação aos estados mentais assumidos por falantes e ouvintes

(LAMBRECHT, 1996, p. 3). Apoiado em Chafe, Lambrecht afirma que a Estrutura Informacional interessa-se mais em como o conteúdo (lexical e proposicional) é transmitido do que com o próprio conteúdo. O falante faz uma avaliação de como o destinatário é capaz de processar o que está sendo falado tendo em vista a situação de um contexto particular. Assim, a Estrutura Informacional deve ser tomada como um componente da gramática, isto é, como um fator determinante para a estrutura formal das frases.

Com isso, Lambrecht (1996, p. 5, tradução nossa) propõe uma definição clara do termo:

Estrutura Informacional: aquele componente da gramática sentencial, no qual proposições como representações conceituais de estados de coisas são pareados com estruturas lexicogramaticais de acordo com os estados mentais dos interlocutores, que usam e interpretam essas estruturas como unidades de informação em dados contextos discursivos.⁵

Nesse sentido, as categorias mais importantes da Estrutura Informacional, de acordo com Lambrecht (1996, p. 6, tradução nossa), são: a) pressuposição e asserção, que têm a ver com a estruturação das proposições em porções que um falante assume um destinatário que já sabe ou ainda não sabe; b) identificabilidade e ativação, que têm a ver com suposições do falante sobre os *status* de representações mentais do referente discursivo na mente do destinatário no momento da enunciação; e, por fim, o mais importante neste trabalho c) tópico e foco, que têm a ver com a avaliação que o falante faz da previsibilidade relativa vs. a imprevisibilidade das relações entre proposições e seus elementos em dadas situações discursivas.⁶

Lambrecht (1996, p. 7), baseia-se em Halliday (1967) a fim de demonstrar a definição de *tema*. O *tema* está relacionado à Estrutura Informacional da oração; com o *status* dos elementos como componentes da mensagem; com relação ao que está sendo dito ao que já aconteceu antes no discurso e sua organização interna no ato de comunicação. Assim, para Lambrecht (1996, p. 7), o domínio formal da Estrutura Informacional é a frase ou a oração.

⁵ *INFORMATION STRUCTURE: that component of sentence grammar in which propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammatical structures in accordance with the mental states of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts (LAMBRECHT, 1996, p. 5).*

⁶ *The most important categories of information structure are: (i) PRESSUPPOSITION and ASSERTION, which have to do with the structuring of propositions into portions which a speaker assumes an addressee already knows or does not yet know; (ii) IDENTIFIABILITY and ACTIVATION, which have to do with a speaker's assumptions about the statuses of the mental representations of discourse referents in the addressees' mind at the time of an utterance; and (iii) TOPIC and FOCUS, which have to do with a speaker's assessment of the relative predictability vs. unpredictability of the relations between propositions and their elements in given discourse situations (LAMBRECHT, 1996, p. 6).*

Assim, este componente da linguagem não está interessado na organização do discurso em si, mas na organização da frase dentro do discurso.

Todos estes conceitos da Estrutura Informacional em diferentes abordagens são importantes para a análise das CVPs, que será vista na seção 4, já que averigua-se se a informação de V2 é nova, dada ou inferível. Defende-se aqui também que, no nível da sentença, nos termos de Halliday (1985), V1 seria o Tema e V2 seria o Rema. Note-se que Halliday (1985) também se interessou por uma perspectiva textual, separando a informação entre o que é dado e o que é novo. No entanto, o trabalho que é mais relevante em nossas análises é o de Prince (1981), que, com sua abordagem também textual, adicionou o conceito de inferível. Além disso, a perspectiva textual é de extrema relevância aqui, devido ao fato de haver uma necessidade de se buscar um contexto anterior para a definição da função das CVPs.

E, tendo em vista um de nossos objetivos de focar nos processos de mudança envolvidos no surgimento destas construções, outro alicerce teórico advindo da linguística funcional se faz importante para a análise das CVPs, a saber, a gramaticalização.

2.1.4 Gramaticalização

A emergência dos estudos em gramaticalização, na década de 1970, deve-se ao fato de que os estudos funcionalistas dos últimos anos colocaram em foco “questões como a gradualidade na fixação de categorias e a sensibilidade da gramática às pressões da informatividade e à força ditada pelas atitudes do falante” (NEVES, 2002, p. 175).

Para Neves (2007, p. 20), a gramaticalização é um dos principais temas da visão funcionalista da linguagem “porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se explica pela interação entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele”.

O termo “gramaticalização” foi primeiramente cunhado por Antoine Meillet (1912), que o define como: “a atribuição de caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”, apesar de que outros autores, como Humboldt (1825), já haviam especulado a esse respeito, sem nomear o fenômeno (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 19).

Hopper e Traugott (2003, p. 1-2) definem a gramaticalização como “a mudança através da qual itens ou construções são usados em certos contextos linguísticos com funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Uma definição semelhante é encontrada em Traugott (2009, p. 91), para quem a

gramaticalização consiste na “mudança através da qual em certos contextos linguísticos os falantes usam (parte de) uma construção com uma função gramatical, ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical”. Assim, as construções são vistas tanto como a fonte quanto como o resultado da gramaticalização.

É importante destacar que, para estes autores, a gramaticalização está relacionada a contextos linguísticos maiores do que a palavra (item), o que pressupõe a adoção do conceito de construção como unidade mínima de análise linguística e abre espaço para um diálogo com os pressupostos teóricos da gramática das construções (GC, daqui em diante). Autores como Traugott e Trousdale (2013) influenciados pelos preceitos da GC têm inclusive preferido usar o termo construcionalização para tratar do desenvolvimento e da emergência de novas construções nas línguas. Estas abordagens serão retomadas na seção 2.1.6.

Voltando a focar na gramaticalização, a seguir, serão mostrados os principais temas ligados ao fenômeno da gramaticalização, a saber: a) mecanismos de gramaticalização; b) unidirecionalidade; c) reanálise e analogia, metáfora e metonímia; e d) princípios para medir a gramaticalização.

a) *Mecanismos de gramaticalização:*

Tecnicamente, a gramaticalização envolve quatro principais mecanismos inter-relacionados, postulados por Heine (2003, p. 578-9):

- (a) dessemantização (ou branqueamento semântico) – perda em conteúdo semântico,
- (b) extensão (ou generalização contextual) – uso em novos contextos,
- (c) decategorização – perda em propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou outras menos gramaticalizadas, e
- (d) erosão (ou redução fonética) – perda em substância fonética.

Note-se que nem todos os mecanismos precisam ocorrer concomitantemente no mesmo processo de gramaticalização. Heine (2003, p. 580) apresenta uma ocorrência em que os quatro mecanismos que propõe são aplicados a um caso de gramaticalização. Trata-se da utilização de um verbo de volição para marcação de futuro, na língua Swahili, da família Niger-Congo, Bantu. A construção em (6a) mostra o uso lexical do verbo *-taka* (“querer”), enquanto que em (6b) há uma construção com o marcador de tempo futuro em cláusulas relativas. Em (6c), na oração principal da construção, o marcador de futuro é reduzido à forma *-ta-*. O significado lexical desse verbo passou pelo processo de dessemantização. Na ocorrência, o uso do verbo, comum a referentes sujeitos humanos, aplicou-se a sujeitos

inanimados, pelo processo de extensão. Assim, a partir dessa extensão, o marcador de futuro sofre decategorização, já que passa de palavra independente para um prefixo do verbo principal. E, por fim, *-taka* sofre erosão, sendo reduzido em sua fonologia a *-ta-*, quando utilizado em orações principais:

- 6) a. a- taka ku- ja
 C1:PRES – want INF - come
 “He wants to come” (Ele quer vir)
- b. a- taka- ye ku- ja
 C1- FUT- C1:REL infinitive- come
 “He who will come” (Aquele que virá)
- c. a- ta- ku- ja
 C1- FUT- INF- come
 “He will come” (Ele virá)

Heine (2003) observa que, nesse processo, podem ocorrer tanto perdas quanto ganhos em propriedades. Para o autor, o segundo mecanismo seria um ganho, enquanto os outros seriam perdas. No entanto, o que se evidencia mais claramente no processo de gramaticalização é um enriquecimento pragmático, isto é, um fortalecimento. Segundo Hopper e Traugott (2003, p. 94), não há dúvida de que, ao longo do tempo, significados tendem a se enfraquecer durante o processo de gramaticalização. Porém, o que se tem não é uma perda de significado, mas sim uma redistribuição ou mudança, como o *be going to*, que “perde” o sentido de movimento, mas ao mesmo tempo ganha o sentido de futuro.

b) *unidirecionalidade*

Para Hopper e Traugott (2003, p. 99), uma vez que a gramaticalização ocorreu, há certos caminhos ao longo dos quais ela ocorre. O caminho parte de um item [ou construção] lexical e segue em direção a um item [ou construção] gramatical. Assim, a hipótese da unidirecionalidade é forte: “A suposição básica é a de que existe uma relação entre dois estágios A e B, sendo que A ocorre antes de B, e não o contrário. Isso é a unidirecionalidade” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 100, tradução nossa)⁷.

Heine (2003, p. 575, tradução nossa) inclui a questão da unidirecionalidade para definir a gramaticalização, que, segundo o autor, é um processo unidirecional “no qual

⁷ “The basic assumption is that there is a relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa. This is what is meant by unidirectionality” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 100).

expressões para significados concretos (= fonte) são usadas em contextos específicos para codificar significados gramaticais (= alvo)”⁸.

Givón (1979), por sua vez, propôs uma trajetória de gramaticalização, a saber: “discourse>syntax>morphology>morphophonemics> zero”. Segundo Gonçalves *et al.* (2007), Givón (1971, p. 413) afirmou que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (parafraseando Hodge, 1970) e, posteriormente adicionou a essa frase a afirmação: “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (GIVÓN, 1979, p. 208-209), corroborando a ideia da trajetória.

Tendo em vista a questão da trajetória, Hopper e Traugott (2003, p. 6) afirmaram que uma forma em processo de gramaticalização segue um *cline*, visto que as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas seguem uma série de pequenas transições. Um *cline* pode ter uma implicação tanto diacrônica quanto sincrônica. De uma perspectiva histórica, um *cline* seria o caminho ao longo do qual as formas se desenvolvem, um esquema que modela o desenvolvimento das formas. Sincronicamente, um *cline* pode ser pensado como um *continuum*: um arranjo de formas ao longo de uma linha imaginária, que em uma ponta possui uma forma mais plena de algum tipo, que pode ser lexical, e na ponta oposta possui uma forma compactada e reduzida, que pode ser gramatical.

Este *cline* unidirecional faz com que o processo de gramaticalização resulte num modelo de três estágios, pensado por Heine (1993; 2003), chamado de “*overlap model*”, em que uma expressão usada para um conceito fonte lexical é transferida a também designar um conceito alvo gramatical, sendo que o resultado é ambiguidade, já que uma única expressão refere-se simultaneamente a dois diferentes conceitos. Consequentemente, a expressão pode ser posteriormente expandida a contextos em que não se refere mais ao conceito fonte e é exclusivamente um marcador do conceito alvo. Os estágios são os seguintes:

Estágio:	I	II	III
Tipo de conceito:	Fonte	Fonte Alvo	Alvo

- I. há uma expressão linguística A que é recrutada para gramaticalização;
- II. essa expressão adquire um segundo padrão de uso, B, com um efeito de ambiguidade entre A e B;
- III. finalmente, A é perdida, isto é, passa a existir somente B.

⁸ “[...] grammaticalization is a process whereby expressions for concrete (= source) meanings are used in specific contexts for encoding grammatical (= target) meanings” (HEINE, 2003, p. 575).

A ilustração desse modelo seria a seguinte: $A > A, B > B$ (HEINE, 2003, p. 590).

Note-se que, no processo de gramaticalização, não necessariamente A é perdido, visto que, como se sabe, há inúmeros casos de coexistência, incluindo o caso das CVPs – o V1 existe em sua concepção tradicional e na sua versão gramaticalizada, concomitantemente na língua. Neste caso, ocorre o princípio de divergência, proposto por Hopper (1991, p. 22), em que a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças de itens lexicais comuns.

A figura apresenta um relato simplificado do processo real e é confinada a apenas um segmento do desenvolvimento geral envolvido. Essa figura tem uma dimensão tanto diacrônica como sincrônica: diacrônica porque o desenvolvimento do estágio I ao III reflete um processo histórico; e sincrônica porque o estágio I apresenta o conceito mais concreto e o estágio III, o conceito mais abstrato ou, em outras palavras, o estágio I apresenta o significado lexical e o III o significado gramatical, sendo que II é ambíguo entre ambos os significados. De acordo com esse modelo, o elemento perde em propriedades de sua categoria anterior, e ganha propriedades relativas à nova categoria, mais gramatical.

Como pode ser notado, nesse modelo de Heine (2003), o desenvolvimento de formas gramaticais não leva diretamente da forma-fonte A para a forma-alvo B, mas envolve um estágio intermediário, em que A e B coexistem lado a lado, criando uma situação de ambiguidade. A passagem de A para B segue um percurso unidirecional.

c) reanálise e analogia; metáfora e metonímia

Neste caminho unidirecional da gramaticalização, alguns fenômenos ocorrem, como a reanálise e a analogia, que têm sido tratadas como significantes para a mudança em geral, mais especificamente para a mudança morfossintática. Na reanálise, as propriedades gramaticais – sintática e morfológica – e as propriedades semânticas das formas são modificadas. A reanálise é um mecanismo muito importante para a gramaticalização, como para toda mudança, porque é um pré-requisito para a implementação da mudança através da analogia. A analogia, grosso modo, modifica as manifestações superficiais e ela mesma não afeta a regra de mudança (HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 39).

Na reanálise, o ouvinte entende uma forma para ter uma estrutura e um significado que são diferentes daqueles do falante. A reanálise é encoberta até alguma modificação reconhecível nas formas revelá-la. Pode ocorrer em um único item lexical ou em sequências sintáticas. A sequência *try and VERB* em inglês exemplifica a questão. Em algumas

circunstâncias, a estrutura tem sido reanalisada como auxiliar + verbo, como em *I'll try and contact her*. Nesse caso, ocorre uma reparentetização, isto é, uma instância de mudança de constituintes (o que vai com o que). Assim, *try and* é visto como uma única palavra, já que *and* é entoacionalmente e foneticamente ligado ao *try*. Além disso, somente a forma verbal *try* é possível, não há a possibilidade da ocorrência de outras formas verbais, como: *tried, trying* etc. Ademais, advérbios não podem ocorrer entre *try* e *and* (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 50), o que significa um alto grau de gramaticalidade, a ser explicado na próxima subseção.

A reanálise, de acordo com Hopper e Traugott (2003, p. 51), envolve mudança no constituinte, na estrutura hierárquica, nos rótulos de categoria, nas relações gramaticais e na coesão. Em alguns contextos duas interpretações foram possíveis, isto é, havia uma ambiguidade potencial, que levou uma estrutura a ser analisada como antes, e para uma nova análise ser inovada e então coexistir com uma análise anterior.

Muitos casos de reanálise são casos de gramaticalização, mas isso não é uma regra, ou seja, nem todos os casos de reanálise serão casos de gramaticalização. A lexicalização pode ocorrer também a partir da reanálise. Às vezes, a reanálise resulta em uma mudança que tem efeitos gramaticais, mas nunca envolve uma mudança de uma estrutura gramatical a uma lexical, mas sim de uma estrutura lexical a uma gramatical – unidirecionalidade típica da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 58).

Reanálise e analogia são dois mecanismos bem diferentes. A reanálise refere-se à substituição de estruturas antigas por novas. A analogia, por sua vez, refere-se à atração de formas para formas já existentes. Na essência, reanálise e analogia envolvem inovação em diferentes eixos. A reanálise opera no eixo sintagmático da linearidade do constituinte ao passo que a analogia opera no eixo paradigmático de opções em algum nó de constituinte. Somente a reanálise pode criar novas estruturas gramaticais. Para alguns, os resultados da analogia são, em muitos casos, uma evidência para falantes de uma língua (e para linguistas) de que uma mudança ocorreu (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 63-64).

A analogia, segundo Hopper e Traugott (2003, p. 67), foi vista até agora como uma generalização de tipos de estrutura linguística. Há também outra perspectiva importante sobre a analogia: a da generalização através de padrões de uso, como é refletido pela frequência com as quais estas estruturas podem ocorrer através do tempo.

Em suma, a reanálise e a analogia são mecanismos maiores na mudança linguística. Elas não definem a gramaticalização, mas a gramaticalização não ocorre sem elas. A interação da reanálise e da analogia pode ser representada pelo desenvolvimento do *be going to* de sintagma direcional a futuro, como pode ser visto na figura 4. No estágio I, *be going [to visit*

Bill], ocorre uma construção progressiva com o verbo direcional e uma oração de propósito. O estágio II, [*be going to*] *visit Bill*, é o do auxiliar do futuro com um verbo de ação e é resultado de reanálise. O estágio III, [*be going to*] *like Bill*, é o da extensão via analogia da classe direcional de verbos a todos os verbos, incluindo os verbos de estado. E o estágio IV, [*gonna*] *like/visit Bill*, é o estágio surgido da reanálise do auxiliar complexo a um morfema simples. Note-se que todos os estágios coexistem em inglês (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 68-69).

Figura 4: esquema do desenvolvimento do auxiliar *be going to*

				Eixo sintagmático
				Mecanismo: reanálise
Estágio 1	<i>be</i> PROG	<i>going</i> Vdir	<i>[to visit Bill]</i> [oração prop.]	
Estágio 2 (por reanálise)	<i>[be going to]</i> Aux. Fut.		<i>visit Bill</i> Vativ.	
Estágio 3 (por analogia)	<i>[be going to]</i> Aux. Fut.		<i>like Bill</i> V	
Estágio 4 (por reanálise)	<i>[gonna] like/visit Bill</i>			
				Eixo paradigmático
				Mecanismo: analogia

Fonte: HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 69

Ao lado dos processos de reanálise e analogia, ocorrem também a metáfora e a metonímia, princípios notáveis presentes no processo de gramaticalização, em que, segundo Gonçalves *et al.* (2007, p. 29), baseados na proposta de Heine *et al.* (1991),

[...] conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto, processo que envolve transferência conceptual (metáfora), aproximando domínios cognitivos diferentes, motivação pragmática e reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia).

A transferência metafórica, segundo Heine (1993), ocorre quando uma expressão é entendida como um tipo de coisa em termos de outra, envolvendo uma transferência do “mundo real”, o mundo de entidades referenciais e atividades cinéticas, ao mundo do discurso, isto é, a entidades que têm sua existência no ato de fala. Assim, há uma transferência de um domínio da conceptualização humana a outro. A transferência metafórica em instâncias de gramaticalização envolve uma transferência de um domínio cognitivo a outro, com o efeito de que, de certo estágio em diante, uma expressão submetida a essa mudança torna-se falsa ou sem sentido se tomada literalmente, isto é, se interpretada como designando seu significado original.

Processos metafóricos, consoante Hopper e Traugott (2003, p. 84), são processos de inferência para além das fronteiras conceituais, e normalmente são referidos em termos de “mapeamentos”, ou “saltos associativos”, a partir de um domínio para outro. O mapeamento não é aleatório, mas motivado por analogia e relações icônicas, que tendem a ser observáveis translinguisticamente. Tradicionalmente, os processos metafóricos eram considerados processos semânticos, mas novas pesquisas apontam para o caráter pragmático desses processos, uma vez que estão baseados na comunicação.

Como um processo cognitivo, em que uma entidade conceptual fornece acesso a outra entidade conceptual dentro do mesmo domínio, a metonímia aponta para relações em contextos que incluem constituintes (morfo)sintáticos interdependentes.

Assim, Hopper e Traugott (2003, p. 93) concluem que as inferências metonímica e metafórica são complementares, não excludentes, processos no nível pragmático que resultam dos mecanismos de reanálise (relacionada com o processo cognitivo da metonímia), e de analogia (relacionada com o processo cognitivo da metáfora).

Em outras palavras, a reanálise sintagmática é acompanhada por estratégias metonímicas, enquanto que a mudança analógica paradigmática é acompanhada por estratégias metafóricas. Assim, o modelo para o auxiliar *be going to* é redefinido e demonstrado na figura 5:

Figura 5: esquema revisado do desenvolvimento do auxiliar *be going to*

				Eixo sintagmático
				Mecanismo: reanálise
Estágio 1	<i>be</i> PROG	<i>going</i> Vdir	<i>[to visit Bill]</i> [oração prop.]	
Estágio 2	<i>[be going to]</i> Aux. Fut. (por reanálise sintática/metonímia)		<i>visit Bill</i> Vativ.	
Estágio 3	<i>[be going to]</i> Aux. Fut. (por analogia/metáfora)		<i>like Bill</i> V	
				Eixo paradigmático
				Mecanismo: analogia

Fonte: HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 93

d) princípios para medir a gramaticalização

Após todos estes esclarecimentos a respeito da gramaticalização, resta-nos explicitar os princípios para medir este processo, visto que nem toda trajetória chega a seu estágio final. Lehmann (2002, p. 111) postula alguns parâmetros que identificam a gramaticalidade de um signo, isto é, o grau ao qual ele é gramaticalizado. Enquanto a gramaticalização é um processo, os seis parâmetros são propriedades variáveis de signos. Entre os parâmetros paradigmáticos estão:

- a) integridade: ou peso paradigmático de um signo é sua posseção de uma certa substância que o permite manter sua identidade, sua distinção de outros signos, e o garante certa proeminência em contraste com outros signos no sintagma. É neste fator de gramaticalização que aspectos semânticos e fonológicos podem ser mais claramente distinguidos. Diminuição na integridade semântica de um signo é dessemantização; diminuição na integridade fonológica é atrito fonológico (LEHMANN, 2002, p. 112-113). Um exemplo de atrito fonológico é a redução do latim *ille* para o francês *le* (frequentemente /l/). A expressão latina *hac hora* 'nesta hora' exemplifica a dessemantização. A expressão foi gramaticalizada para o português *agora* e para o espanhol *ahora*: o componente temporal genérico e o elemento dêitico apontando para o tempo do falante vai até o fim, mas a especificação da unidade temporal presente na fonte é perdida no caminho (LEHMANN, 2002, p. 114).
- b) Paradigmaticidade: ou coesão paradigmática é a integração formal e semântica tanto de um paradigma como um todo quanto de uma subcategoria única dentro do paradigma de sua categoria genérica, o que requer que os membros de um paradigma sejam unidos uns aos outros por relações paradigmáticas claras, especialmente oposição e complementaridade. O

aspecto mais superficial e evidente de paradigmaticidade é o tamanho absoluto do paradigma. A gramaticalização de substantivos relacionais de lugar a adposições exemplifica a questão. Em inglês, há vários substantivos, como *front, back, top, bottom, interior* etc. que podem ser usados para formar preposições perifrásticas (LEHMANN, 2002, p. 118).

c) Variabilidade paradigmática: é a liberdade com que a linguagem escolhe um signo. As principais alternativas de escolher algum signo são ou escolher outro membro do mesmo paradigma ou não escolher nenhum membro deste, isto é, deixar a categoria genérica inteira indefinida. Um exemplo de variabilidade intraparadigmática são os classificadores numerais, que variam já que em alguns deles um substantivo pode ser alocado relativamente livre a uma classe não inerente nele, enquanto em outros há uma chance pequena de ocorrer o classificador, devido ao substantivo (LEHMANN, 2002, p. 123).

Entre os parâmetros sintagmáticos estão:

d) Escopo estrutural: ou peso sintagmático de um meio gramatical é o tamanho estrutural da construção que ele ajuda a formar, e que será considerado como sendo determinado por seu nível de estrutura gramatical. Por exemplo, o escopo estrutural do caso de sufixo em turco é o SN que ele segue, enquanto o escopo de um caso de sufixo de latim é o substantivo (no sentido tradicional). O escopo estrutural de um signo diminui com o aumento da gramaticalização. Tal redução tem sido considerada como condensação (LEHMANN, 2002, p. 128).

e) Aglutinação: ou coesão sintagmática de um signo é a intimidade com que ele é unido a outro signo ao qual ele suporta uma relação sintagmática. O grau de aglutinação de um signo varia de justaposição a fusão, em proporção ao seu grau de gramaticalidade. O aumento da aglutinação será chamado de coalescência. Como exemplo, tem-se o demonstrativo latino *ille*, que é, como um determinante, justaposto ao nome que ele determina. Em francês, torna-se no artigo definido, o qual é proclítico, e em romeno, o artigo definido, o qual é sufixal. Como um pronome, *ille* torna-se nas formas oblíquas *le, la* etc. de várias línguas românicas, que são clíticas ao verbo e às vezes ainda tratadas como sufixos (LEHMANN, 2002, p. 131-132).

f) Variabilidade sintagmática: é a facilidade com que o signo é mudado de posição em seu contexto. No caso de um signo gramaticalizado, isso diz respeito principalmente a sua mutabilidade posicional com respeito àqueles constituintes com que ele entra na construção. A variabilidade sintagmática diminui com o aumento da gramaticalização. A gramaticalização de advérbios a adposições fornece um exemplo. Um advérbio que especifica um aspecto de SN de lugar pode frequentemente ser justaposto a ele em qualquer lado e às vezes até ser separado dele. (LEHMANN, 2002, p. 140)

Como complementação dos parâmetros de Lehmann, Hopper (1991, p. 21-22) propõe os “princípios de gramaticalização”. Esta complementação é no sentido de que as características da gramaticalização não serão apenas tomadas em seu tempo tardio, mas serão identificados estágios em que o fenômeno de variação ocorre. É assumido um diagnóstico potencial da emergência de formas gramaticais e construções que não constam do material disponível e também são assumidos diferentes graus de gramaticalização em que a gramaticalização já foi reconhecida. Os princípios são os seguintes:

a) Estratificação: no domínio funcional, novos estratos (camadas) estão continuamente emergindo. Como isso acontece, as camadas ou estratos antigos não são necessariamente descartados, mas o novo e o antigo passam a coexistir. Tal princípio mostra que mais de uma forma está disponível na língua para ser utilizada com função similar ou idêntica. Esta diversidade formal ocorre, pois, quando uma forma emerge em um domínio funcional, não há uma substituição imediata da forma já existente pela nova forma equivalente, mas sim a coexistência das duas. Elas devem se especializar para um item lexical particular, classes particulares de construções, registros sociolinguísticos; tais formas podem ter um significado ligeiramente diferente, ou, simplesmente, serem reconhecidas como alternativas "estilísticas". Como exemplo, tem-se o passado em inglês, em que existe a forma arcaica com alterações vocálicas (*take/took; drive/drove*) coexistindo com um estrato mais atual com [t] ou [d] como sufixo (*notice/noticed; walk/walked*) (HOPPER, 1991, p. 22-23).

b) Divergência: quando uma forma lexical sofre gramaticalização, por exemplo, um auxiliar, clítico ou afixo, a forma original permanece como um elemento lexical autônomo e sofre as mesmas mudanças como qualquer outro item lexical. O princípio da divergência resulta em pares ou múltiplas formas tendo uma etimologia em comum, mas divergindo funcionalmente. Este princípio é um caso especial de estratificação. Este é um pouco diferente no sentido de que envolve diferentes níveis de gramaticalização em um domínio funcional similar, geralmente com algumas formas lexicais diferentes, enquanto que a divergência é aplicada em casos em que um mesmo item lexical autônomo torna-se gramaticalizado em um contexto e não se torna gramaticalizado em outro contexto. Como exemplo tem-se o verbo latino *habere*, que em francês tornou-se um sufixo de futuro (*chaterai*); e também se tornou o verbo lexical *avoir* (HOPPER, 1991, p. 24-25).

c) Especialização: redução das escolhas que caracterizam uma construção gramatical emergente. No entanto, corresponde ao processo envolvido, na medida em que se considera que é apenas no estágio final da gramaticalização que a utilização da forma se torna obrigatória. Especialização é um tipo possível de mudança que pode ou não implicar em gramaticalização. Para exemplificar, considere-se a negação em francês: *ne ... pas*. Originalmente, *pas* não se tratava de uma partícula negativa, era utilizado como reforço da negação, assim como outras partículas. Na língua falada, *ne* como negação verbal comum é geralmente retirado, deixando *pas* como o único marcador da negação (estágio que pode ser considerado como obrigatoriedade). Ao mesmo tempo em que novas construções são especializadas, as outras, por assim dizer, são dispensadas. Isso ocorre com a negação em francês quando *pas* 'passo' para de ser restrito a verbos de movimento e outras categorias de verbos passam a utilizá-lo na negação (HOPPER, 1991, p. 25-27).

d) Persistência: relaciona o significado e a função da forma gramatical a sua história como um morfema lexical. Essa relação é quase sempre opaca no estágio de morfologização, mas durante estágios intermediários é esperado que a forma seja polissêmica, e que um ou mais significados dela refletirá o novo significado dominante. Um bom exemplo de persistência é o desenvolvimento, em línguas do oeste africano, de marcadores de objeto (casos acusativos) provenientes de verbos serializados anteriores, como 'pegar' (HOPPER, 1991, p. 28). Em Gã (Benue-Kua), a forma *kè* funciona como um marcador de "caso acusativo", mas é originalmente o verbo 'pegar': È *kè wòlò nmè-sí*

She OBJ book lay-down

‘She laid the book down.’ (Ela colocou o livro para baixo.)

e) Decategorização: mudança semântico-funcional que as formas sofrem na medida em se movem na direção da gramaticalização. As categorias mais propícias a decategorização são os nomes e os verbos. O processo de gramaticalização pode envolver uma perda de marcadores opcionais de categorialidade. A contraparte funcional da decategorização é a perda da autonomia discursiva da forma: substantivos não identificam mais participantes em um discurso; verbos não reportam mais novos eventos. Em vez disso, os substantivos podem aparecer em papéis secundários, como advérbios ou preposições, como em: “*Our thanks were accepted by the mayor – thanks to his generosity*”. E verbos, normalmente em uma forma participial, podem assumir funções menos centrais, como em: “*They saw the Northern Lights – Seeing that you have declared bankruptcy, you can hardly make any new investments.*” (HOPPER, 1991, p. 30).

Todos estes parâmetros para medir a gramaticalidade de um signo são de extrema relevância nesta pesquisa, haja visto que, como será apresentado na seção de análise, as CVPs parecem não ter atingido o nível máximo de gramaticalidade.

2.1.5 A gramaticalização dos verbos auxiliares

Após este amplo panorama dos pressupostos da gramaticalização, convém expor o processo de gramaticalização ao qual os verbos auxiliares se sujeitam. Note-se que estes possuem um nível de gramaticalidade completo, diferentemente das CVPs.

Primeiramente, faz-se importante definir a questão da auxiliaridade, que consiste em:

uma relação de complementação entre duas formas verbais; o auxiliar, como forma relacional que toma por complemento um verbo-base (cf. Radford, 1997, pp. 65-66); e a perífrase ou locução verbal, como um complemento unitário que reúne um verbo e uma forma de infinitivo, gerúndio ou particípio numa só predicação (LONGO; CAMPOS, 2002, p.447).

A fim de identificar os auxiliares, Longo e Campos (2002) propuseram os seguintes critérios: impossibilidade de desdobramento da oração, existência de sujeito único e detematização. Quanto ao primeiro, que está intimamente relacionado com o segundo, os auxiliares formam um grupo indissociável com a base. Assim, se o grupo verbal for desmembrado em dois núcleos oracionais, não há auxiliaridade. A perífrase possui apenas um argumento externo com traços semânticos e papel temático compatíveis com a base, formando um complexo unitário. Portanto, não haverá auxiliaridade se forem atribuídos sujeitos diferentes para os dois verbos, sendo acidental o encontro dos verbos. “Considerando que ao verbo auxiliar não se associa uma grande temática, podemos distingui-lo de um verbo pleno” (LONGO; CAMPOS, 2002, p.448). As autoras dão o exemplo do verbo *ir*, que como não auxiliar possui sujeito agente (animado) e dois complementos, um de origem e um de meta,

como pode ser visto no exemplo (7); como auxiliar pode ocorrer com sujeito tema (não animado) e sem complemento, como no exemplo (8) (LONGO; CAMPOS, 2002, p.448):

7) *Fomos* de São Paulo ao Rio pela ponte aérea.

8) O balão *foi* caindo lentamente.

Longo e Campos (2002, p. 456) afirmam que “[o] auxiliar de tempo funciona de maneira análoga à de um morfema gramatical de tempo que fosse afixado ao radical de um verbo pleno”. Portanto, a forma perifrástica possui uma forma simples.

Tendo em vista estes critérios de identificação de auxiliares, destacamos a existência de algumas hipóteses para definir os auxiliares propostas por Heine (1993). De acordo com a hipótese da autonomia, os auxiliares constituem uma categoria distinta, diferente de verbos e outras categorias. Já segundo a hipótese dos verbos principais, os auxiliares são fundamentalmente verbos ou verbos exibindo algum comportamento anormal. Alguns autores, como Pullum e Wilson (1977), defendem que a categoria de verbo em inglês também inclui os auxiliares como uma subclasse especial. Há também a posição da gradualidade, a qual atesta que não há limites separando auxiliares de verbos principais: ambos formam um *continuum* ou gradiente. Tal posição é associada com os estudos em gramaticalização, principalmente com os trabalhos de Givón (1975;1979;1984), e é a posição adotada neste trabalho, visto que a gradualidade é um pressuposto do funcionalismo, abordagem adotada aqui.

Após explicada a hipótese que melhor define os auxiliares, partimos para algumas propriedades dos auxiliares translinguisticamente atestadas, propostas por Heine (1993, p. 22-24), das quais destacamos as mais relevantes no contexto das línguas românicas:

- tendem a fornecer expressões para uma pequena lista de domínios nocionais, especialmente para os domínios de tempo, aspecto e modalidade; outros domínios exibindo propriedades de auxiliares em variadas línguas são negação e voz;
- formam um conjunto fechado de unidades linguísticas;
- não são unidades nem claramente lexicais nem claramente gramaticais;
- também ocorrem como verbos principais;
- expressam funções gramaticais, mas exibem uma morfossintaxe verbal; em muitos trabalhos, são definidos com uma subclasse de verbos;
- ao mesmo tempo que possuem algumas propriedades verbais, também mostram um comportamento verbal reduzido, tendo, por exemplo, “paradigmas altamente defectivos” (McCawley, 1975 apud Heine, 1993, p. 22); podem associar-se apenas com um espectro restrito de distinções de tempo/aspecto e/ou flexões verbais, podem não ser passivizados, não têm formas imperativas, e alguns autores indicam que auxiliares podem não ser independentemente negados (como Park, 1992 apud Heine, 1993, p. 22);
- podem não ser o principal predicado (semântico) da oração;

- carregam toda a informação morfológica relacionada ao predicado, como distinções de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade, negação, etc. STEELE et al. (1981 apud HEINE, 1993, p. 23) notam que auxiliares podem ser expressões de marcação de sujeito, concordância de sujeito, aspecto, marcação de questão, ênfase, evidencial, marcação de objeto, concordância de objeto, negação, tempo e modalidade, mas essa lista não exaure a extensão de funções expressas por elementos tipicamente anexados como flexões a auxiliares;
- a concordância de sujeito também tende a ser marcada no auxiliar em vez de no verbo principal;
- auxiliares podem não ser governados por outros auxiliares, ou só por um número limitado deles;
- não têm significado próprio ou não contribuem ao significado da sentença, preservando o status categorial do verbo principal (são sinssemânticos e sincategoremáticos ao lexema ao qual eles se aplicam);
- tendem a ocorrer separadamente do verbo principal;
- podem ser ligados a algum elemento adjacente;
- diferentemente dos verbos, auxiliares podem não ser nominalizados ou ocorrer em compostos;
- tendem a ocorrer em uma ordem fixa e em uma posição fixa na oração;
- na presença de um auxiliar, o verbo principal é comumente usado em uma forma não-finita, frequentemente carregando consigo alguns elementos morfológicos, como uma nominalização, marcador infinitivo, participial ou gerundival.

Vale ressaltar que nem todas estas propriedades precisam ser observadas concomitantemente em um auxiliar. De acordo com Heine (1993), os auxiliares recebem uma análise de protótipos, explicitada anteriormente; isto é, quanto mais atributos um item exibir, mais provavelmente corresponderá à noção de um auxiliar prototípico.

A fim de tratar do processo de gramaticalização que ocorre com os verbos auxiliares, serão mostradas a seguir as principais características da cadeia de gramaticalização dos auxiliares apontadas por Heine (1993, p. 53):

- o auxiliar refere-se a uma forma linguística que consiste em uma sequência de pelo menos dois usos distintos, mas que se sobrepõem, em que um é chamado de fonte e o outro de alvo;
- a relação entre os usos fonte e alvo é claramente definida: o primeiro é tanto historicamente anterior quanto menos gramaticalizado que o último;
- a razão para referir essa estrutura como uma “cadeia” pode ser vista no comportamento de sobreposição que ela exibe. Esse comportamento afeta todos os componentes de uma forma linguística relevante, desde seu componente semântico até seu componente morfosintático, e até o fonológico;
- a presença da sobreposição é responsável pelo fato de que (i) categorias gramaticais são inerentemente ambíguas em certos usos, e que (ii) as cadeias de gramaticalização são unidirecionais, expandindo de usos historicamente anteriores/menos gramaticalizados para usos posteriores/mais gramaticalizados;
- Uma cadeia de gramaticalização tem uma dimensão tanto diacrônica como sincrônica; diacrônica porque é o resultado da mudança linguística, e

sincrônica porque consiste de uma extensão de usos sincronicamente definidos;

- Cadeias de gramaticalização podem ser definidas como categorias de semelhança de família linearmente estruturadas.

Na cadeia de gramaticalização de verbo a auxiliar (*verb-to-TAM chain*)⁹ estão presentes os seguintes parâmetros, propostos por Heine (1993, p. 53-56), em que três dos quais remetem a três dos mecanismos de gramaticalização citados por Heine (2003), vistos anteriormente (cf. p. 30):

- Dessemantização (ou ‘branqueamento semântico’): um processo em que, em contextos específicos, um item lexical torna-se vazio de sua semântica lexical e adquire uma função gramatical.
- Decategorização: de acordo com Hopper (1991 *apud* Heine 1993, p. 55), formas que se submetem à gramaticalização tendem a perder ou a neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos característicos das categorias plenas Substantivo e Verbo e a assumir atributos característicos das categorias secundárias, como Adjetivo, Particípio, Preposição etc.
- Cliticização: com a perda de seu conteúdo lexical, o verbo cada vez mais se desenvolve em um “operador” em seu complemento anterior, que novamente assume cada vez mais a função de verbo principal. Esse desenvolvimento tem o efeito de que o verbo torna-se um apêndice do complemento/verbo principal, ocasionalmente também de algum outro constituinte.
- Erosão: em adição às mudanças conceituais e morfossintáticas, há também uma mudança fonética, em que o verbo perde sua habilidade de carregar tom ou acento distintivo.

Estes parâmetros são relevantes para que se note a diferença entre auxiliaridade e as CVPs focalizadas neste estudo, já que, como será visto na seção de análise, as CVPs, apesar de estarem sujeitas à dessemantização e decategorização, não passam pelo processo de cliticização e erosão.

2.1.6 Gramaticalização, Gramática de Construções e construcionalização

Como visto anteriormente, o desenvolvimento de novas construções nas línguas pode ser descrito a partir de contribuições tanto dos estudos em gramaticalização quanto dos estudos em Gramática de Construções. Consoante Traugott (2009), enquanto a gramaticalização é tomada primeiramente em termos diacrônicos, a GC é tida primeiramente em termos sincrônicos. Apesar destas diferenças, estudos recentes têm sugerido modos em que as duas linhas de pesquisa podem se unir, e como elas podem ser mantidas a parte.

⁹ TAM refere-se a tempo, aspecto e modo.

Traugott (2009, p. 93) apresenta pontos da GC, baseada nas tradições de Goldberg e Croft, que são importantes aqui também:

- a. Forma e significado são emparelhados como iguais; construções são ‘pareamentos entre a forma e sua função semântica ou discursiva’ (GOLDBERG, 2006, p. 5);
- b. Gramática é uma estrutura ‘holística’: nenhum nível da gramática é autônomo, ou ‘núcleo’. Em vez disso, semântica, morfossintaxe, fonologia e em alguns modelos também pragmática (como Croft, 2001), trabalham juntos em uma construção;
- c. Gramática é uma estrutura baseada no uso estabelecida por falantes e discursos (CROFT, 2001, p. 28; GOLDBERG, 2006, capítulo 3);
- d. O foco é em padrões locais, de nível baixo assim como esquemas de nível mais alto (GOLDBERG, 2006, p. 63).

Segundo a autora, em trabalhos como o de Croft (2001) e Goldberg (2003, 2006), toda a estrutura linguística é construcional, de oração a morfema.

A GC propõe uma abordagem teórica do conceito de construção. Para Croft (2001, p. 6), uma construção é definida como uma unidade simbólica convencional, consistindo de uma forma contendo um ou mais elementos morfossintáticos formais, pareada com um significado que contém um ou mais componentes semânticos.

Consoante Goldberg (1995, p. 1), construções são definidas como correspondências entre forma e significado que existem independentemente de verbos particulares. Isto é, argumenta-se que construções por si só carregam significado, independentemente das palavras na sentença. Para a autora, estruturas semânticas particulares juntamente com sua expressão formal associada devem ser reconhecidas como construções independentemente dos itens lexicais que as exemplificam.

De acordo com a GC, uma construção distinta é definida a existir se uma ou mais de suas propriedades não são estritamente previsíveis do conhecimento de outras construções existentes na gramática. Construções são entendidas como sendo as unidades básicas da língua (GOLDBERG, 1995, p. 2).

Assim, uma construção é postulada na gramática se, e somente se, algo sobre sua forma, significado ou uso não é estritamente previsível de outros aspectos da gramática, inclusive construções previamente estabelecidas (GOLDBERG, 1995, p. 13). Além disso, padrões são estocados como construções mesmo se eles forem completamente previsíveis na medida em que eles ocorrem com uma frequência suficiente (GOLDBERG, 2006, p. 5).

Segundo Goldberg (2006, p. 220-221), Langacker (2003) fornece uma longa lista de princípios em comum das variadas vertentes da GC, apesar de haver algumas distinções entre elas:

- a) As construções (não as “regras”) são os objetos primários da descrição.
- b) As estruturas são não derivacionais.
- c) Léxico e gramática não são componentes distintos, mas formam um continuum de construções.
- d) Construções são pareamentos entre forma e significado.
- e) A estrutura da informação é reconhecida como uma faceta de significados construcionistas.
- f) Construções são unidas em relações de herança (“categorização”).
- g) Regularidades (regras, padrões) têm a forma de construções que são esquemáticas relativas a expressões exemplificadas.
- h) Deixando de lado o grau de especificidade/esquematicidade, as expressões e os padrões que elas exemplificam têm o mesmo caráter básico.
- i) O conhecimento linguístico compreende um vasto número de construções, uma grande proporção da qual são padrões gramaticais produtivos “idiossincráticos” em relação a “normais”.
- j) Uma estrutura que acomoda construções “idiossincráticas” acomodará facilmente padrões “regulares” como um caso especial (mas não o contrário).
- k) Boa-formação é uma questão de satisfação de restrição simultânea.
- l) A composição é efetuada por “unificação” (“integração”).

Para concluir, a autora afirma que a variedade de construções em uma dada língua existe para permitir que os falantes empacotem a informação de forma útil. A estrutura da informação é responsável, pelo menos em partes, por muitos fenômenos sintáticos importantes (GOLDBERG, 2006, p. 228). Por isso a importância de se estudar a função das CVPs a partir da sua estrutura informacional, já mencionada na seção 2.1.3.

Como dito anteriormente, os estudos mais recentes têm tratado dos processos de emergência de construção como casos de construcionalização, termo cunhado para tratar de um modo mais geral a emergência de construções na língua, o que não implica necessariamente gramaticalização em *stricto sensu* (lexical > gramatical). Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 1), as construções são convencionais, já que elas são compartilhadas entre um grupo de falantes. São simbólicas, visto que são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades, dado que algum aspecto do signo é tão idiossincrático (GOLDBERG, 1995) ou tão frequente (GOLDBERG, 2006) que o signo está arraigado como um pareamento de forma-significado na mente do usuário da língua.

Os autores relatam dois tipos de mudança: a) mudanças construcionais, que não necessariamente levam a uma nova construção (ex.: *will* – ‘pretender’ > futuro); e b) construcionalização, a criação de um pareamento _{nova}forma-_{novo}significado. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1).

Fazendo uma leitura do conceito de construcionalização criado pelos autores para as CVPs estudadas aqui, tem-se um novo pareamento, em que a _{nova}forma seria: V1 (*prendere* ou

andare) + V2 (classe relativamente aberta); e o _{novos} significado seria: construção de foco. Na ocorrência (9), em que há um esclarecimento sobre a bíblia e os termos bíblicos, como por exemplo ‘justiça’, a _{nova} forma é *prendere+punire*; e o _{novos} significado é um foco em ‘punir’:

9) ... il termine giustizia vuol dire **prendere e punire**
... o termo justiça querer-Pres.Ind.3sg. dizer-Inf. pegar-Inf. e punir-Inf.

se te hai sbagliato.
se você haver-Pres.Ind.2sg.AUX errar-Part.
... o termo justiça quer dizer pegar e punir se você errou.
(inatpr02)

Note-se que, neste caso, não há objeto para o verbo *prendere*, nem na própria sentença e nem recuperável pelo contexto anterior. Assim, tem-se um novo sentido para a construção.

Traugott e Trousdale (2013, p. 2) também defendem a diferença entre os termos ‘mudança’ e ‘inovação’, em que inovação é somente potencial para mudança, característica de uma mente individual. Para uma inovação ser uma mudança, tem que ser replicada entre populações de falantes resultando em convencionalização, a integração da inovação em uma tradição de fala ou escrita. Inovação e propagação são, em outras palavras, “processos juntamente necessários para mudança linguística” (CROFT, 2000, p. 5).

O modelo de construcionalização criado pelos autores é o seguinte:

[[F] ↔ [M]]; em que F equivale à forma (sintaxe, morfologia e fonologia) e M equivale ao significado (discurso, semântica e pragmática). A seta de dois lados, adotada de Booij (2010), especifica a ligação entre forma e significado e os colchetes externos denotam que o pareamento forma-significado é uma unidade convencionalizada (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 8).

Consoante Traugott e Trousdale (2013, p. 16-17), construtos são *tokens* empiricamente atestados, instâncias de uso em uma ocasião particular, proferidos por um falante particular (ou escritos por um escritor particular), com um propósito comunicativo particular. Construtos são muito ricos, embutidos com amplo significado pragmático, muito do qual pode ser irrecoverável fora do evento de fala particular. Crucialmente, para um modelo baseado no uso, construtos são o que falantes/escritores produzem e o que ouvintes/leitores processam. A consequência da produção e do processamento é que o construto é o *locus* da inovação individual e subsequente convencionalização (adoção por uma população de falantes). A mudança construcional começa quando novas associações entre construtos e construções emergem ao longo do tempo, isto é, quando a replicação de *tokens* leva a categorizações

provisionais que não estavam disponíveis aos usuários da língua antes e podem, portanto, ser chamados de ‘novos’.

Desta forma, tem-se dois tipos de frequência. A frequência da construção é a frequência ‘*type*’ e a frequência do construto é a frequência ‘*token*’ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18). Este conceito de frequência e sua relação com a produtividade será retomado na seção 3.

2.1.7 Serialização verbal

Outra forma verbal comparável às CVPs, ao lado da auxiliabilidade no *continuum* de predicação complexa, é a serialização verbal. Note-se que este tipo de construção verbal compartilha inúmeras propriedades em comum com as CVPs, como será visto na seção 4 deste trabalho.

Embora a serialização verbal seja atestada em várias línguas, os autores divergem em relação às propriedades e sua distribuição nas línguas. A maior parte dos trabalhos na área diz respeito a línguas não indo-europeias. Por isso, não se pode esperar que a descrição dos autores seja totalmente aplicável aos nossos dados, já que o italiano constitui uma língua indo-europeia. Entretanto, observam-se semelhanças entre as propriedades associadas à serialização verbal e aquelas descritas para as CVPs analisadas neste trabalho. Por isso, faz-se necessário analisar mais detidamente as propriedades da serialização verbal e sua relação com as CVPs.

Em primeiro lugar, será citada a autora Aikhenvald (2006), que, apesar de ser o trabalho mais recente estudado aqui, foi também o mais completo e, por isso, a descrição da serialização verbal será iniciada por ele.’

Aikhenvald (2006, p. 1) define serialização verbal como uma sequência de verbos que agem juntos como um único predicado, sem nenhuma marcação explícita de coordenação, subordinação ou dependência sintática de qualquer outro tipo e descrevem um único evento. São monoclausais; suas propriedades entonacionais são as mesmas das cláusulas monoverbais e elas possuem apenas um tempo, aspecto e valor de polaridade. As CVSs podem também compartilhar argumentos. Cada componente de uma CVS deve ser capaz de ocorrer por conta própria. Em uma CVS, os verbos podem ter valores de transitividade iguais ou diferentes.

Segundo Aikhenvald (2006, p. 1), as CVSs são bastante difundidas em línguas crioulas, nas línguas do oeste da África, do sudeste da Ásia, da Amazônia, Oceania e Nova Guiné. Estas construções podem expressar significados gramaticais, em que uma CVS

introduz um argumento: um ‘beneficiário’ *me*, como pode ser visto no exemplo (10). Um verbo em construção serial pode descrever o efeito do outro, como em (11). As CVSs podem referir-se a sequências de ações, como nota-se no exemplo (12); ou apenas formar idiomas lexicais, como no exemplo (13). Podem consistir de 2 ou mais verbos (AIKHENVALD, 2006, p. 1-2).

10) Baule (Kwa, Niger-Congo: CREISSELS, 2000 *apud* AIKHENVALD, 2006, p. 2):

ò-à-fā í swă n à-klè mĩ
he-ANT-take his house DEF ANT-show me
 ‘He has shown me his house’ (take-show)

11) Taba (Austronesian: BOWDEN, 2001 *apud* AIKHENVALD, 2006, p. 2):

n=babas welik n=mot do
3sg=bite pig 3sg=die REAL
 ‘It bit the pig dead’

12) Alambulak (Papuan area: BRUCE, 1998 *apud* AIKHENVALD, 2006, p. 2):

wa-yarim-ak-hīta-n-m-ko
IMP-ELEV-get-put-2sg-3pl-ELEV
 ‘Get them on a level plane toward me (and) put them up there’

13) Igbo (Igboid, Benue-Congo, Niger-Congo: LORD, 1975 *apud* AIKHENVALD, 2006, p. 2):

ó tì-wà-rà éteré à
 he hit-split.open-TENSE plate the
 ‘He shattered the plate’

Em uma dada língua, de acordo com Aikhenvald (2006, p. 3), as CVSs podem não possuir todas as propriedades descritas pela autora, o que sugere uma abordagem escalar, como um *continuum*, em que uma CVS pode ser mais ou menos prototípica. Uma CVS prototípica compartilha argumentos e, assim, constitui uma representação coesa e integrada de um evento.

A autora classifica as CVSs baseada nos seguintes parâmetros (AIKHENVALD, 2006, p. 3-4):

a) Composição: conforme será visto com mais detalhes nesta mesma seção mais adiante, construções verbais seriais simétricas consistem de dois ou mais verbos escolhidos de uma classe irrestrita semântica e gramaticalmente, enquanto construções verbais seriais assimétricas incluem um verbo de uma classe restrita gramatical ou semanticamente (por exemplo, verbos de movimento) e outro de uma classe irrestrita.

- b) Contiguidade ou não-contiguidade dos componentes: verbos que formam uma CVS podem estar lado a lado ou outro constituinte pode intervir entre eles.
- c) Limites de palavras dos componentes: componentes de uma CVS podem ou não formar palavras independentes gramaticais ou fonológicas.
- d) Marcação de categorias gramaticais: categorias verbais, como pessoa do sujeito e objeto, tempo, aspecto, modalidade, modo e evidencialidade, negação, mudança de valência, derivações de mudança de classe de palavra, força ilocucionária, e categorias discursivas como foco, podem ser marcadas apenas uma vez por construção (marcação única); ou podem ser marcados em cada componente (marcação concordante). A marcação de mudança de valência, foco e força ilocucionária tende a ser concordante. Além disso, Aikhenvald (2006, p. 43-44) afirma que a negação tende a ter marcação única, mesmo que outras categorias recebam marcação concordante.

Após explicitar os parâmetros para classificar as CVSs, convém citar as propriedades formais e semânticas das CVSs segundo Aikhenvald (2006, p. 4-21):

- a) único predicado: uma CVS funciona como cláusulas monoverbais no discurso; verbos que formam uma CVS agem juntos como um todo sintático; CVSs são, geralmente, traduzíveis como únicos predicados em línguas não-seriais.
- b) monoclausalidade: CVSs são monoclausais e não permitem marcadores de dependência sintática em seus componentes. Isso é criterioso para distinguir CVS de coordenação, consecutivização, cláusulas completivas, cláusulas subordinativas e outras estruturas multiclausais.
- c) propriedades prosódicas: uma CVS tem as propriedades entoacionais de uma cláusula monoverbal e não a de uma sequência de cláusulas; não podem ocorrer pausas entre os componentes de uma CVS.
- d) tempo, aspecto, modo, modalidade e valor de polaridade compartilhados: uma língua pode marcar tempo, aspecto, modo ou evidencialidade em cada verbo. Pode haver apenas um advérbio de negação por CVS, que pode ter a construção toda como escopo ou parte dela.
- e) único evento: todos os verbos na construção referem a subpartes ou aspectos de um único evento total; a ação ou o estado denotado pelo segundo verbo é um desenvolvimento da ação denotada pelo primeiro verbo; o segundo verbo representa um desenvolvimento, uma consequência, um resultado, um objetivo ou uma culminação da ação nomeada pelo primeiro verbo. Significados não-composicionais das CVSs em que um componente vem de uma classe gramaticalmente definida são de um tipo diferente. No exemplo (10), repetido a seguir, de Baule, Creissels (2000) notou a impossibilidade de realmente ‘pegar’ algo e ‘mostrá-lo’. A

construção descreve uma ação composta; o verbo ‘take’ (pegar) introduz um argumento nominal. As CVSs deste tipo não são uma série de subeventos, são estruturas guiadas semanticamente que referem a um evento descrito pelo verbo principal, de uma classe aberta, enquanto o verbo de uma classe fechada simplesmente fornece uma especificação gramatical, por uma trajetória de gramaticalização. Como será visto na seção de análise, tal tipo de CVS é comparada às CVPs, tendo muitas propriedades em comum.

- 10) ò-à-fá í swă n à-klè mī
 he-ANT-take his house DEF ANT-show me
 ‘He has shown me his house’ (take-show)

f) compartilhamento de argumentos: CVSs prototípicas compartilham pelo menos um argumento; todos os argumentos centrais e periféricos podem pertencer à construção toda. Os argumentos de uma CVS não são uma simples soma dos argumentos de seus componentes; um verbo transitivo, quando usado por conta própria pode se tornar menos transitivo em uma CVS. As CVSs tipicamente não permitem papéis duplicados (dois agentes, dois objetos diretos ou dois instrumentos). Todas as línguas seriais parecem ter pelo menos um tipo de CVS cujos componentes têm o mesmo sujeito. CVSs com sujeitos partilhados são o maior tipo de CVS em qualquer língua. Assim, compartilhamento de sujeito pode ser considerada uma característica de CVSs prototípicas.

g) outras propriedades: as CVSs, diferentemente de coordenação e subordinação, não podem possuir nenhum marcador de dependência sintática. No entanto, podem incluir um marcador especial que distingue uma CVS de outros tipos de construções.

Tendo em vista estas propriedades das CVSs, partimos para a composição e a semântica das CVSs (AIKHENVALD, 2006, p. 21-37):

- CVSs assimétrica e simétrica:

Em sua composição, uma CVS pode ser assimétrica ou simétrica. O primeiro tipo consiste de um verbo de uma classe aberta e irrestrita e outro de uma classe fechada e restrita semântica e gramaticalmente. Denota um único evento descrito pelo verbo de uma classe não-restrita. O verbo de uma classe fechada fornece uma especificação modificacional: geralmente, é um verbo de movimento ou postura expressando direção ou transmitindo um significado de tempo e aspecto à toda a construção. O verbo de uma classe aberta é chamado de verbo ‘maior’, enquanto o verbo de uma classe restrita é chamado de verbo ‘menor’. Os verbos menores tendem a ser gramaticalizados. Estes ainda podem reter um *status* de verbo lexical pleno na língua fora de construções em que eles foram gramaticalizados. Segue-se um

exemplo de CVS assimétrica cantonesa, em que o verbo de movimento *come* ‘vir’ fornece especificação direcional à CVS; *take come* ‘pegar vir’ significa *bring* ‘trazer’:

14) lei lo di saam lai
you take pl clothing come
‘Bring some clothes’

Já em CVSs simétricas, todos os componentes provêm de classes irrestritas. A ordem dos componentes tende a ser icônica, refletindo a sequência temporal dos subeventos. Nas construções seriais simétricas, diferentemente das assimétricas, todos os componentes têm o mesmo *status*, nenhum determina propriedades sintáticas ou semânticas da construção como um todo. As CVSs simétricas tendem a ser lexicalizadas e se tornar idiomas. A seguir, tem-se um exemplo de CVS simétrica em Ewe:

15) Áma â-da nú du
NAME POT-cook thing eat
‘Ama will cook and eat’

As CVSs representam combinações estereotipadas de verbos (há uma base cultural ou razão pragmática para sua associação). Isso cria a motivação para seu desenvolvimento em idiomas cujos significados não são iguais à soma de seus componentes. Em suma: pode-se postular duas tendências opostas para dois tipos de CVSs. Os verbos menores em construções assimétricas tendem a se tornar morfemas gramaticais, perdendo seu *status* verbal. Como um resultado dessa tendência à gramaticalização, pode não haver CVSs assimétricas sincronicamente. Historicamente, línguas desenvolvem CVSs assimétricas antes de simétricas. Mas isso não significa que as línguas mantêm ambas intactas.

- Iconicidade da ordem dos componentes e outras propriedades:

A ordem dos componentes em CVSs assimétricas não é necessariamente icônica. Um verbo de uma classe fechada pode preceder ou seguir um de uma classe aberta, dependendo do tipo da construção. Em CVSs simétricas, a ordem dos constituintes tende a ser icônica para construções sequenciais e de causa e efeito, enquanto em CVSs de modo e em serialização sinônima a ordem dos componentes é específica de cada língua. Ambos os tipos de CVSs podem ter outras diferenças dependendo da língua, o que sugere que elas são melhor vistas como extremos de um *continuum*.

Outras características relevantes aqui sobre as CVSs são a serialização produtiva e limitada e construções com dois verbos (AIKHENVALD, 2006, p. 45-46).

Línguas com serialização produtiva tendem a ter construções tanto simétricas quanto assimétricas, com poucos verbos ‘não-serializáveis’ (ou nenhum). Em línguas com

serialização limitada, CVSs são restritas só ao tipo assimétrico. A autora admite que algumas línguas europeias podem apresentar um conjunto restrito de sequências contíguas de verbos com uma leitura monopredicativa semelhantes às CVSs. Todavia, salienta que, embora construções como *go eat* em inglês americano e *pegou falou* em português brasileiro coloquial possam apresentar propriedades compatíveis com as CVSs, não podem ser consideradas como CVSs por algumas razões, como as apresentadas abaixo:

(i) “Elas são geralmente restritas em escolhas de modo, polaridade, tempo e aspecto. Já as CVSs produtivas dificilmente são restritas dessa forma”.¹⁰ Embora a autora faça uma afirmação categórica sobre propriedades dessas construções, essas construções representam um aspecto pouco descrito da gramática das línguas indo-europeias. Conclusões desse tipo precisariam estar subsidiadas por uma pesquisa robusta com grande quantidade de dados de diferentes línguas. Dos trabalhos conhecidos, como Rodrigues (2006), Stefanowish (2000), Arnaiz e Camacho (1999), Rodrigues e Coelho (2012) pode-se concluir que construções do tipo das CVPs não oferecem restrição quanto ao modo, polaridade, tempo e aspecto.

(ii) “Elas são limitadas a poucos verbos; geralmente, poucos verbos de movimento e postura”.¹¹ Porém, segundo Pullum (1990, p. 235), muitos estudos da área consideram que verbos seriais também podem conter restrições. Considerando que os verbos seriais restringem-se a verbos de movimento principalmente, vemos que no caso das línguas indo-europeias os mesmos verbos são recrutados para essas construções: *go* (inglês), *ir* (português e espanhol), *andare* (italiano), *get* (inglês), *pegar* e *agarrar* (português), *pegar*, *agarrar*, *tomar*, *coger* (espanhol) e *prendere* e *pigliare* (italiano).

(iii) “Restrições derivacionais imprevisíveis podem surgir em cada grupo semântico particular”.¹² No que tange às línguas indo-europeias, Rodrigues (2006) relata que, nas CVPs em português, o V2 não pode ser um verbo de estado, o que representaria também uma restrição semântica.

(iv) “Os dois verbos são frequentemente restritos a certos registros: em português brasileiro, eles são considerados muito coloquiais. Já em línguas produtivamente seriais, apenas alguns subtipos de CVSs podem ser ocorrências de um certo estilo”.¹³ Considerando os trabalhos em português europeu, Coelho (2013) mostra que as CVPs ocorrem em vários

¹⁰ *They are usually restricted in their mood, polarity, tense, and aspect choices.* (Aikhenvald, 2006, p. 45)

¹¹ *They are limited to just a few verbs; often, but not always, a few verbs of motion and posture.* (Aikhenvald, 2006, p. 46)

¹² *Unpredictable derivational restrictions may arise within each particular semantic group.* (Aikhenvald, 2006, p. 46)

registros, inclusive em textos escritos jornalísticos e acadêmicos, o que, portanto, serve como contra-evidência ao que preconiza Aikhenvald.

(v) “Uma conjunção ou um marcador de dependência pode ser inserido entre os componentes sem mudança de significado, como o exemplo do inglês americano *go get your jumper* e *go and get your jumper*.”¹⁴ Segundo a autora, portanto, a presença da conjunção seria uma propriedade contrastante dessas construções em relação às CVSs. De fato, as CVPs em português, em espanhol e até mesmo em inglês podem ou não inserir a conjunção *e*, *y* e *and*, respectivamente, como pode-se observar nos exemplos (16) e (17) retirados de Rodrigues (2006), (18) e (19) de Arnaiz e Camacho (1999), (20) de Stefanowish (2000) e (21) de Hopper (2002):

16) “Ele disse: “não, não desliga não que eu quero lhe falar uma coisa.” Eu não estou conhecendo a voz mesmo. Eu disse: “olha, vou desligar, hein? Até amanhã.” Ele **pegou deu** uma gargalhada . eu disse: “espera aí, fala outra vez.” Aí ele falou, eu disse: “bandido, você me acordando agora e tal.” (riso).

17) A gente, a gente que fica lá embaixo, brincando. Que que que a gente vai fazer aqui em cima? Meu pai está no trabalho, minha me fica estudando negócio aí da Jafra, que ela está fazendo, minha irmã fica com o namorado dela, eu vou ficar olhando assim; **eu vou e desço** . Eu e meu irmão fica jogando pingue-pongue.

18) “*Ramón fue y se cayó.*” (“Ramon foi e caiu.”)

19) “*Margarita agarró y salió.*” (“Margarita pegou e saiu.”)

20) “*I went and bought a weight bench, and don’t ever hardly use it.*” (“Eu fui e comprei um banco de peso, e quase nunca o uso.”)

21) “*He went and complained about us.*” (“Ele foi e reclamou sobre nós.”)

Há controvérsias no que diz respeito à possibilidade de presença de algum elemento de ligação entre verbos seriais. O fato é que, de acordo com Hyman (1971 *apud* Pullum 1991, p. 225), em algumas línguas, os verbos seriais são conectados por uma conjunção. O autor descreve o exemplo de Fe’fe’ (África) abaixo como um caso de serialização instrumental:

22) á ká láh p̄ɛ n̄wē mbáa
he PAST take knife &-cut meat
‘He cut the meat with the knife’.
(ele pega -Past faca e-corta carne)
(Ele corta a carne com a faca.)

¹³ *Double verbs are often restricted to certain registers: for instance, in Brazilian Portuguese they are considered very colloquial. In productively serializing languages some subtypes of SVCs – but never all SVCs – can be tokens of a certain style.*(Aikhenvald, 2006, p. 46)

¹⁴ *A conjunction or a dependency marker can be inserted between the com-ponents with no change in meaning, cf. American English go get your jumper and go and get your jumper.*(Aikhenvald, 2006, p. 46)

Segundo Aikhenvald (2006, p. 46), em muitas línguas, construções com dois verbos podem ser tratadas simplesmente como idiomas lexicais. Semelhanças entre essas e as CVSs em línguas seriais variam de língua para língua. Historicamente, construções com dois verbos podem desenvolver-se em “verdadeiras”¹⁵ CVSs como uma técnica gramatical; assim, elas podem ser consideradas instâncias de serialização incipiente. Somente análise baseada em critérios internos da língua pode decidir o *status* de cada construção em particular. Entendemos que o modo como a autora descreve a serialização verbal está de certa forma associada a uma visão mais tradicional de categorização, uma vez que propõe limites rígidos para a categoria, em que membros podem ou não ser incluídos. Considerando nossa visão de que as categorias linguísticas não são discretas e sofrem efeitos de prototipia, entendemos que a categoria de verbos seriais pode ser composta por membros mais e menos prototípicos. Nesse sentido, considerando a descrição das CVSs em várias línguas do mundo, observa-se que as CVPs compartilham um certo número de atributos com aquelas, embora apresente alguns atributos (como a presença da conjunção *e*) que poderiam colocá-las numa região talvez mais periférica da categoria. De qualquer modo, consoante com as propostas de Lakoff, Taylor e Heine, esse comportamento das CVPs não seria distinto de várias construções que são inseridas na categoria de verbos auxiliares, que, numa perspectiva translinguística, também representa uma categoria heterogênea, com membros centrais e marginais.

Neste estudo, na seção 4, será mostrado que as CVPs italianas são semelhantes em propriedades tanto estruturais quanto funcionais às CVSs e, portanto, não endossa-se aqui estas afirmações da autora de que construções deste tipo não podem ser consideradas como CVSs, pelo menos não a partir dos argumentos que a autora apresenta. Um dos principais fatores que permite analisar as CVPs como CVSs, por exemplo, é a questão da negação, que em ambas as construções só pode ser marcada no V2, mas tem escopo sobre toda a construção, visto que expressam apenas uma ação.

Por fim, Aikhenvald (2006, p. 46-47) postula a função das CVSs. Encontra-se motivação funcional para a serialização verbal na organização do discurso e empacotamento da informação. As CVSs podem ajudar a enfatizar vários aspectos de uma ação, elaborando em suas várias facetas. Escolher uma CVS em vez de um predicado monoverbal pode ter outras motivações pragmáticas, como marcar um novo evento. Assim, este é outro fator que

¹⁵ “Fully-fledged” no original. Percebemos, desse modo, que a autora reconhece a existência de CVSs menos e mais prototípicas, em que alguns casos seriam mais representativos da categoria do que outro numa perspectiva translinguística. No entanto, esta visão não se mantém para o caso das línguas indo-europeias, em que a autora é categórica.

nos permite analisar as CVPs como CVSs, uma vez que aquelas possuem esta mesma função, conforme será visto na seção 4.

Tendo em vista este amplo panorama das CVSs proposto por Aikhenvald (2006), a seguir serão explicitadas análises mais clássicas acerca da serialização verbal.

Pawley (1987) reflete as diferenças da codificação de eventos entre kalam e inglês. Na primeira língua, as convenções para falar sobre eventos e sobre sequências de eventos diferem notavelmente daquelas seguidas por falantes do inglês, como pode ser visto no exemplo (23):

23) Mnek am mon pk d ap ay-a-k
Next: go wood hit get come he-placed
morning
'Next morning he gathered firewood.'
(Na próxima manhã, ele recolheu lenha.)

Assim, não pode existir uma tradução isomórfica entre as línguas, mas sim uma tradução parafrástica, em que a intenção comunicativa geral do falante é mais ou menos capturada com exatidão (PAWLEY, 1987, p. 331).

O linguista propõe que haja uma relação natural entre eventos conceptuais, como os expressados por orações, e eventos reais ou naturais. Ainda, existe um esquema linguístico especificamente designado a codificar nossas concepções da estrutura de eventos únicos e limitados, a saber, a oração (PAWLEY, 1987, p. 333).

Pawley (1987, p. 336) traz uma importante diferença entre inglês e kalam. Esta língua tem poucas expressões para eventos que estão muito altos na escala da complexidade conceptual. As orações de kalam geralmente denotam eventos simples. Por outro lado, os falantes do inglês usam livremente orações únicas para representar episódios e outros eventos conceptuais complexos. Essas restrições em kalam são devidas ao pequeno número de verbos. Assim, o autor conclui que não há um conjunto universal de eventos conceptuais episódicos; as línguas variam enormemente nos tipos de recursos que elas têm para caracterizar os episódios e outros eventos complexos (PAWLEY, 1987, p. 351).

Seguem-se as considerações finais elucidadas pelo autor. Há uma fraca e indireta conexão entre eventos naturais, eventos conceptuais e a estrutura oracional. Kalam e inglês compartilham um corpo de eventos conceptuais e situações mais ou menos isomórficas, a saber, aqueles que ambas as línguas podem expressar por uma oração simples. Esse núcleo comum presumidamente reflete certas características do mundo externo e da experiência humana que são salientes para pessoas de qualquer lugar, mas é um núcleo pequeno, em relação ao conjunto total de situações conceptuais que o inglês pode reduzir a uma oração simples (PAWLEY, 1987, p. 356).

Como com eventos conceptuais, as estruturas oracionais que são mais ou menos isomórficas entre ambas as línguas são apenas uma modesta parte da extensão total das estruturas oracionais do inglês. Há uma escala de construções variando de sintagmas a orações prototípicas a sequência de orações prototípicas. No intermédio, há vários tipos de construções que são mais ou menos como a estrutura oracional prototípica (PAWLEY, 1987, p. 356-357).

Givón (1991), por seu turno, postula algumas questões sobre empacotamento gramatical vs. empacotamento cognitivo em serialização verbal. O autor define o fenômeno da serialização verbal da seguinte maneira: um evento/estado que uma língua codifica como uma oração simples com um verbo simples é codificado em outra língua como uma oração complexa com dois ou mais verbos (GIVÓN, 1991, p. 137). O linguista argumenta que a maioria das construções verbais seriais são descritas em línguas não-europeias e têm sido consideradas de algum modo exóticas, dada sua escassez notada em línguas europeias (GIVÓN, 1991, p. 138).

Segundo Givón (1991, p. 142), presume-se que há um completo isomorfismo entre o empacotamento cognitivo chamado de ‘evento’ e o empacotamento gramatical chamado ‘proposição’ (ou ‘frase’, ‘oração’). O empacotamento gramatical é de fácil definição pro linguista, mas o empacotamento cognitivo é indefinido. Também percebe-se uma inevitável circularidade: a gramática é usada primeiramente para definir a cognição e então se correlaciona com ela.

Uma das conclusões a que Givón (1991, p. 175) chega é o fato de que eventos codificados em inglês por uma oração com um único verbo são codificados em línguas seriais por orações com multi-verbos, não refletindo grandes diferenças na cognição de eventos. As construções verbais seriais não representam um diferente modo cognitivo de segmentar a realidade. A significância desse fenômeno gramatical, então, não é primeiramente transcultural ou cognitiva, mas sim tipológica. Representa o tipo de variabilidade tipológica encontrada na maioria das áreas da gramática, em que diferentes línguas desempenham tarefas de processamento do discurso muito similares por significados estruturais diferentes, embora geralmente relacionados.

Outra consideração feita por Givón (1991, p. 176) é a de que verbos prototípicos tendem a ter uma pausa. Os verbos seriais não possuem esse traço, eles perdem os limites entre os verbos. Assim, não são codificados como os verbos típicos. A serialização verbal, portanto, deveria ser vista dentro do contexto da tipologia da variabilidade translinguística de codificação, e não da tipologia da diversidade transcultural cognitiva.

Durie (1997), por sua vez, trata de estruturas gramaticais em serialização verbal. O autor afirma que a serialização é amplamente encontrada em línguas do oeste da África, sudeste da Ásia, Nova Guiné, Oceania e algumas línguas da América Central, assim como em muitos pidgins e criolos. A construção verbal serial consiste de uma sequência de dois ou mais verbos que agem juntos como um único verbo (DURIE, 1997, p. 289-290).

O autor traz algumas características chave do fenômeno (DURIE, 1997, p. 291):

- a) um único complexo verbal serial descreve o que é conceptualizado como um único evento e pode ser melhor traduzido em línguas não-seriais usando uma cláusula monoverbal (oração simples).
- b) o complexo serial compartilha tempo, aspecto, modalidade e polaridade.
- c) verbos seriais compartilham pelo menos um e possivelmente mais argumentos.
- d) um verbo não é encaixado e nem é um complemento do outro.
- e) as propriedades entonacionais de uma oração com serialização são aquelas de uma oração monoverbal.
- f) o complexo possui apenas um sujeito (argumento externo).
- g) quando a serialização resulta em um complexo de mais de dois argumentos, a configuração dos argumentos corresponde aos tipos de configurações de argumentos + adjuntos de orações simples em línguas não-seriais.
- h) há uma tendência diacrônica muito forte à lexicalização e gramaticalização do significado de complexos seriais.

Durie (1997, p. 349) conclui que não dá para ter uma impressão completa do fenômeno da serialização verbal. Verbos não-seriais e complexos verbais seriais estão sujeitos a muitas das mesmas restrições na estrutura conceptual e também em ligação sintática; o que está em harmonia com a perspectiva tradicional, que define a serialização verbal como dois ou mais verbos agindo como um verbo apenas.

Já Pawley e Lane (1998) tratam das construções verbais seriais (CVSs) em kalam. De acordo com os autores, os falantes se utilizam muito de CVSs, em que uma ou mais raízes verbais simples precedem um verbo flexionado em tempo, aspecto e modo e referência ao sujeito. Em princípio, não há um limite gramatical ao número de raízes verbais que podem ser combinadas em uma CVS, embora na prática o limite seja de 9 ou 10 (PAWLEY; LANE, 1998, p. 201). Segue-se um exemplo de CVS em kalam:

24) Bin ak ñapannan anup sop ak wik d ap tan
 Woman the child him soap the rub touch come descend

d ap yap g-e-b.
 touch come ascend do-PRS:PROG-3SG

‘The woman is soaping her child.’ (A mulher está ensaboando seu filho.)

Segundo os autores, há dois tipos de CVSs: as *single-scene*, que têm a propriedade semântica de referir-se a uma série de atos que acontecem na mesma cena ou local, como em (24), e as *multi-scene*, que se referem a uma série de atos que acontecem em diferentes cenas ou locais, isto é, o sujeito move-se de um lugar a outro. Os dois tipos também diferem nas suas restrições prosódicas e sintáticas (PAWLEY; LANE, 1998, p. 204). As CVSs *single-scene* estão sujeitas às seguintes restrições, que podem ser características de CVSs em qualquer língua do mundo, segundo os autores (PAWLEY; LANE, 1998, p. 205):

- a) Há apenas um sujeito, codificado no verbo flexionado, e também às vezes explicitado por um sintagma nominal;
- b) Há apenas uma flexão por CVS;
- c) Nenhum morfema de coordenação ou subordinação ocorre dentro da construção;
- d) Há apenas um morfema de negação por construção;
- e) A ordem dos conjuntos de verbos deve combinar com a ordem temporal das ações que eles denotam;
- f) A CVS é falada sob um único contorno entoacional, sem pausa interna perceptível entre verbos;
- g) Conjuntos de verbos transitivos compartilham um objeto;
- h) Conjuntos de verbos não são normalmente separados por sintagmas nominais ou advérbios como ‘rapidamente’.
- i) Nenhum dos morfemas não-verbais que podem ser pospostos a conjuntos de verbos flexionados podem seguir um conjunto de verbos no infinitivo.

Todos estes fatores demonstram o modo em que certos tipos de CVSs em kalam se parecem com a oração prototípica, ao menos prosódica e sintaticamente. Mas as CVSs *multi-scene* não são limitadas a todas estas restrições, principalmente não por (f) a (i). Elas são exemplos primos da interação entre as regras sintáticas de kalam e sua estrutura discursiva (PAWLEY; LANE, 1998, p. 206).

As propriedades mostradas acima podem ser remodeladas da seguinte maneira: CVSs são construções em que há mais de um verbo e (PAWLEY; LANE, 1998, p. 207-208):

- i) não há contraste nas flexões verbais;
- ii) nenhum morfema característico de limite de oração estão presentes;
- iii) não há evidência entonacional de limite de oração;
- iv) há restrições em argumentos centrais, de acordo com dois padrões principais (ambos os sujeitos são idênticos ou o objeto do primeiro verbo torna-se o sujeito do seguinte);
- v) para uma subclasse de CVS, negação e advérbios cujo escopo é a oração (principal) têm escopo em todos os verbos da construção.

É importante frisar que Pawley e Lane (1998) propõem uma análise escalar para as CVSs, mostrando que não representam uma categoria homogênea, distanciando-se, desse modo, da proposta de Aikhenvald e, em contrapartida, aproximando-se da visão endossada neste trabalho de que as categorias linguísticas apresentam efeitos de prototipia.

Tendo em vista todas estas considerações de diferentes autores acerca da serialização verbal, convém enfatizar outros tipos de construções que são semelhantes a construções verbais seriais.

Pullum (1990) trata sobre o que ele chama de ‘*quasi-serial verb constructions*’, como o *go get* do inglês americano:

25) “*Go tell it on the mountain*” (“Vá contar isso na montanha).

Este tipo de construção, segundo o autor, possui uma condição de flexão: é agramatical usar qualquer sinal de flexão em qualquer um dos verbos da construção. O linguista faz uma distinção entre este tipo de estrutura e construções completivas infinitivas, que envolvem um sintagma verbal no infinitivo como complemento.

O autor destaca a construção *go & get*, em que há um complemento pseudocoordenado:

26) “*Go and get the paper*” (“Vá e pegue o papel”).

Esse uso do *and* foi chamado de *hendyadis*, um termo que gramáticos latinos empregaram para o uso de duas palavras ligadas por uma conjunção para expressar uma única ideia complexa. A diferença entre as construções *go get* e *go & get* é que a última aceita flexão verbal, desde que os verbos compartilhem tempo, aspecto e modalidade (PULLUM, 1990, p. 221). Portanto, a construção do tipo *go & get* assemelha-se com as CVPs.

Fazendo uma analogia com serialização, Pullum (1990, p. 224-225) argumenta que usar ou não o termo ‘serialização verbal’ para as construções vistas acima não é importante, apesar destas estruturas parecerem com as definições de serialização verbal dadas por alguns autores, como a de Baker (1989): casos de SVs transitivos superficialmente sem objeto adicionados depois de um SV transitivo e compartilhando este objeto semanticamente.

Pullum (1990, p. 226-227) volta a comparar as construções *go get* e *go & get*, visto que as primeiras não podem ser analisadas como a estrutura de *go & get* sem conjunção coordenativa. Esta última não pode conter mais de dois verbos, enquanto *go get* pode. Semanticamente, *go get* tem um valor volicional não exibido por *go & get*, que possui uma leitura de evento inesperado. Nesta última, tratando-se de distinções sintáticas, o V1 pode ter vários tipos de complementos, como partículas e sintagmas preposicionais. Outra diferença sintática é que V2 pode ser negado na construção *go & get*, diferentemente de *go get*. Note-se

que estas evidências, exceto a de que o V1 da construção *go & get* pode possuir complementos (nas CVPs, somente V2 pode possuir complementos), demonstram uma enorme semelhança da construção do tipo *go & get* com as CVPs, como será visto na seção 4.

O autor conclui que as construções analisadas parecem ser governadas por subclasses particulares de verbos, o que não envolveria serialização verbal, já que neste caso não deveria haver restrição a verbos específicos na posição de V1. Porém, como visto anteriormente, de fato existem na literatura muitas descrições de línguas que possuem casos claros de serialização com restrições. Para o linguista, mesmo se aceitamos uma caracterização restritiva de serialização, é fácil notar que a distância tipológica entre o inglês e as línguas seriais não é muito grande (PULLUM, 1990, p. 235).

Lodrup (2002), por seu turno, analisa as ‘pseudocoordenações norueguesas’, que parecem coordenação na medida em que o segundo verbo tem a mesma forma morfossintática que o primeiro, mas ocorrem com um pequeno número de primeiros verbos, como ‘sentar’ e ‘pegar’. O autor afirma que as pseudocoordenações ocorrem em outras línguas, entre elas alguns dialetos italianos e talvez o inglês (a partir do trabalho de Pullum, 1990).

O autor divide os primeiros verbos em três grupos. O primeiro é formado por verbos de posição e movimento, que não são realmente gramaticalizados, visto que ainda mantêm seu significado literal, como pode-se observar no exemplo (27). O segundo grupo expressa apenas informação aspectual com o verbo ‘continuar’, como ocorre no dado (28). O verbo ‘pegar’ é o terceiro grupo, como no exemplo (29). O que é expresso por ‘pegar’ tem um efeito de perfectividade, inesperado e repentino (LODRUP, 2002, p. 122). Note-se que este terceiro grupo assemelha-se às CVPs com V1 ‘*prendere*’, visto que este verbo não categoriza objeto e ambos os verbos compartilham as flexões verbais.

27) Han sitter og skriver dikt.

He sits and writes poems.

‘He is writing poetry.’

(Ele está escrevendo poesia.)

28) Han driver og skriver dikt.

He carries-on and writes poems.

‘He is writing poetry.’

(Ele está escrevendo poesia.)

29) Han tok og skrev et dikt.

He took and wrote a poem.

‘He wrote a poem.’

(Ele escreveu um poema.)

Lodrup (2002, p. 124) discute o que seriam pseudocoordenações se não são coordenações. Uma possibilidade é a subordinação, em que o primeiro verbo governa um complemento do segundo verbo. Essa seria uma análise biclausal, já que cada verbo tem seu próprio domínio clausal. Outra possibilidade é a abordagem monoclausal. Os dois verbos juntos constituem um predicado que tem um conjunto de argumentos sintáticos dentro do domínio de uma cláusula. Assim, alguns autores consideram as pseudocoordenações como construções verbais seriais.

Para Lodrup (2002, p. 125), partindo do pressuposto de que diferentes primeiros verbos fazem parte de diferentes tipos de construção, as pseudocoordenações podem ser analisadas de ambos os modos. Com verbos como ‘sentar’ e ‘continuar’, as pseudocoordenações seriam subordinações biclausais, enquanto com o verbo ‘pegar’, elas seriam monoclausais. Este tipo de construção, segundo Lodrup (2002, p. 134-135) refere-se a um único evento, em que ‘pegar’ representa o componente de iniciação e o segundo verbo representa o componente do evento. O verbo ‘pegar’ tem um significado especial, mas o segundo verbo tem o significado literal. Construções com ‘pegar’ podem ser encontradas em muitas línguas europeias (Coseriu, 1966). E muitas línguas usam o verbo ‘pegar’ em construções verbais seriais. O argumento principal para analisar estas construções como monoclausais é a passivização. Não é possível passivizar o segundo verbo sem envolver o primeiro.

O autor traz também o problema da conjunção coordenativa. Para ele, a razão de ela ser usada é que o segundo verbo tem a mesma forma morfossintática que o primeiro. Assim, surge a questão de por qual motivo o segundo verbo tem essa forma. Lodrup soluciona o caso para as pseudocoordenações monoclausais: se elas são consideradas como construções verbais seriais, então é natural que ambos os verbos tenham a mesma forma (LODRUP, 2002, p. 137-138).

Como visto, este tipo de construção já foi citado por Coseriu em trabalhos anteriores e é o nosso foco de estudo aqui. Assim, é de suma importância que se tenha notícia do trabalho que considerou construções como as CVPs no italiano, mesmo que sua análise não tenha sido aprofundada.

2.1.8 Estudos prévios sobre as CVPs na língua italiana

De acordo com Coseriu (1977), construções como as CVPs¹⁶ podem ser encontradas na maioria das línguas europeias. O linguista romeno aponta um amplo panorama do estudo destas construções em muitas destas línguas¹⁷.

Para a língua italiana, Coseriu (1977) aponta estudos principalmente nos dialetos italianos e poucos trabalhos da língua italiana padrão. O linguista não oferece nenhuma proposta de sistematização dessas construções, apenas aponta pesquisas já feitas, dando exemplos.

Coseriu ressalta o trabalho de Rohlf (1954 *apud* COSERIU, 1977), que documenta a construção. Sua documentação abarca exemplos com *pigliare* (“pegar”, “apanhar”), uso muito corrente nos dialetos meridionais (“*piglio e me ne vo*”). Aos exemplos italianos, Rohlf agrega também um exemplo sardo com o verbo *pigare* – “pegar”, “tomar” – (“*píganta e di dónanta uma bacchetta*”). Além disso, assinala que em vêneto o verbo *ciapà* – “pegar”, “tomar” – é empregado da mesma maneira “pleonástica” (“*l’a ciapà sù e l’è nà via*”) e que em lombardo-alpino *togliere* (“tirar”, “tomar”) tem a mesma função. Em outro trabalho, Rohlf (1947 *apud* COSERIU, 1977) cita outros exemplos italianos e, por outro lado, assinala o paralelismo com o grego moderno e o romeno, advertindo que o verbo *pigliare* reforça um outro verbo para expressar intensidade ou vivacidade. A esta documentação, adiciona-se que, em italiano coloquial, *prendere* é quase em toda partecorrente nesse emprego (“*prendo e me ne vado*”), sendo que em Roma, na fala coloquial, é comum o uso do verbo *pigliare* (“*piglia e sse ne va*”).

Já Ascoli (1896 *apud* COSERIU, 1977) documentava construções paratáticas com verbos de movimento, adicionando também exemplos análogos do latim. Sorrento (1949 *apud* COSERIU, 1977), por sua vez, mostra numerosos exemplos paratáticos com verbos de movimento (*andare, venire, tornare*), em sua maioria, do siciliano e de outros dialetos meridionais, lamentavelmente sem separar as perífrases verbais das construções nas quais esses verbos mantêm seu valor léxico, mas assinalando que a construção paratática expressa uma unidade de ação quase simultânea, destacando seu caráter impulsivo (COSERIU, 1977, p. 103-104).

¹⁶É importante ressaltar que Coseriu não tratava as construções estudadas por ele com esse nome – usava o termo “construções paratáticas” apenas e reconhecia as mesmas propriedades do que aqui chamamos de CVPs.

¹⁷No entanto, o trabalho não oferece grande quantidade de exemplos e nem o contexto destes, além de que tais exemplos não parecem ser dados empiricamente atestados.

Visto que Rohlfs (1947 *apud* COSERIU, 1977) documentou o uso paratático do verbo *prendere* na língua italiana padrão e Ascoli (1896 *apud* COSERIU, 1977) e Sorrento (1949 *apud* COSERIU, 1977) ressaltaram o uso paratático de verbos de movimento, nesta pesquisa, serão analisados nos dados coletados os verbos *prendere* e *andare*, sendo este último o verbo de movimento com mais frequência de uso e mais comum.

A função que Rohlfs (1947 *apud* COSERIU, 1977) atribui ao verbo *pigliare* (*pigliare* reforça um outro verbo para expressar intensidade ou vivacidade) se assemelha com a hipótese defendida aqui de que as CVPs são construções de foco. Porém, Sorrento (1949 *apud* COSERIU, 1977) destaca um caráter impulsivo das construções paratáticas com verbos de movimento, significado que se aproxima do conceito de tomada de decisão (*decisiveness*) defendido por Stefanowitsch (2000), como no exemplo (30), em que o sujeito toma a decisão de comprar um Honda:

30) “*I just **went and bought** a Honda, I didn’t even look around or anything.*” (“Eu só fui e comprei um Honda, eu nem mesmo olhei em volta ou algo do tipo.”)

3. METODOLOGIA

Este estudo visa à pesquisa empírica a partir da análise das CVPs extraídas de *corpora* sincrônicos representativos das modalidades falada e escrita do italiano.

Os dados de escrita foram coletados a partir do *corpus* “CORIS” (disponível em: <http://corpora.dslo.unibo.it/>), produzido a partir de estudos realizados na Universidade de Bologna, disponível *online* para pesquisas. Esse *corpus* é resultado do projeto de R. Rossini Favretti iniciado em 1998 com o objetivo de criar um *corpus* de referência geral representativo e considerável do italiano escrito que deveria ser fácil de acessar e de utilizar. Este *corpus* trabalha com dados sincrônicos da língua italiana escrita, cujos textos pertencem, grosso modo, aos anos 1980 e 1990. O CORIS contém 120 milhões de palavras e consiste na coleção de textos comuns autênticos em formato eletrônico escolhidos em virtude de sua representatividade no italiano moderno. É destinado a um amplo tipo de usuários potenciais – de estudiosos da língua italiana a estudantes estrangeiros engajados em análise linguística baseados em dados autênticos e, numa perspectiva mais ampla, a todos os interessados em análise intra- e/ou interlinguística.

O CORIS trabalha com *subcorpora*, divididos em seções e estas, por sua vez, são divididas em subseções. Tais parâmetros levam à configuração da seguinte estrutura:

Quadro 1: *Subcorpora*, seções e subseções do CORIS

<i>Subcorpus</i>	Seções	Subseções
IMPRESSOS (STAMPA)	Jornais, periódicos, apêndices	nacional/local; especialista/não- especialista; conotação/não- conotação
NARRATIVAS (NARRAT)	Romances, contos	Italiano/estrangeiro; para adultos/infantil; crime/aventura/ficção científica/literatura feminina
PROSA ACADÊMICA	Ciências humanas, ciências naturais, física, ciências experimentais	Livros, revisões científicas, história popular, filosofia, arte, crítica literária, direito, economia, biologia, etc
PROSA LEGAL E ADMINISTRATIVA	Legal, burocrático, administrativo	Livros, revisões
MISCELÂNEA (MISC)	Livros sobre religião, viagem, culinária, hobbies, etc.	Livros, revisões
EFÊMEROS	Cartas, folhetos, instruções	Privado/público; forma impressa/forma eletrônica

Fonte: <http://corpora.dslo.unibo.it/>

Portanto, o *corpus* do italiano escrito CORIS pode ser definido, em linhas gerais, como: uma coleção de textos escritos autênticos, comuns, em formato eletrônico, escolhidos como representativos do italiano atual.

Os dados de fala foram coletados a partir dos *Corpora of Spontaneous Spoken Italian* LABLITA, que se insere no projeto de *corpora* C-ORAL-Rom (disponível em: <http://lablita.dit.unifi.it/coralrom/intro.html>). Seu objetivo é fornecer bancos de dados de língua falada espontânea nas principais línguas românicas, a saber: francês, italiano, português (europeu) e espanhol. O *corpus* românico falado é uma amostra do *Spontaneous Spoken Language*, gravado em situações livres com aproximadamente 300.000 palavras para cada língua. Os *Corpora of Spontaneous Spoken Italian* LABLITA, existente desde o começo dos anos 1970, trabalha com quatro *corpora* transcritos principalmente no formato CHAT (Mac Whinney, 1994), a saber:

- Um *corpus* aberto de *Spontaneous Adult Spoken Language* (fala espontânea de adultos): 120 textos de fala espontânea de comprimentos variados (de cinco minutos a duas horas), de aproximadamente 80 horas e 600.000 palavras transcritas em diferentes formatos.
- *Corpora* longitudinais de aquisição do italiano: aproximadamente 95 horas e 650.000 palavras.
- *Corpus* de transcrições da linguagem de filmes (12 filmes significativos da história do cinema italiano, de 1948 a 1994), de aproximadamente 21 horas e 115.000 palavras.
- Amostras de linguagem midiática (rádio e TV) de 92.000 palavras.

Os dados dividem-se nos domínios público, privado ou familiar, e foram separados em diálogos, monólogos ou conversas, que podem ser livres ou regulados.

Foram efetuadas pesquisas também no *site* de busca *Google*, tendo a *web* como *corpus*, a fim de enriquecer o trabalho, tendo em vista a pouca ocorrência de dados nos outros *corpora*. As buscas na *web* procederam da seguinte maneira: em primeiro lugar, listamos os tempos verbais em que é possível a ocorrência de CVPs; em seguida, efetuamos as buscas em cada tempo verbal, em todas as pessoas do discurso. Assim, para o V1 *andare*, foram efetuadas buscas em todos os tempos verbais possíveis de ocorrer CVPs e em todas as pessoas do discurso. O mesmo procedimento foi repetido para o V1 *prendere*. Note-se que a busca foi efetuada com o conector *e* seguindo o V1.

Entre os dados do *Google*, foram encontradas letras de música e postagens na rede social *Twitter*, as quais não foram consideradas na pesquisa quantitativa. Porém, convém destacar que estas atestam a grande produtividade das CVPs no italiano. Como exemplo, tem-

se a postagem no *Twitter*, que é um comentário sobre uns meninos que cantam muito bem: “Adesso io **prendo e vado** a rapire i ragazzi. Li porto in Italia e gli faccio fare dei concerti privati solo per noi... CHI E' CON ME?” (“Agora eu **pego e vou** raptar os rapazes. Levo-os à Itália e lhes faço fazer uns concertos privados só para nós... QUEM ESTÁ COMIGO?”).

Uma ocorrência que também não foi considerada na pesquisa quantitativa, mas que também demonstra que as CVPs são comuns no italiano é o nome de uma agência de viagens, a saber: “**Prendo e parto, viaggi e vacanze**” (“Pego e parto, viagens e férias”), como pode ser observado na figura 6:

Figura 6: CVP no nome de uma agência de viagens

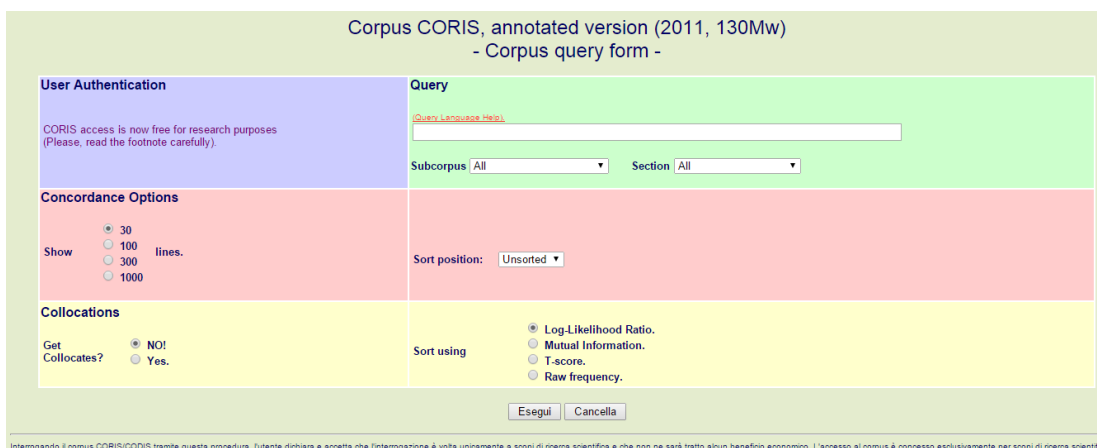


Fonte: <http://www.prendoePARTO.it/>

Convém destacar também que, pelo menos a partir dos dados coletados, a maior parte das ocorrências com V1 *andare* é retirada de textos religiosos, isto é, tende a haver uma formalidade maior quando se trata deste verbo. Quando o V1 é *prendere* parece existir mais informalidade. Todavia, estudos futuros seriam necessários para averiguar se de fato *andare* está associado a um contexto de maior formalidade.

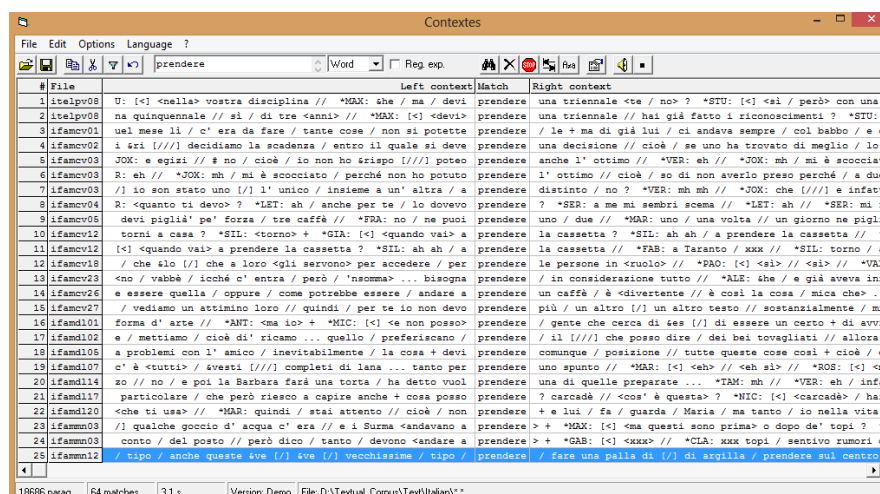
A partir dos dados coletados dos *corpora*, foi empreendida uma pesquisa quantitativa, a fim de obter-se maior confiabilidade dos resultados. A ferramenta de busca dos dados foi oferecida pelos próprios programas de *corpus*, em que coloca-se a palavra desejada no campo de pesquisa e o programa procura, como pode ser notado a seguir:

Figura 7: Ferramenta de busca do CORIS



Fonte: <http://corpora.dslo.unibo.it/>

Figura 8: Ferramenta de busca do C-ORAL-ROM



Fonte: CD do C-ORAL-ROM – *Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*

O método de análise quantitativa dos dados adotado nesta pesquisa parte da metodologia tradicionalmente utilizada nas pesquisas de sociolinguística variacionista. Portanto, o conceito de grupos de fatores foi trabalhado a fim de garantir que todas as instâncias de CVPs sejam analisadas a partir das mesmas categorias gramaticais. A operacionalização da análise quantitativa foi feita pelo programa GOLDVARB. Tal metodologia será usada apenas como recurso heurístico, já que nesta pesquisa, tal como em muitos trabalhos (RODRIGUES, 2006; CARVALHO, 2004), os fenômenos analisados não constituem casos de variação linguística *stricto sensu*¹⁸.

¹⁸ O GOLDVARB é um pacote de programas que visam a análise estatística de fenômenos de variação linguística. Uma vez que neste trabalho não estamos tratando de casos de variação, utilizamos apenas o

Os grupos de fatores a serem analisados serão explicitados aqui. Como variável dependente (não em *stricto sensu*, mas apenas para verificar a diferença entre ambos os verbos), temos o grupo das CVPs com o verbo *prendere* e com o verbo *andare*. Entre as variáveis independentes, encontram-se os grupos listados a seguir:

1. Tempos e modos verbais de V1 e V2
2. Presença de conjunção
3. Presença de material interveniente
4. Tipo de material interveniente
5. Animacidade do sujeito
6. Agentividade do sujeito
7. Tipo de sequência textual
8. *Status* informacional de V2
9. Valor ou subvalor semântico da CVP
10. Classe semântica de V2
11. Transitividade de V2
12. Pessoa do discurso
13. *Corpus*
14. Modalidade (falada ou escrita).

O grupo 1, dos tempos e modos verbais de V1 e V2, analisa em quais tempos e modos verbais as CVPs mais ocorrem e também confirma a correferencialidade dos tempos e modos entre V1 e V2. Este grupo é relevante, visto que o objetivo (2) desta pesquisa é medir o grau de gramaticalidade das CVPs. Assim, o grupo 1 mostra se as CVPs formaram um paradigma em que todos os tempos e modos verbais são possíveis, isto é, atingiu o último estágio da gramaticalização, ou se seu grau de gramaticalidade não está num estágio tão avançado.

Já o grupo 2, da presença de conjunção, pretende averiguar se a CVP possui a conjunção *e* [+ conjunção] ou se não possui [- conjunção], isto é, se ambos os verbos são ligados por um conector ou não. Note-se que, em português, de acordo com Rodrigues (2006), ambos os tipos são possíveis. Portanto, pretende-se averiguar aqui se este traço se mantém para o italiano. Este grupo também é importante na questão do grau de gramaticalidade das

programa *No recode*, que permitiu a análise quantitativa de todos os dados, tendo em vista os grupos de fatores analisados aqui.

CVPs, cumprindo o objetivo (2) deste trabalho, uma vez que em uma construção totalmente gramaticalizada a conjunção não existiria.

Há também o grupo 3, da presença de material interveniente entre V1 e V2, que examina se as CVPs permitem a ocorrência de materiais intervenientes entre V1 e V2. Este grupo é importante para mostrar o grau de coesão interna entre V1 e V2, isto é, o grau de construcionalização em que a CVP se encontra, já que quanto mais gramaticalizado, menos possibilidade de haver separação dos verbos por algum item. Portanto, este grupo também cumpre o objetivo (2) desta pesquisa.

O grupo 4, do tipo de material interveniente, está associado ao anterior (cumprindo o objetivo (2) também) e pretende examinar quais tipos de material interveniente podem ocorrer entre V1 e V2. Foi verificado anteriormente a possibilidade de ocorrência de marcadores discursivos e advérbios, no caso do português (RODRIGUES, 2006), e, para o italiano, de pronomes reflexivos e a partícula italiana ‘ne’ (na pesquisa realizada anteriormente em âmbito de IC).

Os grupos 5 e 6, de animacidade do sujeito e agentividade do sujeito, pretendem identificar nos dados obtidos se os sujeitos das CVPs são [+ animados] ou [- animados] e se os sujeitos são [+ agente] ou [- agente]. Estes grupos são relevantes na medida em que os verbos *prendere* e *andare*, em sua acepção mais básica (em que *prendere* seria sinônimo de tomar posse e *andare* tem o sentido de deslocamento físico), requerem sujeitos mais animados e mais agentes. Assim, pretendemos averiguar se esse traço se mantém nas CVPs. Estes grupos se relacionam com o objetivo (1) deste trabalho, que é advogar a favor do estatuto categorial das CVPs como um tipo de predicação complexa não previsível no italiano.

O grupo 7, do tipo de sequência textual, também relacionado ao objetivo (1) desta pesquisa, é importante para sabermos se a CVP está associada a um tipo de texto específico, isto é, pretende-se identificar se a sequência textual é do tipo narração, descrição ou dissertação-argumentação. Para o português, Rodrigues (2006) constatou que a maioria das CVPs ocorriam no tipo narração. Assim, procura-se verificar se este traço se mantém no italiano.

Tem-se também o grupo 8, do *status* informacional de V2, que pretende analisar se o V2 da CVP é considerado uma informação nova, dada ou inferível. Assim, este grupo está preocupado em checar a hipótese de que a CVP é uma construção de foco que introduz a informação nova.

O grupo 9, do valor semântico das CVPs, pretende averiguar se as CVPs têm valor semântico de tomada de decisão ou de quebra de expectativa (STEFANOWITSCH, 2000).

Este grupo foi elaborado tendo em vista outros trabalhos com construções parecidas que associavam essas construções a esses valores semânticos. Assim, tal grupo visa a checar esses valores e se estes se associam com a informação nova, cumprindo o objetivo (1) deste trabalho.

Também há o grupo 10, da classe semântica de V2, que pretende verificar se a posição V2 pode ser ocupada por qualquer verbo independentemente de sua classe semântica (ação, *dicendi*, estado e processo). A hipótese é a de que, na gramaticalização, não haveria restrição semântica para V2, como acontece com verbos auxiliares, por exemplo, que já estão totalmente gramaticalizados, sendo uma classe relacionamente aberta. Este grupo cumpre o objetivo (2) desta pesquisa.

Tem-se o grupo 11, da transitividade de V2, que pretende averiguar se o V2 é transitivo direto ou não. Este grupo é relevante devido ao fato de que se V2 for transitivo direto, pode haver ambiguidade, já que seu objeto pode ser compartilhado com o V1 e, assim, não teríamos uma CVP prototípica. Quando V2 é intransitivo, não há ambiguidade, uma vez que não há objeto a ser compartilhado com V1 e, assim, esta seria uma construção prototípica. Note-se que este grupo só é relevante quando o V1 é *prendere*, que em sua acepção plena categoriza objeto. Assim, este grupo está relacionado ao objetivo (1).

O grupo 12, da pessoa do discurso, por sua vez, quantifica as diferentes pessoas do discurso presentes nas CVPs italianas. Este grupo é relevante para averiguar se a construção está no paradigma de todas as pessoas, visto que, dessa forma, estaria totalmente gramaticalizada. Portanto, este grupo cumpre nosso objetivo (2).

Há também o grupo 13, dos *corpora*, que pretende quantificar os dados em cada *corpus*: C-ORAL-ROM, Coris e *Google*. Para este último *corpus*, foi afirmado que não entrariam na pesquisa quantitativa as ocorrências em letras de música e postagens em redes sociais. Assim, serão levados em consideração os casos de CVPs encontrados em artigos *online*, em *sites* de notícias e de fatos históricos.

O grupo 14, da modalidade, por fim, quantifica as CVPs nas modalidades falada e escrita e verifica se haveria algum tipo de diferença entre as modalidades. Devido ao fato de que os *corpora* já se subdividem em modalidade falada ou escrita, este grupo será analisado conjuntamente com o grupo 13, dos *corpora*.

Os dados analisados a seguir constam de 75 ocorrências de CVPs na língua italiana, sendo 37 do *corpus* CORIS de modalidade escrita (49,3%), 7 do C-ORAL-ROM de modalidade de fala (9,3%) e 31 do *Google* (41,3%). Destas ocorrências, tem-se 39 com o V1

andare (52%) e 36 com o V1 *prendere* (48%). Há, portanto, um equilíbrio entre ambos os verbos na posição de V1.

Convém destacar que, apesar de poucos dados encontrados nos *corpora*, este tipo de construção é amplamente atestado na língua italiana. Em conversas informais com professores e falantes de italiano, foi comprovada a existência e a frequência destas construções na língua italiana padrão. No entanto, o que justificaria a falta de dados seria que os *corpora* não possuem um recorte relevante para a análise efetuada aqui, visto que são contextos naturais de fala e escrita, podendo não demonstrar a real frequência de CVPs no italiano. Convém destacar aqui também que outros *corpora* foram consultados. Porém, tais buscas não foram produtivas.

Além disso, a pouca frequência de dados não pode ser considerada como falta de produtividade, visto que a construção do tipo CVP é esquemática. Segundo Barddal (2008), o uso mais informal do adjetivo produtivo é provavelmente com o significado de ‘frequente’. Entretanto, para Barddal (2008), a produtividade é um fenômeno gradiente, variando da alta produtividade, baseada em alta frequência ‘*type*’ e um alto grau de esquematicidade, para baixa produtividade, baseada em baixa frequência ‘*type*’ e um alto grau de especificidade; o que pressupõe que construções com alta frequência ‘*type*’ são gerais e esquematicamente abertas, enquanto construções com baixa frequência ‘*type*’ podem variar em seu grau de especificidade.

A frequência ‘*type*’ significa o número total de tipos que podem instanciar uma construção. Por exemplo, na construção ditransitiva, como em: “*I’ll send it to you.*”, todos os predicados que podem instanciar esta construção juntos perfazem sua frequência ‘*type*’, a qual não deve ser confundida com frequência ‘*token*’, que se refere ao total de ocorrências de cada tipo ou todos os tipos de uma construção em um texto ou *corpus*. Isto é, se o mesmo verbo ocorre muito frequentemente na mesma construção de estrutura argumental, que talvez seja baixa em frequência ‘*type*’, então a frequência ‘*token*’ total da construção é alta, apesar de sua baixa frequência ‘*type*’. Um ‘*type*’ é considerado por Barddal (2008) como um verbo ou um predicado instanciando uma construção de estrutura argumental.

Sendo assim, segue-se a seção 4, que mostrará a análise quantitativa dos dados analisados nos *corpora* já mencionados a partir do programa GOLDFARB.

4. ANÁLISE

Nesta seção, serão mostrados os dados analisados e sua comparação com outros tipos de construção verbal, a fim de que seja encontrada sua categorização na língua, já que evidenciam ser construções complexas diferenciadas na língua italiana. Porém, primeiramente, convém explicitar os possíveis sentidos dos verbos analisados em posição de V1, justificando seu uso nas CVPs italianas, além de delinear as perífrases verbais com o verbo *andare*, já que este é muito recrutado para construções idiomáticas.

4.1 *Andare e prendere*: sentidos

Os verbos *andare* e *prendere*, que ocupam a posição de V1 nas CVPs, são verbos de movimento de sentido básico, isto é, *andare* com seu sentido de deslocamento dêitico e *prendere* também com sentido de movimento, na medida em que pressupõe que um objeto se mova – diferentemente de *andare*, em que é o sujeito quem se move. No entanto, são verbos altamente polissêmicos, possuindo tanto valores mais lexicais quanto valores mais gramaticais. Esta polissemia deve-se ao fato de que, quanto mais amplo o sentido de uma palavra, mais abertura se dá para que ela tenha sentidos metafóricos e seja mais frequentemente recrutada para gramaticalização.

Os verbos de movimento ‘ir’ e ‘vir’ não são específicos no que diz respeito à natureza do movimento e, assim, são apropriados em uma variação de contextos muito mais ampla, e eles são de fato os verbos de movimento mais frequentes em inglês, segundo Heine (1993). São verbos desse grau de generalidade que aparecem em construções em processo de gramaticalização (HEINE, 1993). No italiano, os verbos de movimento de orientação dêitica básicos são *andare* (ir) e *venire* (vir).

De acordo com a Enciclopédia Treccani della Lingua Italiana (2014), o verbo *andare*, tomado na sua concepção mais denotativa, significa: mover-se de um lugar a outro, mudar; é o oposto de “estar parado” e sinônimo ora de “caminhar”, ora de “dirigir-se”, ora de “distanciar-se”: “andare a casa” (ir para casa); “il treno che va a Firenze” (o trem que vai para Florença); figurativamente: “il vino va ala testa” (o vinho vai à cabeça). Outro sentido figurativo é o de pensar, por exemplo: “il mio pensiero va costantemente alle vittime del terremoto” (o meu pensamento vai constantemente às vítimas do terremoto). *Andare* pode indicar o meio com que se desloca: “andare a piedi” (ir a pé); “andare in automobile” (ir de

automóvel); “andare col treno” (ir de trem). Por eufemismo, *andare* pode ter o sentido de “morrer”: “il poverino se ne va” (o pobrezinho se foi).

Unido a advérbio ou preposição, *andare* forma muitas expressões idiomáticas com significado próprio: “andare addosso a uno” (batê-lo); “andare a torno” (gitar); “andare avanti” (proceder, avançar, continuar); “andare indietro” (retornar, retroceder); “andare via” (distanciar-se de um lugar); “andare per terra” (cair).

O sentido de “proceder” também se aplica a *andare*: “gli affari vanno bene” (os negócios vão bem). Quando se trata de instrumentos e máquinas, *andare* significa “funcionar”: “l’orologio non va più” (o relógio não vai/funciona mais). Seguido de um agentivo (e de alguns complementos), *andare* tem valor copulativo e indica o modo de se mover da pessoa ou de se vestir: “andare gobbo, sporco, scalzo” (ir corcunda, sujo, descalço). Em alguns casos é sinônimo de *essere*: “andare pazzo per la musica” (ser louco pela música). Seguido de participio passado, tem o significado de “dever ser”: “il lavoro va consegnato entro domani” (o trabalho deve ser entregue amanhã). Em outros casos, *andare* é puramente fraseológico: “tutte le mie fatiche sono andate perdute” (todos os meus trabalhos foram perdidos). Seguido da preposição *a* e um infinitivo, tem o sentido de “estar no processo de”, “estar por”: “vada a morire” (vai morrer). *Andare* também é usado como exclamação para agourar alguém: “andate in malora!” (vá ao inferno!)

O verbo *andare* tem também uma função de auxiliar, seguido de um gerúndio, e exprime a continuidade da ação: “andavo pensando” (estava pensando). A partir das definições de *andare* e por saber que este verbo pode ter a função de auxiliar, considerações acerca da auxiliaridade do verbo *andare* serão explicitadas na próxima subseção.

Prendere, por seu turno, ainda de acordo com a Enciclopedia Treccani (2014), possui os seguintes significados: agarrar coisa ou pessoa com as mãos ou entre os braços, de modo que a tenha em uma determinada posição, levantá-la da terra ou de outra superfície, deslocá-la segundo as próprias intenções: “prendere una moneta” (pegar uma moeda); “prendere un bambino per mano” (pegar uma criança pelas mãos); “prendere un mobile sulle spalle” (pegar um móvel sobre os ombros); sentido figurativo: “prendere il vento” (pegar o vento – dito das velas de um barco).

O verbo *prendere* pode ser acompanhado de uma proposição coordenada indicando a ação que se cumpre ou deve cumprir-se com o objeto preso: “Prendi la pena e scrivi” (pegue a caneta e escreva). O sujeito de *prendere* pode ser inanimado, no sentido de receber, assumir: “la stanza prende luce da un abbaino” (a sala recebe luz por uma claraboia). Note-se que o

sujeito de *prendere* só pode ser inanimado se possui outro sentido que não o de agarrar, como o de receber, por exemplo.

Figurativamente, em construções idiomáticas, *prendere* pode referir-se a afeições físicas ou morais: “lo prese il freddo” (pegou o frio); ocorrendo também na passiva: “essere preso dal freddo” (foi pego pelo frio); pode referir-se também a sentimentos violentos: “lo prese una gran paura” (pegou um grande medo); pode ter o sentido de escolher alguém como companheiro, colaborador, dependente, etc: “se faccio questo viaggio prendo con me mio figlio” (se fizer esta viagem, pego comigo meu filho). Em alguns casos, *prendere* tem o sentido de instituir com outras pessoas um determinado relato afetivo: “prendere uno in odio” (pegar alguém em ódio). O sentido de ser atingido por uma doença também é possível: “prendere l’influenza” (pegar gripe). Começar a provar um determinado sentimento também é um sentido de *prendere*: “prendere odio per qualcuno” (pegar ódio por alguém). *Prendere* também tem o sentido figurativo de derivar: “è un’abitudine che há preso dalla madre” (é um hábito que pegou da mãe). O sentido de fazer algo objeto de atividade intelectual também é uma possibilidade: “prendere in considerazione” (pegar em consideração).

O verbo *prendere* também pode ocorrer na conjugação pronominal: “prendersi a qualche cosa” (prender-se a qualquer coisa); “prendersi un caffè” (tomar um café); “prendersi un divertimento” (ter diversão/divertir-se); “prendersi con la moglie” (dar-se bem com a mulher). Seguido de *a* com o infinitivo de um verbo, *prendere* toma o sentido de começar: “prese a dire” (começou a dizer) – única perífrase verbal encontrada com o verbo *prendere*.

4.2 Perífrases verbais e o verbo *andare*

Visto que os verbos *andare* e *prendere* são recrutados para a função de verbo auxiliar, primeiramente, cabe aqui delimitar o que entendemos por perífrases verbais para depois explicitar a auxiliaridade do verbo *andare*.

As perífrases verbais (ou locuções verbais) são entendidas aqui como qualquer sentença verbal com coesão interna, de maneira que funcione como um verbo simples. Para Bertinetto (1991), “é possível definir as perífrases como construções formadas por um verbo modificador que promove mudanças gramaticais e por um verbo principal que mantém o seu significado lexical”. Assim, de acordo com Gomes (2013, p. 45) “a *perifrasticidade* de uma construção depende diretamente do *grau de auxiliaridade* alcançado pelo verbo modificador, e pela conseqüente organicidade semântica e sintática dos constituintes”. Note-se que os conceitos de auxiliaridade e de *perifrasticidade* são considerados de modo escalar.

Desse modo, verbos como *andare* compartilham, mais ou menos, os mesmos traços prototípicos dos auxiliares temporais *essere* e *avere*, os quais foram sujeitos ao processo de dessemantização e de perda da autonomia sintática (GOMES, 2013), isto é, ao processo de gramaticalização estudado neste trabalho.

Em consonância com a definição da Enciclopédia Treccani (2014), Gomes (2013) postula que o verbo *andare*, um dos verbos mais frequentes em italiano, descreve movimento no espaço de referência; é um verbo de movimento dêitico e expressa um movimento em direção a um local distante do falante e do ouvinte. “O significado de base de *andare* é aquele de ‘mover-se, deslocar-se’” (GOMES, 2013, p. 47).

Ademais, *andare*, além das perífrases verbais que serão vistas abaixo, por ser um verbo muito polissêmico, pode ser usado metaforicamente, expressando o transcorrer do tempo e o desenrolar de um evento: *le cose andarono bene* (“as coisas andaram bem”). Outro uso de *andare*, ligado a um complemento de finalidade (*a* ou *per* + infinitivo), é o de “deslocamento com uma determinada finalidade para fazer algo”: *andò a chiamare un medico* (foi chamar um médico). Em outros contextos, *andare* possui a função de verbo auxiliar, junto às formas nominais do verbo (particípio passado, gerúndio ou infinitivo). Unido ao particípio passado, *andare* funciona como auxiliar na voz passiva, possuindo duas acepções: uma modal (*andava fatto* = deveria ser feito) e uma aspectual (*sono andati persi* = foram perdidos).

Bertinetto (1991, p. 138) afirma que o “verbo *andare* + gerúndio formam perífrases verbais, e indicam ações que se repetem ou que possuem continuidade: é a chamada *perifrasi continua*” – *andavo consultando* (consultava). *Andare*, segundo Gomes (2013, p. 48), também forma construção perifrástica com *a* + infinitivo, que tem uma acepção de futuro “*stare per, essere sul punto di*” (estar por, estar a ponto de): *andiamo a sentire* (vamos ouvir); *va a finire* (vai terminar). O verbo *andare* também é utilizado para formar variadas construções idiomáticas da língua italiana, como: *andare via* (ir embora), *andare avanti* (seguir adiante).

Para Gomes (2013, p. 66),

[a]s perífrases verbais são estruturas que, indubitavelmente, estão sob o efeito do processo de Gramaticalização, tanto que o fator primordial de identificação das mesmas é o fato de terem alcançado, senão todos, ao menos alguns dos mecanismos evidenciados por Heine.

Heine (1993) afirma que o auxiliar codifica um conjunto de usos ao longo de um *continuum* “*verb-to-TAM*”, já especificado anteriormente, sendo que o auxiliar não é um elemento final desse *continuum*, pertence a uma categoria intermediária, havendo a possibilidade de tornar-se um afixo ou uma flexão. Este posicionamento em uma categoria

intermediária no *continuum* da gramaticalização é um traço em comum com as CVPs, já que V1 não pode ser analisado como verbo pleno.

4.3 Propriedades estruturais e funcionais das CVPs no italiano

Nesta seção, serão apresentadas as propriedades estruturais e funcionais das CVPs na língua italiana, analisadas quantitativamente a partir dos dados coletados nos *corpora* previamente mencionados.

4.3.1 Propriedades estruturais

a) Verbos na posição de V1

Primeiramente, é importante mostrar as mudanças ocorridas nos verbos em posição de V1 – *prendere* e *andare* –, visto que tais verbos sofrem gramaticalização, isto é, modificam seus sentidos, propriedades e funções originais. O significado original mais geral de *prendere*, como visto anteriormente, é: “agarrar coisa ou pessoa com as mãos ou entre os braços, de modo que a tenha em uma determinada posição, levá-la da terra ou de outra superfície, deslocá-la segundo as próprias intenções”. Note-se que nas CVPs o verbo deixa de ter esse sentido, isto é, ele sofre dessemantização. Assim, sintaticamente, *prendere* deixa de categorizar complemento, sofrendo, portanto, decategorização.

Na ocorrência (1), em que um personagem diz ao outro que este é louco, que é um botânico e que não tem a mínima noção de política, *prendere* deixa de ter a função de expressar a posse de algum objeto, já que o objeto de *lasciare*, que é *paese*, não poderia ser objeto de *prendere* nem por anáfora, uma vez que não se pega um país literalmente:

1) Cosa credi, che uno riesca
O que Achar-Pres.Ind.2sg. que alguém Conseguir-Pres.Ind.3sg.

da solo a **prendere** e **lasciare** un paese intero, così?
sozinho part. Pegar-Inf. e Deixar-Inf. um país inteiro assim?
O que você acha, que alguém consegue sozinho pegar e largar um país inteiro, assim?
(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

O sentido mais amplo de *andare*, por sua vez, é o de: “mover-se de um lugar a outro”. No entanto, essa noção de movimento é descartada, uma vez que o verbo encontra-se em

posição de V1 nas CVPs (dessemantização). Dessa maneira, *andare* não mais necessita de um complemento locativo nessa construção (decategorização). No dado (2) – em um contexto em que um personagem diz ao outro que, no massacre dos judeus, os ingleses dispararam contra os navios de refugiados, mas os trabalhadores disseram que suas armas eram imaculadas e o personagem diz que as armas não são imaculadas, foram feitas para semear ruína e destruição – *vai* não tem a função de expressar movimento a algum lugar específico, visto que neste contexto anterior não foi mencionado nenhum local para ser recuperado a seguir:

- 2) Herzl, **vai** e **fai** il tuo dovere.
 Herzl, Ir-Imp.2sg. e Fazer-Imp.2sg. o seu dever.
 Herzl, vá e faça o seu dever.
 (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

b) Tempos e modos verbais

Em seguida, faz-se necessária a análise dos tempos e modos verbais em que as CVPs ocorreram nos dados obtidos, visto que pretendemos averiguar se o paradigma verbal está completo ou se as CVPs não atingiram o grau máximo de gramaticalidade. Vale ressaltar que na totalidade dos casos, houve correferência verbal, isto é, ambos os verbos V1 e V2 compartilham todas as flexões verbais, tanto as número-pessoais quanto as modo-temporais. Observe-se a tabela 1, que mostra o número de ocorrências de cada tempo verbal encontrado e sua porcentagem, sendo que, em sua maioria, os tempos verbais encontrados pertencem ao modo indicativo, e alguns pertencem ao modo imperativo:

Tabela 1: Tempos verbais

Tempo/mo verbal	Ocorrências com V1 <i>prendere</i>	Ocorrências com V1 <i>andare</i>	Total de ocorrências
Imperativo	5 (29,4%)	12 (70,6%)	17 (22,7%)
Presente	6 (46,2%)	7 (53,8%)	13 (17,3%)
Passado remoto	4 (30,8%)	9 (69,2%)	13 (17,3%)
Passado imperfeito	12 (92,3%)	1 (7,7%)	13 (17,3%)
Passado próximo	6 (75%)	2 (25%)	8 (10,7%)
Infinitivo	5 (62,5%)	3 (37,5%)	8 (10,7%)
Futuro	1 (33,3%)	2 (66,7%)	3 (4%)
Total	39 (52%)	36 (48%)	75 (100%)

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2015

Note-se que o modo imperativo é mais frequente com o verbo em posição de V1 *andare*. Esta hegemonia deve-se ao fato de que há muitas ocorrências bíblicas em que Jesus pede que os outros façam algo, utilizando-se de uma CVP, como será visto no exemplo (3). Outra grande discrepância é em relação ao tempo passado remoto, que é um tempo verbal italiano mais formal e que geralmente é encontrado na escrita. Na tabela 1, observa-se que também há mais ocorrências com o V1 *andare*, que aparece em textos bíblicos e narrativos em geral, corroborando com o fato de que a escrita prevalece neste tempo verbal. As ocorrências com os outros dois tipos de passados (o imperfeito e o próximo, que corresponde ao nosso pretérito perfeito) possuem em sua maioria o verbo *prendere* em posição de V1. Uma possível razão para o *prendere* ocorrer mais abundantemente nestes tempos verbais é que estes podem acontecer em situações mais informais. Assim, conclui-se que, de modo geral, o V1 *andare* ocorre em casos mais formais e o V1 *prendere*, em casos mais informais. Todavia, no total das ocorrências há um equilíbrio entre os V1 *prendere* (com 39 ocorrências) e *andare* (com 36 casos). Note-se ainda que nem todos os tempos e modos verbais estão presentes nas CVPs analisadas, o que pode indicar um nível de gramaticalidade menos avançado. Seguem-se exemplos dos tempos verbais mais recorrentes nas CVPs italianas.

Na ocorrência (3), cujo tempo verbal é o imperativo, os homens ensinavam o Dharma aos seres vivos e Jesus havia curado muitos cegos. Assim, Jesus pediu aos homens para que relatassem a João o que haviam visto e ouvido:

3) Poi [Gesù] diede loro questa risposta: “**Andate**
 Depois [Jesus] Dar-Perf.Ind.3sg. a eles esta resposta: “Ir-Imp.2pl.

e **riferite** a Giovanni ciò che avete
 e Relatar-Imp.2pl. a João aquilo que Ter-Pres.Ind.2pl.AUX

visto e ouvido.
 Ver-Part. e Ouvir-Part.
 Depois, [Jesus] deu a eles esta resposta: “Ide e relatai a João aquilo que viram e ouviram”.
 (Subcorpus: MISC/Section: MISCVolumi)

No dado (4), que, por sua vez, se encontra no presente do indicativo, o falante afirma que a aproximação ao budismo dos laicos põe atenção na acumulação de méritos (karma), recitando as três “jóias”:

- 4) Io **prendo** e **rifugio** nel Buddha,
 Eu Pegar-Pres.Ind.1sg. e Refugiar-Pres.Ind.1sg em o Buda
- Io **prendo** e **rifugio** nel Dharma,
 Eu Pegar-Pres.Ind.1sg. e Refugiar-Pres.Ind.1sg em o Dharma
- Io **prendo** e **rifugio** nel Sangha.
 Eu Pegar-Pres.Ind.1sg. e Refugiar-Pres.Ind.1sg em o Sangha
 Eu pego e refugio no Buda, eu pego e refugio no Dharma, eu pego e refugio no Sangha.
 (Subcorpus: MON2001_04/Section: MON2001_04)

A ocorrência (5) encontra-se no tempo verbal italiano passado remoto. Note-se que é o único exemplo encontrado de passado remoto na modalidade falada da língua, visto que, como já dito, o passado remoto é um tempo verbal mais formal e, portanto, mais encontrado na escrita. Nele, a mulher estava falando que o marido disse que conhecia San Giovanni e que o trem para por uma hora e meia, vai até Attilio e depois profere:

- 5) fu quando **s' andò** /
 ir-Per.Ind.3sg quando se ir-Per.Ind.3sg /
- e ci si presentò** / a questa bottega
 e part. refl. apresentar-Per.Ind.3sg / a esta loja
 ... foi quando se foi e se apresentou aqui nesta loja.
 (ifamnn01)

Outro tempo verbal muito recorrente foi o passado imperfeito e pode ser observado no exemplo (6), a seguir. Aqui, o falante declara que parou de fumar faz um ano e as ansiedades o reprendiam. Então, proferiu:

- 6) E spesso abbandonavo tutti **prendevo** e
 E frequentemente abandonar-Imperf.Ind.1sg todos prendere-Imperf.Ind.1sg e
- me ne andavo** a fare un giro per fatti miei
 refl. Part. andare-Imperf.Ind.1sg a fazer-Inf. uma volta para negócios meus
 E frequentemente abandonava todos, pegava e ia-me a dar uma volta para meus negócios.
 (<http://www.sostanze.info/esperienza/cannabs-crea-ansia-paranoie>)

c) *Uso do conector e*

Em quase todos os dados encontrados (97,3%), tem-se a presença do conector *e* ligando V1 e V2. Portanto, a maior parte das ocorrências são do tipo [+conjunção], sendo que

apenas 2 ocorrências não contêm a conjunção *e* e são do tipo [-conjunção]. Portanto, conclui-se que, pelo menos a partir da coleta de dados efetuada aqui, os falantes de italiano tendem a usar o conector *e*, mas este não é de uso obrigatório. A ocorrência (7) é do tipo [+conjunção]. Aqui, um falante responde ao outro algo que não está relacionado com a pergunta feita:

- 7) ...lui va la sera **prende** e **va** a letto
...ele ir-Pres.Ind.3sg a noite pegar-Pres.Ind.3sg e ir-Pres.Ind.3sg para cama

e porta i bicchiere dell' acqua
e levar-Pres.Ind.3sg as garrafas de água
... ele vai a noite, pega e vai para cama e leva as garrafas d'água.
(ifamdl08)

Já a ocorrência (8), em que tem-se uma dissertação sobre técnicas manuais de arte com argila, mostra a possibilidade da CVP ser do tipo [-conjunção] e não conter o conector *e*:

- 8) ... tipo **prendere** / **fare** una palla di [/] di argilla...
... tipo pegar-Inf. / fazer-Inf uma bola de [/] de argila...
... tipo pegar fazer uma bola de argila...
(ifammn12)

d) *Materiais intervenientes*

Em 14 dados analisados (18,7%), alguns materiais intervenientes se fazem presentes entre os verbos V1 e V2. Dentre estes materiais, encontram-se pronomes reflexivos, as partículas italianas *ne*¹⁹ e *ci* (locativo) e o advérbio de negação *non*. A existência destas palavras entre os dois verbos pode indicar que o processo de gramaticalização não chegou a seu estágio final, em que não haveria a possibilidade de palavras entre os verbos, como acontece nas construções com verbos auxiliares. No dado (9), repetido aqui, em que o pronome reflexivo *me* e a partícula italiana *ne* se fazem presentes, um dos participantes do diálogo se irrita com as respostas do outro e continua dessa forma:

¹⁹ A partícula *ne* caracteriza-se como um advérbio de lugar ou como um pronome átono com a mesma função sintática dos sintagmas formados pelas preposições *di* (“de”) e *da* (“de” no sentido de proveniência) mais um pronome pessoal ou demonstrativo, como por exemplo: *di lui* (“dele”), *di questo* (“disso/disto”). Em outros casos, *ne* tem valor neutro, e se refere a uma frase ou conceito precedente.

9) Si continui su questa linea di risposta
 Se continuar-Pres.Subj.2sg. em essa linha de resposta

prendo e me ne vado.
 pegar-Pres.1sg. e refl. part. ir-Pres.1sg.
 Se você continuar nessa linha de resposta, eu pego e vou-me embora.
 (SubCorpus:MON2008_10/ Section: MON2008_10)

A ocorrência (10), por sua vez, é intermediada pelo advérbio de negação *non*. Note-se que o posicionamento de *non* é o de preceder V2. Porém, o escopo da negação recai sobre toda a construção. A negação não incide sobre V1, já que este verbo é modificado por gramaticalização e, como será visto na próxima subseção, tem outra função na oração, a saber, a de dar foco a V2. No caso deste exemplo, a personagem está se referindo ao contexto da política:

10) Il mio compito è come il vostro: **andare e**
 O meu dever Ser-Pres.Ind.3sg. como o vosso: Ir-Inf. e

non mollare mai.
 não Desistir-Inf. nunca.
 O meu dever é como o vosso: ir e não desistir nunca.
 Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

e) *Animacidade e agentividade do sujeito*

Visto que os verbos *prendere* e *andare*, como verbos plenos, requerem sujeitos animados e agentes, procuramos analisar se este traço se mantém nas CVPs ou se se modifica. Tem-se que, quase na totalidade dos dados (97,2%), os sujeitos são [+animados] e [+agentes], como ocorre no dado (11), em que o sujeito é *Leocadia* (animado e agente da ação de levar as fofocas):

11) Leocadia si divertiva a scovare pettegolezzi,
 Leocadia refl. Divertir-Imperf.Ind.3sg. part. Desentocar-Inf. fofocas

predeva e portava.
 Pegar-Imperf.Ind.3sg. e Levar-Imperf.Ind.3sg.
 Leocádia se divertia desentocando (lit. a desentocar) fofocas, pegava e levava.
 (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATTrRacconti)

Note-se que, neste caso, o objeto de V2 não está marcado, mas recuperando a oração anterior, sabe-se que o objeto de *levar é fofocas*. Apesar deste exemplo parecer ambíguo, já que o objeto de *pegar* poderia ser *fofocas* também, em italiano a tendência é que não haja anáfora zero neste caso.

A ocorrência (12) é uma das duas exceções na questão de animacidade e agentividade do sujeito, em que o sujeito é *la televisione* (“a televisão”) – [-animado] e [-agente]. Porém, sabe-se que são pessoas que agem nos bastidores da televisão. Assim, por metonímia, pode-se pensar que o sujeito seria animado e agente. Neste exemplo, o falante se refere ao contexto da música:

12) Ogni tanto la televisione **prende** e **manda**
 Ocasionalmente a televisão Pegar-Pres.Ind.3sg. e Mandar-Pres.Ind.3sg.

in scena i migliori o i più amati dal pubblico.
 em cena os melhores ou os mais amados do público.
 Ocasionalmente, a televisão pega e manda em cena os melhores ou os mais amados do público. (Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

A outra exceção, ocorrência (13), contém o sujeito *i soldi* (“o dinheiro”), que é [-animado] e [-agente]. No entanto, pode-se pensar que, se o dinheiro sumiu, alguém ([+animado] e [+agente]) tomou a atitude de sumir com o dinheiro, tanto que no contexto anterior, a pessoa fala que eles (alguma empresa) deram 1 milhão e 100 mil para alguém e que o dinheiro se foi todo. Então diz: “ele sabe que o dinheiro foi, então nós devemos entender por qual razão sabe que o dinheiro foi ou...”:

13) o se non sa / che i soldi **sono** **andati** /
 ou se não saber-Pres.Ind.3sg / que o dinheiro ser-Pres.Ind.3pl.AUX ir-Part. /

e **sono** **rimasti** in mano a [/] al finanziere //
 e ser-Pres.Ind.3pl.AUX permanecer-Part. em mãos a [/] do financeiro //
 ... ou se não sabe que o dinheiro foi e permaneceu em mãos do financeiro.
 (inatla03)

Portanto, o traço da animacidade e da agentividade do sujeito dos verbos *prendere* e *andare* quando plenos se mantém praticamente idêntico quando estes verbos estão em posição de V1 nas CVPs. Assim, estes traços não são característicos da diferença entre os verbos plenos e os V1 das CVPs, embora nestas últimas haja a pequena possibilidade de o sujeito ser não animado e não agente.

f) *Tipo de sequência textual*

Quanto ao grupo do tipo de sequência textual, tem-se que a maior parte dos dados são narrativas (53 dados com 70,7%), enquanto alguns textos dissertativos-argumentativos também foram encontrados (22 dados com 29,3%) e nenhum texto descritivo foi encontrado. Assim, as CVPs do italiano se assemelham às CVPs do português, que também têm em sua maioria casos de narração (RODRIGUES, 2006). O caso (14) é exemplo do tipo mais frequente, a narração. Nele, a personagem narra que estava diante de um cadáver e por este motivo se virou:

- 14) E va bene, i morti mi fanno impressione,
E tudo bem, os mortos refl. Fazer-Pres.Ind.3pl. impressão
- ho avuto paura, che male c'è,
Ter-Pres.Ind.1sg.AUX Ter-Part. medo, que mal Existir-Pres.Ind.3sg.
- ho preso e sono filata.**
Ter-Pres.Ind.1sg.AUX Pegar-Part. e Ser-Pres.Ind.1sg.AUX Virar-Part.
E tudo bem, os mortos me impressionam (lit. fazem impressão), tive medo, que mal tem (lit. existe), peguei e virei. (Subcorpus: MON2005_07/Section: MON2005_07)

Na ocorrência (15), tem-se um caso de dissertação-argumentação, em que o sujeito diz que está melhor ao ter envelhecido; aos trinta anos decidiu se tornar adulto, no sentido de que confia mais na experiência do que na pressa, então argumenta:

- 15) Quando sei giovane non stai lì
Quando Ser-Pres.Ind.2sg. jovem não Estar-Pres.Ind.2sg. ali
- a riflettere, **vai e basta.**
para Refletir-Inf., Ir-Pres.Ind.2sg. e Bastar-Pres.Ind.2sg.
Quando você é jovem não está ali para refletir, você vai e basta.
(Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

g) *Classe semântica de V2*

A classe semântica do segundo verbo da construção é frequentemente constituída de verbos de ação (69 dados com 92%), com apenas 4 exemplos com verbo *dicendi*, 1 com verbo de estado e 1 com verbo de processo. Este grupo demonstra que provavelmente as CVPs não tenham chegado a seu estágio final no processo de gramaticalização, visto que, apesar de a

classe semântica de V2 ser aberta, há pouca probabilidade de haver outros tipos de verbos que não sejam de ação. No dado (16), em um contexto em que os jogadores de futebol em geral se contentam apenas em ser convocados, não importando se depois eles nunca verão o campo, o falante toma um posicionamento, utilizando o verbo *giocare* (“jogar”), que é um verbo de ação:

16) Io, o **vado** e **gioco**, oppure non
Eu, ou Ir-Pres.Ind.1sg. e Jogar-Pres.Ind.1sg. ou não

m’ interessa.

refl. Interessar-Pres.Ind.1sg.

Eu, ou vou e jogo, ou não me interessa.

(Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

Já na ocorrência (17), tem-se um verbo *dicendi* na posição de V2 – *dice* (“diz”) –, em que o falante se refere à política e profere:

17) Infatti non c’è più un partito a cui
De fato não Existir-Pres.Ind.3sg. mais um partido ao qual

uno **va** e **dice** “Eccomi! Voglio
alguém Ir-Pres.Ind.3sg. e Dizer-Pres.Ind.3sg. “Eis-me aqui! Querer-Pres.Ind.1sg.

la tessera, voglio lavorare con voi.
o cartão Querer-Pres.Ind.1sg. Trabalhar-Inf. com vocês.

De fato, não existe mais um partido ao qual alguém vai e diz: “Eis-me aqui! Quero o cartão, quero trabalhar com vocês”.

(Subcorpus: MON2005_07/Section: MON2005_07)

Outro tipo de verbo encontrado é o de processo. Assim, no dado (18), que constitui-se em um exemplo de dicionário, tem-se o verbo *sentirse* (“sentir-se”):

18) Molti **andarono** e **si sentirono** compresi
Muitos andare-Perf.Ind.3pp e refl. Sentir-Perf.Ind.3pp compreendidos

e riposati senza potersene più staccare.

e descansados sem poder-Inf.-refl.-part. mais retirar.

Muitos foram e se sentiram compreendidos e descansados sem poder mais retirar.

(<http://it.bab.la/dizionario/italiano-francese/andarono>)

h) Transitividade de V2

No que diz respeito à transitividade de V2, há um certo equilíbrio nos dados entre verbos transitivos diretos (34 dados com 45,3 %) e outros – bitransitivos ou intransitivos (41 dados com 54,7%). Isto é relevante, pois, como dito anteriormente, quando o V1 é *prendere*, este verbo deixa de subcategorizar objeto direto nas CVPs. No entanto, em PB, poderia haver ambiguidade semântica, já que poderia existir um compartilhamento de objeto se V2 for transitivo direto. Porém, em italiano, há uma tendência em não compartilhar objetos, uma vez que, prototipicamente, os objetos são explícitos. Assim, a possibilidade de haver ambiguidade semântica em italiano é pequena. Por exemplo, a oração “João comprou um bolo e comeu”, que não apresenta objeto explícito no segundo verbo (o que é gramaticalmente aceitável e comum em PB), poderia ser traduzida para o italiano da seguinte maneira: “João ha comprato una torta e l’ha mangiato”, em que o pronome abreviado ‘la’ é a explicitação do objeto já citado anteriormente, já que em italiano o objeto direto tende a ser explícito, mesmo que seja de forma pronominal. Portanto, conclui-se que, em PB, é gramaticalmente correto e perfeitamente aceitável o uso de objeto nulo, uma vez que fica implícito qual seria o objeto pelo que foi dito antes e, assim, as CVPs poderiam ser ambíguas e se confundirem com orações coordenadas. Já em italiano, apesar de haver uma pequena probabilidade de se utilizar objeto nulo, este não é gramaticalmente aceitável (pelo menos para a gramática tradicional) e, assim, a possibilidade de haver ambiguidade entre uma CVP e uma coordenação é praticamente anulada.

Na ocorrência (19), o verbo *fortificare* é transitivo direto, seu complemento é *il castello*. Assim, pode-se pensar que haveria ambiguidade. Porém, a não ser que haja um sentido metafórico, não é possível pegar um castelo fisicamente. Além disso, em italiano, a tendência é que o objeto seja marcado e, se não está marcado, a ambiguidade é improvável.

19) [I franchi] Si insediano nella Terra de Moab
[Os francos] refl. Apossar-Pres.Ind.3pl. de a Terra de Moab

e in Idumea dove, nel 1115,
e de Idumeia, onde, em 1115,

prendono e **fortificano** il castello de Shobak.
Pegar-Pres.Ind.3pl. e Fortificar-Pres.Ind.3pl. o castelo de Shobak.
[Os francos] apossaram-se da Terra de Moab e de Idumeia, onde, em 1115, pegaram e fortificaram o castelo de Shobak.
(Subcorpus: MISC/ Section: MISCDocumenti)

Já no dado (20), o V2 *andare* é intransitivo. Assim, a construção é uma CVP prototípica, sem abertura para interpretação ambígua. O contexto é o de que a personagem sentiu um antigo desejo, então proferiu:

20) Allora **ho** **preso** e **sono** **andato**
 Então Ter-Pres.Ind.1sg.AUX Pegar-Part. e Ser-Pres.Ind.1sg.AUX Ir-Part.

di là, da mia moglie.

até lá, até minha mulher.

Então, eu peguei e fui embora de lá, até minha mulher.

(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

A ocorrência (21), por sua vez, possui um verbo bitransitivo. Neste exemplo, um artigo que fala sobre quando os pais são o problema, e não os filhos, o escritor diz que antigamente o tratamento dos mestres era rigoroso. Assim, o objeto indireto do verbo *portavi* (“levava”) é *a casa* (“para casa”) e o objeto direto está oculto:

21) Se ti dava uno schiaffo tu non fiatavi
 Se te dar-Imperf.Ind.3ps um tapa você não respirar-Imperf.Ind.2ps

prendevi e **portavi** a casa
 prendere-Imperf.Ind.2ps e levar-Imperf.Ind.2ps para casa

Se te dava um tapa, você não respirava, pegava e levava para casa.

(<http://mangiatoridicervello.com/2015/02/02/quando-il-problema-sono-i-genitori-e-non-i-bambini/>)

i) Pessoa do discurso

O grupo da pessoa do discurso que está presente nas CVPs, como pode-se notar na tabela 2, mostra uma vantagem de frequência da terceira pessoa do singular, o que pode ser corroborado com o fato de que o tipo de sequência textual mais frequente é a narração. Em segundo lugar, encontra-se a primeira pessoa do singular. Há ocorrências de todas as pessoas do discurso, além de sujeito indeterminado nos casos com verbo no infinitivo. Portanto, o paradigma da pessoa do discurso está completo. Este grupo de fatores pode mostrar um grande grau de gramaticalidade das CVPs, já que estas se estendem a todas as pessoas do discurso, isto é, este paradigma está completo.

Tabela 2: Pessoas do discurso

Pessoa do discurso	Ocorrências com V1 <i>prendere</i>	Ocorrências com V1 <i>andare</i>	Total de ocorrências
3ª sg	12 (63,2%)	7 (36,8%)	19 (25,3%)
1ª sg	13 (72,2%)	5 (27,8%)	18 (24%)
2ª pl	1 (10%)	9 (90%)	10 (13,3%)
2ª sg	4 (44,4%)	5 (55,6%)	9 (12%)
3ª pl	1 (14,3%)	6 (85,7%)	7 (9,3%)
Sujeito indeterminado	5 (71,4%)	2 (28,6%)	7 (9,3%)
1ª pl	3 (60%)	2 (40%)	5 (6,7%)
Total	39 (52%)	36 (48%)	75 (100%)

Fonte: elaborado pelo próprio autor, 2015

Note-se que há uma certa discrepância em relação aos V1 *prendere* e *andare*. Na primeira e na terceira pessoa do singular, o *prendere* tem grande vantagem (13 e 12 casos, respectivamente, para apenas 5 e 7 casos com *andare*). Já na segunda e na terceira pessoa do plural, a vantagem fica para o *andare* (9 e 6 ocorrências, respectivamente, para apenas 1 de cada com *prendere*). Nos outros casos, há um certo equilíbrio. Ademais, no geral, o total fica equilibrado (39 ocorrências com *prendere* e 36 casos com *andare*).

No dado (22), em que a personagem quer mostrar a necessidade de uma mudança política, tem-se que o sujeito *Cossiga* está na terceira pessoa do singular, o caso mais frequente, portanto, da análise:

22) Stando così le cose, Cossiga ieri **ha**
 Estar-Ger. assim as coisas, Cossiga ontem Ter-Pres.Ind.3sg.AUX

preso e ha scritto a Mastella.
 Pegar-Part. e Ter-Pres.Ind.3sg.AUX Escrever-Part. a Mastella.
 Estando assim as coisas, Cossiga ontem pegou e escreveu a Mastella.
 (Subcorpus: STAMPA/Section: STAMPAQuotidiani)

O segundo caso mais frequente é a primeira pessoa do singular. A ocorrência (23), retirada de um texto religioso, é um exemplo deste caso:

23) Io **andrò e farò** la volontà di Dio
 Eu andare-Fut.Ind.1ps e fazer-Fut.Ind.1ps a vontade de Deus
 Eu irei e farei a vontade de Deus.
 (<https://www.lds.org/general-conference/1995/10/i-will-go?lang=ita>)

4.3.2 Propriedades funcionais

A análise das propriedades funcionais das CVPs no italiano baseou-se tanto na perspectiva oracional da Estrutura Informacional de Halliday (1985), em que defende-se que V1 seria o Tema e V2 seria a informação remática, quanto na perspectiva textual de Prince (1981) – em que o discurso prévio é essencial para se averiguar que tipo de informação é um dado: nova, dada ou inferível. No que se refere à estrutura informacional de V2, a maioria dos dados corroboraram a hipótese de que as CVPs seriam construções de foco, em que V1 (o rema) tem a função de dar ênfase a V2 (o rema), mostrando uma tomada de decisão ou uma quebra de expectativa. Assim, a informação expressa por V2 é uma informação remática nova, na maior parte dos casos (73 dados com 97,3%), como na ocorrência (24), em que o ato de saquear Volterra é um dado novo, não encontrado no discurso anterior:

24) Tre anni dopo **prendeva** e **saccheggiava**
Três anos depois Pegar-Imperf.Ind.3sg. e Saquear-Imperf.Ind.3sg.

Volterra per conto dei fiorentini.

Volterra por conta de os florentinos.

Três anos depois pegava e saqueava Volterra em nome (lit. por conta) dos florentinos.

(Subcorpus: MISC/Section: MISCVolumi)

Sabe-se, portanto, que a informação nova pode ser uma tomada de decisão ou uma quebra de expectativa. Note-se que estes termos foram emprestados da Semântica, aqui empregados para relatar a função das CVPs. Na grande maioria dos dados encontrados, o sujeito da CVP toma uma decisão (67 dados com 90,5%), como na ocorrência (25), em que o personagem Yoske toma a decisão de salvar um ferido, em meio à guerra:

25) Se un giovane forte e sano come Yoske **va**
Se um jovem forte e são como Yoske Ir-Pres.Ind.3sg.

e **salva** um ferito, strisciando tra gli spari,
e Salvar-Pres.Ind.3sg. um ferido, Rastejar-Ger. entre os disparos,

benissimo, tanti complimenti.

muito bem, muitos cumprimentos.

Se um jovem forte e são como Yoske vai e salva um ferido, rastejando entre os disparos, muito bem, parabéns (lit. muitos cumprimentos).

(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATTrRomanzi)

Um dado que exemplifica uma contra-expectativa é a ocorrência (26), em que a personagem, apesar de parecer curada e estar normal, tomou uma atitude que contraria as expectativas e se joga escada abaixo:

26) Da quando era tornata dalla clinica sembrava guarita,
 prep quando Voltar-Pas.Ind.3sg. de a clínica Parecer-Pas.Ind.3sg. curada,

era abbastanza normale, poi la notte di Natale
 Ser-Imperf.Ind.3sg. bastante normal, depois na noite de Natal

ha preso e si è buttata
 Ter-Pres.Ind.3sg.AUX Pegar-Part. e refl. Ser-Pres.Ind.3sg.AUX Jogar-Part.

giù dalle scale.

baixo de a escada.

Quanto voltou da clínica, parecia curada, estava bastante normal, depois na noite de Natal, pegou e se jogou escada abaixo.

(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

Contrariando a ideia de que todos os verbos em posição de V2 são informação nova e que as CVPs são construções com função de foco, tem-se dois contra-exemplos em que o V2 é informação inferível. No dado (27), o personagem mostra seu pensamento de voltar para casa antes de tomar sua decisão de ir embora. Portanto, pode-se inferir que ele iria embora. Assim, a CVP, nesse caso, tem função de concluir um dilema do personagem, com o valor discursivo de concluir uma parte da narrativa, pois aparece num lugar chave da narrativa, em que a personagem muda de assunto após esta conclusão:

27) mi fermai, pensai, pensai
 refl. Parar-Perf.Ind.1sg. Pensar-Perf.Ind.1sg. Pensar-Perf.Ind.1sg.

con indiferença: “Bene, torniamo -ce -ne a casa”

com indiferença: “Bom, Tornar-Imp.1pl.-refl.-part. para casa”

presi e me ne andai.

Pegar-Perf.Ind.1sg. e refl. part. Ir-Perf.Ind.1sg.

Parei, pensei, pensei com indiferença: “Bom, tornemos para casa”, peguei e fui-me embora.

(Subcorpus: NARRAT/ Section: NARRATVaria)

No dado (28), a informação veiculada por V2 é inferível, visto que as personagens já haviam falado previamente que iam doar ouro à pátria. Com isso, tem-se uma função diferente para essa CVP, a saber: função discursiva textual, que colabora na organização do texto; ela seria uma ponte entre o que foi dito antes, retomando a ideia para depois dar sequência ao texto:

28) Domenica andiamo a donare l'oro
 Domingo Ir-Imp.Ind.1pl. a Doar-Inf. o ouro

alla Patria . **Andarono e donarono.**
 à pátria Ir-Perf.Ind.3pl. e Doar-Per.Ind.3pl.

Domingo, vamos doar o ouro à pátria. Foram e doaram.

(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

No entanto, note-se que, mesmo quando a informação é inferível, é possível manter a interpretação de função de foco, uma vez que o falante poderia escolher empacotar a informação de outra maneira. No exemplo (27), a personagem poderia ter organizado seu discurso da seguinte maneira: “então, fui-me embora”, em vez de “peguei e fui-me embora”. Porém, ela fez uso de uma CVP para dar ênfase no fato de que foi embora. O mesmo pode ocorrer para o dado (28), em que o narrador poderia ter proferido: “então, doaram”; mas empacotou a informação de maneira que o V2 (*donarono*) ficasse em foco (“foram e doaram”).

4.4 A reanálise das CVPs

Segundo a hipótese de Longhin-Thomazi e Rodrigues (2011), as CVPs teriam se originado a partir de construções coordenadas pelo processo de gramaticalização. A fim de verificar se essa hipótese é válida para o italiano, uma análise diacrônica teria que ser efetuada em trabalhos posteriores.

Considerando-se esta hipótese, as construções fonte teriam sido reanalisadas em contextos específicos até ocorrer a mudança e se chegar às construções alvo. A fim de demonstrar esse processo, os dados analisados a seguir fazem parte de um *cline* sincrônico, isto é, um *continuum* (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Na ponta esquerda do *continuum*, isto é, no lado menos gramaticalizado, encontra-se uma construção coordenada, em que o verbo *prendere* categoriza um objeto, ainda tendo um sentido de posse, mesmo que figurativamente, como pode ser observado no exemplo (29), em que há uma descrição de uma mulher loira e bela, a mãe, simpática; mas não estava bem:

29) Un giorno il marito **la prese e la portò**
 Um dia o marido a Pegar-Perf.Ind.3sg. e a Levar-Perf.Ind.3sg.

in clinica, una clinica psichiatrica.

à clínica, uma clínica psiquiátrica.

Um dia o marido pegou-a e levou-a à clínica, uma clínica psiquiátrica.

(Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

No intermédio do *continuum*, tem-se construções em situação de ambiguidade semântica, visto que ambas as interpretações são possíveis: ou de que a construção seja coordenada, mas com o objeto nulo, ou de que seja uma CVP, que não categoriza objeto. No entanto, em italiano, prototipicamente, seria obrigatória a presença de objeto para explicitar a transitividade do verbo. Assim, há também uma ambiguidade estrutural, em que tem-se a possibilidade de marcar o objeto ou não (menos provável em italiano). Portanto, em italiano, tanto a ambiguidade estrutural quanto a ambiguidade semântica não são tão óbvias quanto em PB, em que é natural ocultar-se o objeto.

30) Contraffeci benissimo la voce di un bambino
 Falsificar-Perf.Ind.1sg. muito bem a voz de um menino

della casa accanto e ripetei più volte cantando:
 de a casa ao lado e Repetir-Perf.Ind.1sg. mais vezes Cantar-Ger.

prendi e leggi, prendi e leggi!
 Pegar-Imp.2sg. e Ler-Imp.2sg. Pegar-Imp.2sg. e Ler-Imp.2sg.
 Falsifiquei muito bem a voz de um menino da casa ao lado e repeti mais vezes cantando:
 pegue e leia, pegue e leia!
 (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

Na ocorrência (30), em que no contexto anterior um dos personagens, em dúvida e aflito, abriu o Novo Testamento para se inspirar na primeira frase, a fim de que orientasse seus pensamentos e sua vida, tanto podemos ter a interpretação de que a personagem pega o Novo Testamento e lê (construção coordenada), quanto podemos interpretar que o verbo *prendere* é usado para focalizar a ação de ler (CVP). Aqui a reanálise está sendo implantada da seguinte maneira: primeiramente entende-se a ocorrência como construção coordenada com duas orações ([prendi] [e leggi]), e em seguida reanalisada e considerada como CVP, em que os dois verbos formam uma única ação ([prendi e leggi]).

No outro extremo do *continuum*, encontram-se as construções já reanalisadas e consideradas, assim, como CVPs:

4) Io **prendo** e **rifugio** nel Buddha,
 Eu Pegar-Pres.Ind.1sg. e Refugiar-Pres.Ind.1sg em o Buda

Io **prendo** e **rifugio** nel Dharma,
 Eu Pegar-Pres.Ind.1sg. e Refugiar-Pres.Ind.1sg em o Dharma

Io **prendo** e **rifugio** nel Sangha.
 Eu Pegar-Pres.Ind.1sg. e Refugiar-Pres.Ind.1sg em o Sangha

Eu pego e refugio no Buda, eu pego e refugio no Dharma, eu pego e refugio no Sangha.
(Subcorpus: MON2001_04/Section: MON2001_04)

Na ocorrência (4), repetida aqui, fica claro que o sujeito utiliza o verbo pegar sem o sentido de tomar posse; este verbo tem a função de focalizar o fato de que o falante toma a decisão de refugiar-se nos dogmas do budismo. Isto é, V1 tem a função de dar ênfase à informação remática de V2.

Assim, o *continuum* (adaptado de Rodrigues, 2009) pode ser realizado da seguinte maneira:

Construções coordenadas ----- construções ambíguas ----- CVPs
(estágio 1: conceito fonte)----- (estágio 2: conceito fonte/alvo)----- (estágio 3: conceito alvo)

4.5 Verbos em posição de V1 nas CVPs *versus* verbos auxiliares

Como vimos, os verbos *andare* e *prendere*, principalmente o primeiro, podem ser encontrados em perífrases verbais. Portanto, estes verbos que ocupam a posição de V1 nas CVPs possuem propriedades em comum com verbos auxiliares. Por outro lado, apresentam algumas propriedades incompatíveis com essa categoria. A partir das propriedades de verbos auxiliares apontadas por Heine (1993) e da análise das CVPs efetuada, pode-se pensar primeiramente nas seguintes propriedades compartilhadas pelo V1 das CVPs e os verbos auxiliares:

- ambos passaram pelo processo de gramaticalização, na medida em que deixam de ser verbo pleno e tornam-se mais gramaticais;
- ambos formam um conjunto fechado de unidades linguísticas. No caso das CVPs no italiano, tem-se o conjunto fechado de V1 com *prendere* e *andare*;
- não são unidades nem claramente lexicais nem claramente gramaticais. Como os verbos partem de um significado mais lexical para um mais gramatical, surgem usos ambíguos, como no exemplo (30) dado acima, em que *prendere* pode ter tanto um sentido lexical – o de pegar o novo testamento – quanto um significado gramatical, em que *prendere* não categoriza mais objeto e tem a função de enfatizar o verbo ‘ler’;
- ambos também ocorrem como verbos principais. Assim, *andare* e *prendere* continuam sendo usados como verbos lexicais, com seus sentidos de movimento (‘ir’) e tomada de posse (‘pegar’), respectivamente: “Eu fui à padaria”; “Eu peguei a caneta”;

- ambos expressam funções gramaticais, mas exibem uma morfossintaxe verbal. Apesar de os verbos em posição de V1 também exibirem uma morfossintaxe verbal, há uma diferença na questão da negação, em que o advérbio de negação *non* precede V2, mas tem escopo sobre toda a construção, como na ocorrência (31), em que esta frase é um preceito ambiental da *Levi's*, declarado durante uma conferência sobre projetos de sustentabilidade:

31) Andate e non lavate i vostri jeans

Ir-Imp e não Lavar-Imp os teus jeans

Vão e não lavem os teus jeans.

(http://www.tgcom24.mediaset.it/green/2014/notizia/-andate-e-non-lavate-i-vostri-jeans-i-precetti-ambientali-secondo-levi-s_2046406.shtml)

- ambos não têm significado próprio ou não contribuem ao significado da sentença, preservando o *status* categorial do verbo principal, no caso dos auxiliares, e do V2, no caso das CVPs (são sinssemânticos e sincategoremáticos ao lexema ao qual eles se aplicam). Assim, nas CVPs, *prendere* deixa ter o significado de “posse” e o verbo *andare* não tem mais a acepção de verbo de movimento. Na ocorrência (32), que é uma narração histórica, o verbo *prendere* não possui objeto, não contribuindo ao significado da sentença e preservando o *status* categorial de *saccheggiare* (‘saquear’), o V2:

32) In seguito si unì a Bruto contro il triumvirato
Em seguida refl. Unir-Perf.Ind.3sg. a Brutus contra o triumvirato

(Ottaviano, Antonio e Lepido), prese e saccheggiò Rodi
(Otaviano, Marco Antônio e Lépido) Pegar-Perf.Ind.3sg. e Saquear-Perf.Ind.3sg. Rodi

e si liberò della minaccia di Ariobarzane di Cappadocia
e refl. Libertar-Perf.Ind.3sg. de a ameaça de Ariobarzanes da Capadócia

sopprimendo-lo.

Suprimir-Ger-ACC.

Em seguida, se uniu a Brutus contra o triumvirato (Otaviano, Marco Antônio e Lépido), tomou e saqueou Rodes e se libertou da ameaça de Ariobarzanes da Capadócia, suprimindo-o. (Subcorpus: MISC/Section: MISCVolumi)

- auxiliares tendem a ocorrer separadamente do verbo principal, assim como o V1 tende a ocorrer separadamente do V2 nas CVPs, podendo ser ligados a algum elemento adjacente – que, no caso das CVPs, seria a conjunção *e*. Não se observa uma fusão morfológica (afixação e cliticização), mas por outro lado, observa-se que estes verbos estão mais juntos, com pouca possibilidade de material interveniente. Como visto, apenas em alguns casos houve a presença de pronomes reflexivos e as partículas italianas *ci* e *ne*. No exemplo (33), tem-se uma notícia

de jornal sobre o naufrágio do navio Concordia, na Itália. O comandante Schettino proferiu a sentença se utilizando de um pronome reflexivo (*me*) e da partícula *ne*, indicando um locativo:

33) La nave si inclinava, io ho preso e me ne sono andato
O navio refl. Inclinat-Imperf.Ind.3sg eu Pegar-Perf.Ind.1sg e refl. part. Andare-Perf.Ind.1sg
O navio se inclinava, eu peguei e fui embora (lit. fui-me de lá).
(<http://www.fanpage.it/concordia-schettino-intercettato-la-nave-si-inclinava-io-ho-preso-e-me-ne-sono-andato/>)

- ambos tendem a ocorrer em uma ordem fixa e em uma posição fixa na oração. Os verbos em posição de V1 ocorrem antes de V2, sem possibilidade de inversão;
- tanto os auxiliares quanto o V1 das CVPs aceitam uma análise de protótipos; assim, quanto mais atributos um item exibir, mais provavelmente corresponderá à noção de um auxiliar prototípico ou de um V1 prototípico.

A seguir, serão apresentadas as principais divergências entre estes tipos de verbos, que nos permite concluir que o V1 das CVPs não pode ser considerado como um verbo auxiliar:

- no que diz respeito à sintaxe, nas CVPs, V1 e V2 compartilham as mesmas flexões verbais, como por exemplo: “Eu peguei e falei aquilo”, em que o V1 ‘peguei’ e o V2 ‘falei’ estão ambos flexionados no pretérito perfeito do indicativo; sendo que os verbos principais em casos de auxiliaridade apresentam-se em formas não-finitas, enquanto só o verbo auxiliar é flexionado, como por exemplo: “Eu tinha falado”, em que o verbo auxiliar ‘tinha’ está flexionado e o verbo principal ‘falado’ está no particípio, uma forma não-finita;
- a concordância de sujeito tende a ser marcada no auxiliar em vez de no verbo principal, como por exemplo: “Ele tinha feito aquilo”, em que o auxiliar ‘tinha’ encontra-se na terceira pessoa do singular, enquanto o verbo principal ‘feito’ mantém-se no particípio sem concordar com o sujeito. Porém, nas CVPs, tanto V1 quanto V2 são flexionados de acordo com o mesmo sujeito, que precede V1, como por exemplo: “Ele foi e fez aquilo”, em que ambos V1 e V2 concordam com o sujeito na terceira pessoa do singular;
- quanto ao quesito da pragmática, propomos a interpretação do V1 de uma CVP como tendo a função de dar ênfase em V2, diferentemente de um verbo auxiliar, que tem a função de carregar toda a informação morfológica relacionada ao predicado, como distinções de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade e negação.

Além disso, a fim de concretizar que o V1 das CVPs não pode ser categorizado como um verbo auxiliar em italiano, seguem-se algumas considerações da gramática italiana sobre verbos auxiliares. De acordo com a *Grammatica Italiana con nozioni di linguistica*, de Maurizio Dardani e Pietro Trifone (1995), os verbos auxiliares que formam tempos verbais

compostos são: *essere* (“ser”) e *avere* (“ter”); que se flexionam em tempo, modo e pessoa e são seguidos por um verbo flexionado no particípio passado (forma nominal), como em: *sono partiti* (“parti”); *ho mangiato* (“comi”).

Segundo Dardani e Trifone (1995), há outros verbos que se comportam como auxiliares: os verbos servis (*servili*) e os verbos fraseológicos (*fraseologici*). Os primeiros são os verbos *potere* (“poder”), *volere* (“querer”), *dovere* (“dever”); seguidos de verbo no infinitivo, e indicam, respectivamente, uma possibilidade (*non ho potuto aiutarlo*, que significa “não pude ajudá-lo”), uma vontade (*Rita vuole dormire*, significando “Rita quer dormir”) e uma necessidade (*sono dovuto tornare*, que significa “devia voltar”). Seriam verbos modais, portanto.

Os verbos fraseológicos, por sua vez, são *stare* (“estar”), *cominciare* (“começar”), *iniziare* (“iniciar”), *continuare* (“continuar”), *seguire* (“seguir”), *finire* (“terminar”), *smettere* (“parar”); que, seguidos de outro verbo (no infinitivo ou no gerúndio), definem um aspecto particular (ação durativa, ingressiva, etc.); podendo também ser analisados como auxiliares aspectuais. Como exemplos de orações com verbos fraseológicos, tem-se: *sto parlando* (“estou falando”), de ação durativa; *sto per parlare* (“estou para falar”), de ação ingressiva; *cominciai a parlare* (“comece a falar”), expressando o início da ação; *continuai a parlare* (“continue a falar”), que mostra o prosseguimento da ação; e *smisi di parlare* (“pare de falar”), que expressa o fim da ação.

Ainda consoante Dardani e Trifone (1995), a voz passiva se dá pelo uso do verbo *essere* como auxiliar, seguido do particípio passado de um verbo: *i ladri sono inseguiti dalla polizia* (“os ladrões foram perseguidos pela polícia”).

Assim, em comparação com os principais verbos auxiliares em italiano (*essere* e *avere*), os verbos que ocupam a posição de V1 nas CVPs estudados aqui (*prendere* e *andare*) possuem em comum com aqueles essencialmente as seguintes propriedades: perdem seu significado lexical; V1 e V2 possuem apenas um sujeito em comum; e V1 e V2 são indissociáveis.

Entretanto, as flexões verbais das construções com verbos auxiliares e das CVPs são incompatíveis. Enquanto o verbo principal de uma construção com verbo auxiliar é uma forma nominal, o V2 de uma CVP possui a mesma flexão verbal do V1. Além disso, apesar de ser um fator em comum o caso de a negação ter escopo sobre todo o conjunto, o advérbio de negação *non* em construções com verbos auxiliares precede estes verbos, sendo que nas CVPs tal advérbio precede V2, não V1.

Portanto, as CVPs não podem ser consideradas como casos de auxiliarização em italiano. Por conseguinte, os verbos *prendere* e *andare*, no que diz respeito ao seu uso em CVPs, não podem ser analisados como verbos auxiliares. Observe a ocorrência (34), em que V1 e V2 compartilham as mesmas flexões modo-temporal e número-pessoal (imperativo/2ª pessoa do singular). Assim, o V1 *andare* não pode ser considerado como um verbo auxiliar, caso contrário, o V2 *fare* teria que ser uma forma nominal. Além disso, V1 não tem a função de carregar as informações de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade e negação; mas sim de enfatizar a proposição de V2, isto é, a proposição de que o personagem deve fazer aquilo que deve, visto que, observando o contexto anterior, o personagem foi denominado protetor de Los Angeles:

34) Allora vai, Dave. **Vai** e **fai** quello
 Agora Ir-Imp.2sg. Dave Ir-Imp.2sg. e Fazer-Imp.2sg. aquilo
 che devi.
 que Dever-Pres.Ind.2sg.
 Agora vá, Dave. Vá e faça aquilo que deve.
 (Subcorpus: NARRAT/Section: NARRATRomanzi)

4.6 Estatuto categorial das CVPs na gramática do italiano

Partindo das propriedades analisadas e das diferenças entre CVPs e auxiliaridade, concluímos que as CVPs representam um desafio para categorização. Embora se aproximem das construções com verbos auxiliares, parecem ser mais bem descritas em termos de serialização, na medida em que:

- Ambos os tipos de construção demonstram ser uma sequência de verbos que agem juntos como um único predicado (cláusulas monoverbais). A diferença aqui é que nas CVPs existem apenas dois verbos envolvidos (V1 e V2), sendo que nas CVSs há a possibilidade de se ter mais verbos.
- Ambos os tipos de construções são monoclausais, não permitindo dependência sintática em seus componentes.
- Em ambos os tipos de construções, são compartilhados o tempo, o aspecto, o modo, a modalidade e o valor de polaridade – podendo haver apenas um advérbio de negação por construção, que no caso das CVPs tem a construção toda como escopo, sendo que nas CVSs pode ter parte da construção como escopo ou a construção toda.

- Em ambos, há um único evento, isto é, todos os verbos se referem a subpartes ou aspectos de um único evento. No exemplo de Baule (CREISSELS, 2000 apud AIKHENVALD, p. 2)²⁰, citado anteriormente, a semelhança com uma CVP é enorme, já que, segundo Aikhenvald, as CVSs deste tipo são estruturas guiadas semanticamente que referem a um evento descrito pelo verbo principal, de uma classe aberta, enquanto o verbo de uma classe fechada simplesmente fornece uma especificação gramatical, por uma trajetória de gramaticalização – exatamente o que acontece com as CVPs.
- As CVSs prototípicas compartilham pelo menos um argumento, sendo que CVSs com sujeitos partilhados são o maior tipo de CVS em qualquer língua e, assim, o compartilhamento de sujeito pode ser considerada uma característica de CVSs prototípicas. E as CVPs, de acordo com os dados analisados, possuem essa propriedade de compartilhamento de sujeito.
- Quanto à função das CVSs, Aikhenvald argumenta que estas são importantes na organização do discurso e no empacotamento da informação. As CVSs podem ajudar a enfatizar vários aspectos de uma ação, elaborando em suas várias facetas. Escolher uma CVS em vez de um predicado monoverbal pode ter outras motivações pragmáticas, como marcar um novo evento. Estas considerações acerca da motivação funcional das CVSs são plenamente compatíveis com a das CVPs. A ocorrência (35) é exemplificativa da motivação funcional das CVPs. Aqui, a ação de que o personagem Markie irá embora é marcada como um novo evento pelo V1 *prenderá*:

35) Markie non rimarrà lì al freddo a
 Markie não Permanecer-Fut.Ind.3sg. ali no frio para

Prender-si una polmonite. **Prenderà** e se ne
 Pegar-Inf.-refl. uma pneumonia. Pegar-Fut.Ind.3sg. e refl. part.

andrà dove fa caldo ed è benaccetto.
 Ir-Fut.Ind.3sg onde Fazer-Pres.Ind.3sg. calor e Ser-Pres.Ind.3sg bem-vindo.
 Markie não permanecerá ali no frio para pegar uma pneumonia. Pegará e irá embora para onde faz calor e é bem-vindo.

(Subcorpus: MON2008_10/Section: MON2008_10)

Na medida em que o V1 das CVPs não é verbo pleno, mas também não pode ser considerado como verbo auxiliar, as CVPs aproximam-se mais com as CVSs, embora este

²⁰ O` -a` -fa` i` swa` n a` -kle` mi`
 he-ant-take his house def ant-show me
 'He has shown me his house' (take-show)

tipo de construção não seja frequentemente descrito numa perspectiva tipológica para as línguas românicas. No entanto, Rodrigues (2006), quando descreveu as CVPs no PB, já sinalizava que este tipo de processo poderia ocorrer nas línguas românicas. Deste modo, assume-se neste trabalho que as CVPs são um tipo de serialização verbal na língua italiana, mesmo que seja um membro menos prototípico da categoria.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados, foi possível fazer um panorama das propriedades estruturais e funcionais das construções verbais paratáticas na língua italiana. Embora este panorama não seja tão amplo devido à dificuldade de se encontrar dados relevantes à pesquisa, sabe-se que estas construções são altamente atestadas na Itália, porém, os *corpora* (CORIS de modalidade escrita, LABLITA de modalidade falada e *Google*) não possuem um recorte muito importante para a pesquisa efetuada neste trabalho, mas já comprovam a existência das CVPs no italiano.

Contudo, é necessário frisar que a contribuição dada por este estudo é de extrema relevância para a área de pesquisa, devido à raridade de trabalhos efetuados com este objeto de estudo, além de que fornece um amplo estudo sobre a língua italiana.

Neste trabalho, as CVPs analisadas no italiano possuem verbos em posição de V1 *andare* e *prendere*. Estes verbos passam, claramente, por modificações semânticas, sintáticas e pragmáticas, isto é, seu significado é alterado, suas propriedades sintáticas são diferentes e sua função no discurso também modifica-se. Em outras palavras, tais verbos encontram-se em processo de gramaticalização.

Porém, notou-se, pelo menos a partir dos dados analisados, que este processo não está completo. O nível de gramaticalidade não seria máximo, devido a alguns fatores, como: as CVPs analisadas aqui não ocorrem em todos os tempos e modos verbais; há, na maior parte dos casos, a presença da conjunção *e* entre V1 e V2; há a possibilidade de presença de materiais intervenientes entre V1 e V2, como os pronomes reflexivos, as partículas italianas *ne* e *ci* e o advérbio de negação *non*.

Os verbos auxiliares, em geral, por sua vez, já completaram o processo de gramaticalização, uma vez que possuem os paradigmas dos tempos e modos verbais e das pessoas do discurso completos, além de que não permitem nenhum tipo de vocábulo entre eles e os verbos principais.

No que se refere ao estatuto categorial das CVPs, pode-se concluir que estas construções são idiossincráticas na gramática do italiano, isto é, constituem-se em um tipo de predicação complexa não previsível no âmbito da gramática tradicional italiana, já que se diferenciam das construções com verbos auxiliares já descritas na língua. Notou-se que não podem ser consideradas como casos de auxiliaridade, uma vez que suas diferenças são extremamente evidentes.

Na verdade, defende-se aqui que as CVPs sejam construções como as CVSs, isto é, que as construções verbais paratáticas sejam consideradas como um tipo de serialização verbal na língua italiana, haja vista tamanha semelhança entre suas propriedades – o que diverge da opinião de autores que afirmam que as CVSs não ocorrem em línguas indo-europeias. No entanto, notaram-se algumas diferenças entre as CVPs e as CVSs, o que indica que as CVPs podem ser consideradas como um membro menos prototípico da categoria de CVSs, seguindo a análise de protótipos proposta por Rosch (1978), em que podem existir membros com menos propriedades em comum com membros mais prototípicos. Assim, propõe-se aqui um novo *continuum* da predicação complexa, adicionando as CVPs:

Oração subordinada ----- serialização verbal / CVP ----- perífrase auxiliar

Defende-se aqui também que as CVPs no italiano sejam analisadas como construções de foco, uma vez que o V1, que seria o Tema, tem a função de enfatizar a proposição de V2, que seria o Rema, uma informação nova ou, em alguns casos, inferível; construção que representa semanticamente uma tomada de decisão ou uma quebra de expectativa.

Como sugestão de trabalhos futuros, destaco a importância de se realizar uma pesquisa diacrônica das CVPs para que se possa comprovar a mudança ocorrida ao longo do tempo e para que se possa certificar no italiano a hipótese de Longhin-Thomazo e Rodrigues (2011) de que as CVPs se originaram a partir de construções coordenadas pelo processo de gramaticalização, por meio do mecanismo de reanálise. Futuros trabalhos também seriam necessários para averiguar se de fato as CVPs com o verbo *andare* na posição de V1 representam uma formalidade maior em relação ao verbo *prendere* na mesma posição.

Além disso, seria interessante efetuar uma busca com outros verbos em posição de V1, como por exemplo *afferrare* (“agarrar”), *togliere* e *pigliare* (“tomar”), já que verbos semelhantes foram atestados em outras línguas (espanhol e português). Uma outra análise relevante a se fazer seria averiguar se nos inúmeros dialetos italianos, este padrão das CVPs se repete, uma vez que Rohlf (1954 *apud* COSERIU, 1977), como já foi mencionado, documentou verbos como: *pigliare*, nos dialetos meridionais; *pigare*, no dialeto sardo; *ciapà*, em vêneto; e, por fim, *togliere*, em lombardo-alpino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, A. Y. *Serial verb constructions: A cross-linguistic typology*. New York: Oxford University Press, 2006.
- ALSINA, A. *et. al.* Complex predicates: structure and theory. In: _____. *Complex predicates* Stanford: CSLI publications, 1997.
- ARNAIZ, A.; CAMACHO, J. “A Topic Auxiliary in Spanish”. In: Gutiérrez-Rexach, J. & Martínez-Gil, F. (eds.) *Advances in Hispanic Linguistics*. Boston: Cascadilla Press, 1999.
- BARDDAL, J. *Productivity: Evidence from case and argument structure in Icelandic*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- BERTINETTO, P.M. Il verbo. In: RENZI, L.; SALVI, G. *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. vol. II. Bologna: Il Mulino, 1991.
- CARVALHO, C. dos S. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Universidade Estadual de Campinas, 2004. Tese de doutorado, UFBA.
- CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, C. (ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.
- COELHO, C. M. *Construções com o verbo agarrar em Português Brasileiro e Europeu*. Uberlândia, 2013. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia.
- COSERIU, E. Structure lexicale et enseignement du vocabulaire. In: Actes du premier colloque international de linguistique appliquée. Nancy, 1966. p. 175-217.
- _____. Tomo y me voy. Um problema de sintaxis comparada europea. In: _____. *Estudios de Lingüística Románica*. Madrid: Editorial Gredos, 1977. p. 79-152.
- CREISSELS, D. ‘Typology’. In: HEINE, BERND; NURSE, DEREK (eds.). *African Languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 231–258.
- CRISTOFARO, S. *Subordination*. New York: Oxford University Press, 2003.
- CROFT, W. *Explaining Language Change: An Evolutionary Approach*. Harlow: Longman, 2000.
- _____. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- DARDANI, M.; TRIFONE, P. *Grammatica Italiana con nozioni di Linguistica*. 3ed. Bologna: Zanichelli, 1995.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

DURIE, M. Grammatical structures in verb serialization. In: ALSINA, A. *et. al* (eds.). *Complex predicates*. Stanford: CSLI publications, 1997.

ENCICLOPEDIA TRECCANI DELLA LINGUA ITALIANA. Disponível em: www.treccani.it/enciclopedia/. Acesso em: 10 out. 2014.

FALWORTH, O. *Capirsi, stimarsi, amarsi*. Roma: Splendidamente, 2011.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R. D. Serialization and the lexicon. In: _____. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FOLEY, W.; OLSON, M. Clausehood and verb serialization. In: NICHOLS, J.; WOODBURY, A. C. (eds). *Grammar inside and outside the clause: Some approaches to theory from the field*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 17-60.

GEBRUERS, R. Functional grammar: a useful thinking tool for machine translation research. Leuven: University of Leuven, 1987.

GIVÓN, T. “Serial verbs and syntactic change: Niger Congo”. In: LI, Charles (ed.). *Word order and word order change*. Austin: University of Texas Press, 1975. p. 49-111.

_____. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. I

GOLDBERG, A. E. Constructions. In: _____. *A constructional grammar approach to argument structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006

GOMES, F. N. R. *A perífrase verbal andare a + infinito em discursos políticos italianos da atualidade*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro/RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

GONÇALVES *et al.* (org). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

HALLYDAY, M. A. K. Notes on Transitivity and Theme in English, Parts 1–3. In: *Journal of Linguistics*, 1967-68.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HEINE, B. *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

_____. Grammaticalization. In: Brian D. Joseph & Richard D. Janda (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003. p. 575-601.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B (org.). *Approaches to Grammaticalization*, Vol.1- *Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1991.

_____. *Hendiadys and Auxiliation in English*. In: BYBEE, J., NOOMAN, M. (eds.) *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson*. Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 145–173.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. (2. ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LANGACKER, R. W. Cognitive grammar. In: VERSCHUEREN *et. Al.* (eds.). *Handbook of Pragmatics Online*. 2003.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p.181-225.

_____. *Thoughts on Grammaticalization*. München: Lincon Europa, 2002.

LODRUP, H. The syntactic structures of Norwegian pseudocoordinations. In: *Studia Linguistica*, vol 56, ed. 2, 2002; p. 121-143.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. ; RODRIGUES, A. T. C. Coordenação em foco: relações pragmáticas de foco em construções complexas. In: *Lusorama*, v. 85-86, 2011; p. 107-136.

LONGO, B. de O.; CAMPOS, O. de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S (orgs.). *Gramática do português falado: Novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-477 (vol. 8).

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.

NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. In: *Annual Reviews Anthropol.* 13:, 1984. p. 97-117.

PAWLEY, A. Encoding events in Kalam and English: different logics for reporting experience. In: TOMLIN, R. S. (ed.). *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.

PAWLEY, A.; LANE, J. From event sequence to grammar: Serial verb constructions in Kalam. In: SIEWIERSKA, A.; SONG, J. J. (eds.). *Case, Typology and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.

PRINCE, E. F. Toward a Taxonomy of Given-New Information. In: COLE, P. (ed.). *Radical Pragmatics*. Academic Press, New York, 1981.

PULLUM, G. K. Constraints on intransitive quasi-serial verb constructions in modern colloquial English. In: JOSEPH, B. D.; ZWICKY A. M. (eds.): *When verbs collide*: papers from the 1990 Ohio State mini-conference on serial verbs. Ohio State Working Papers in Linguistics, nº 39, 1990.

PULLUM, G.; WILSON, D. Autonomous syntax and the analysis of auxiliaries. *Language* 53, 1977. p. 741-788.

RODRIGUES, A. T. C. *Eu fui e fiz esta tese: as construções do tipo foi fez no Português do Brasil*. Campinas, 2006. Tese de doutorado, Unicamp.

_____. Sobre a emergência de construções: evidências translinguísticas. *Letras & Letras* (UFU, impresso), v. 27, p. 111-125, 2011.

_____. *Gramaticalização de construções em línguas românicas*. Araraquara, 2011. Projeto de Pesquisa. FCL/Unesp. Triênio 2011-2013.

RODRIGUES, A. T. C.; COELHO, C. M. As construções verbais paratáticas: gramaticalização em Português Europeu. In: *Revista portuguesa de humanidades* 16 (1). p. 175-196.

STEFANOWITSCH, A. "The English go-(PRT)-and-VERB construction". Proceedings of the Twenty-sixth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society, February 18-21, 2000, University of California, Berkeley, 2000.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York: Oxford University Press, 1995.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and Construction Grammar. In: Castilho, Ataliba T. de (org). *História do Português Paulista*. Série Estudos, Vol. 1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Construcional Change*. Oxford: Oxford Press, 2013.

VAN VALIN, R. D.; LAPOLLA, R. J. *Syntax: Structure, Meaning, and Function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*. New York: Macmillan, 1953.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ASCOLI, G. A. *Un problema di sintassi comparata dialettale*. Agi, 1896.
- BAKER, M. C. Object sharing and projection in serial verb constructions. In: *Linguistic Inquiry* (v. 20), 1989. p. 513–53.
- BERLIN, B.; KAY, P. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley: University of California Press, 1969.
- BOWDEN, J. *Taba: description of a South Halmahera language*. Canberra: Pacific Linguistics, 2001.
- BRUCE, L. Serialisation: from syntax to lexicon. In: *Studies in Language* (v. 12), 1988. p.19-49.
- GIVÓN, T. *Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field*. CLS, v. 7, 1971.
- _____. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. v. I
- _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- _____. *Constructions: A New Theoretical Approach to Language*. In: *Trends in Cognitive Science* (v. 7), 2003; p. 219-224.
- HOPPER, P. J. Emergent Grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*, vol. 13, 1987. p. 193-157
- HYMAN, L. Consecutivization in Fe'Fe'. *Journal of African Languages*. 10.2. 1971. p. 29-43.
- KAZENIN, K. I.; TESTELETS, Y. G. Where coordination meets subordination: Converb constructions in Tsakhur (Daghestaniam). In: HASPELMATH, M. (ed.). *Coordinating constructions*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2004.
- LEHMANN, C. *Gramática Funcional*. 2011. Disponível em:
<http://www.christianlehmann.eu/publ/gramatica_funcional.pdf> Acesso em: 14 Ago. 2013.
- LORD, C. Igbo verb compounds and the lexicon. *Studies in African Linguistics* 6, 1975; p. 23-48.
- MACWHINNEY, B. The dinosaurs and the ring. In: CORRIGAN, R.; LIMA, S.; NOONAN, M. (eds.). *The reality of linguistic rules*. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 283-320.
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Cunha, M.A.F.; M.R. Oliveira & M.E. Martelotta (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOPEN, T. (ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985; v. 2, p. 42-140.

RODRIGUES, A. T. C. Ir e pegar nas construções do tipo foi fez: gramática de construções de contexto de gramaticalização. In: Ataliba Castilho (org.). *História do Português Paulista*. Série de Estudos, Vol 1: 267-278. Campinas/SP: Setor de Publicações do IEL/UNICAMP, 2009.

_____. Sobre a emergência de construções: evidências translinguísticas. In: *Revista Letras & Letras*. Volume temático: Construções emergentes. Uberlândia: Edufu, vol. 27, n. 1:, 2011. p. 111-125.

ROHLFS, G. *Griechischer Sprachgeist in Südtalien*. Munich, 1947.

_____. *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten*. Berna, 1954.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, E; LLOYD, B. B. (eds.): *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978.

SCHILLER, E. *The typology of serial verb constructions*. CLS 26, 1990. p. 393–406.

SORRENTO, L. Continuità latina e innovazioni romanze nei costrutti sintattici coi verbi di movimento specialmente nelle parlate italiane. In: _____. *Sintassi romanza*. Ricerche e prospettive. Varese: Milán, 1949.

STEFANOWITSCH, A. The Go-and-Verb Construction in a cross-linguistic perspective: Image-Schema Blending and the Construal of Events. In: Nordquist, D. & Berkenfield, C. *Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference*. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society, 1999.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in Grammaticalization. In: Joseph, B.; R. D. Janda. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003.